UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-PPGLETRAS

ISRAEL FERREIRA SANTOS

“EU NÃO FALO ASSIM, MAS ELES FALA”: UMA ANÁLISE GEOSSOCIOLINGUÍSTICA DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA MESORREGIÃO NORTE MARANHENSE

São Luís - MA

2021

ISRAEL FERREIRA SANTOS

“EU NÃO FALO ASSIM, MAS ELES FALA”: UMA ANÁLISE GEOSSOCIOLINGUÍSTICA DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA MESORREGIÃO NORTE MARANHENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras - Mestrado em Letras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos

São Luís - MA

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Ferreira Santos, Israel.
EU NÃO FALO ASSIM, MAS ELES FALA: : UMA ANÁLISE GEOSSOCIOLINGUÍSTICA DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA MESORREGIÃO NORTE MARANHENSE / Israel Ferreira Santos. - 2021.
137 p.

Orientador(a): Georgiana Márcia Oliveira Santos.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Concordância verbal de terceira pessoa do plural. 2. Dialetologia. 3. Geossociolinguística. 4. Mesorregião norte maranhense. 5. Variação. I. Oliveira Santos, Georgiana Márcia. II. Título.

ISRAEL FERREIRA SANTOS

“EU NÃO FALO ASSIM, MAS ELES FALA”: UMA ANÁLISE GEOSSOCIOLINGUÍSTICA DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA MESORREGIÃO NORTE MARANHENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras - Mestrado em Letras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: 17/ 08/ 2021

_____

Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos - UFMA

(Orientadora)

_____

Profa. Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott - UFSC

(Examinadora externa)

_____

Profa. Dra. Cibelle Correa Béliche Alves - UFMA

(Examinadora interna)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, o nosso criador, sem o qual não conseguiria ser o que sou e nem estar onde estou. A Ele sou grato porque me tem guiado por esta longa jornada da vida, alimentando-me com sua misericórdia e seu amor.

Agradeço à minha mãe, a Dona Zenir, pelo apoio e pelas constantes orações a meu favor. Ela que, desde o início da minha, vida tem servido de exemplo do que é ser uma pessoa guerreira e temente a Deus. O seu amor e carinho tem se exalado por onde ela passa, e isso faz com que seja uma pessoa muito amada por todos que a conhecem.

À minha irmã-mãe, Maria de Jesus, que carinhosamente chamamos de Lena, que desde a minha chegada à capital maranhense sempre esteve ao meu lado, dando-me apoio nos momentos mais difíceis. Sem seu apoio e seus conselhos, eu não seria nem a metade da pessoa que me tornei.

Ao meu mais que amigo Elan Pereira França que sempre esteve ao meu lado durante toda essa caminhada. Que me acompanhou bem de perto em todas as etapas deste estudo. Presenciou meus momentos de alegria, tristeza e apreensão. Suportou-me enquanto estava estressado e me deu palavras de conforto quando pensei que não iria conseguir. Sou grato por tudo que pudeste fazer por mim. Sem a sua ajuda não conseguiria me dedicar da forma que me dediquei a este trabalho.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Georgiana Márcia, por quem tenho um carinho enorme, não, apenas, por ser minha orientadora, mas pelo exemplo de pessoa que se mostrou ser. Com ela aprendi a ser uma pessoa melhor. Aprendi a ser paciente e persistente. Aprendi também que nossa humildade nos leva a lugares nunca antes imaginados. Finalizo esta etapa de minha formação imensamente agradecido a Deus por permitir que minha orientação fosse realizada por uma pessoa que me fez acreditar que tudo é possível quando nos dedicamos a fazer algo com esmero e compromisso.

Agradeço, também, a todos os meus familiares e amigos que sempre acreditaram em mim e oraram a meu favor para que eu pudesse ter mais essa conquista em minha vida, não citarei o nome de cada um para não ser injusto, mas, sintam-se todos acolhidos neste agradecimento.

Quero, também, agradecer de modo muito especial ao meu amigo Thiago Augusto que no início me ajudou bastante com o meu projeto de mestrado, dando-me valiosas contribuições e orientações sobre o que é fazer um mestrado.

Ao meu diretor do IFMA/Campus Viana, Prof. Dr. Fábio Lustosa, e a Jodelma Castelo Branco, obrigado pelo apoio dado quando souberam de minha aprovação no PPGLetras. Senti-me fortalecido e encorajado a enfrentar com todas as forças essa árdua tarefa de fazer um mestrado.

Quero também dedicar meus agradecimentos à família GELMIC. Neste grupo de estudos e pesquisas, encontrei pessoas fenomenais que sempre me deram apoio e força para seguir. Agradeço, de modo especial, a dois membros: Larissa Francisca e Francimone Dutra, duas pessoas que fizeram muita diferença na minha vida durante todo esse tempo. Choramos e sorrimos juntos. Duas pessoas de coração enorme que são exemplos do que é ser companheiras. Jamais esquecerei das ajudas que me deram ao longo desses estudos.

Aos meus queridos colegas da turma mais que especial, Wanessa Soares, Marcos Aurélio Oliveira, Danilo Tavares, Isabel Cristine, Fábio Araújo e Arielson Tavares. Agradeço a cada um pelos momentos de aprendizagem, risos, barzinhos, tristezas, etc., que passamos juntos. Vocês são pessoas mais que especiais para mim.

Agradeço ainda aos meus colegas Layane Késia, Gabriel Pereira, Andreza Luana e Demócrito Rios pelos socorros que me deram em momentos difíceis desta jornada. Aprendi muito com cada um deles. São pessoas com as quais se pode contar para o que der e vier.

À querida Profa. Dra. Conceição Ramos que me fez ver na Dialetologia um caminho prazeroso para o desenvolvimento da minha pesquisa no estado do Maranhão. Saio de mais uma etapa de minha vida acadêmica levando comigo muitos de seus valiosos ensinamentos.

Aos queridos professores do PPGLetras com quem tive contato em cada disciplina cursada e com os quais aprendi muito sobre o que é ser pesquisador e o que é desenvolver um trabalho de excelência na carreira profissional.

Agradeço, ainda, às professoras que aceitaram constituir a minha banca, Profa. Dra. Isabel de Oliveira Monguilhott, cujos trabalhos serviram valiosamente

de base para o desenvolvimento de minha pesquisa, e à Profa. Dra. Cibelle Béliche que me fez ter um apreço pela sociolinguística e descobrir que é prazeroso trabalhar com programas computacionais no tratamento dos dados.

RESUMO

Por vir se apresentando como uma das características identitárias do Português Brasileiro (doravante PB), em função de uma variada e diversificada gama de fatores que a geram, a variação da concordância verbal, já há algum tempo, vem recebendo atenção especial de pesquisadores de várias partes do país, como Lemle e Naro (1977); Scherre e Naro (1993, 2007); Monguilhott (2001, 2009); Monguilhott e Coelho (2002); Cardoso (2005); Oliveira (2005); Monte (2007); Faria (2008); Welchen (2009); Carvalho (2018), entre outros. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo principal investigar, à luz da Dialetologia e da Geolinguística – Coseriu (1982); Chambers e Trudgill (1994); Ferreira e Cardoso (1994); Cardoso (2010); Elizaicin (2010); Thun (2017) – e da Sociolinguística Variacionista – Weinreich, Labov e Herzog (2006); Tarallo (2007); Labov (2008); Mollica (2015) – a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural (doravante CV3PP) na mesorregião norte do Maranhão, mais especificamente, nos municípios de São Luís, Raposa e Pinheiro, com base nos dados de fala coletados pelo Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA). Para o satisfatório desenvolvimento deste estudo, uma vez que não há uma pergunta específica no questionário geral do ALiMA que atenda, diretamente, o objetivo principal da nossa investigação, consideramos todas as partes constitutivas do questionário do ALiMA para o levantamento do *corpus* da nossa pesquisa. Após revisarmos as transcrições realizadas pela equipe do ALiMA e realizarmos transcrições de alguns trechos dos inquéritos de São Luís, Raposa e Pinheiro, analisamos criteriosamente 16 inquéritos: 08 de São Luís, 04 de Raposa e 04 de Pinheiro. Os informantes desses municípios atenderam ao seguinte perfil: naturalidade – naturais das localidades investigadas; idade – faixa etária I, de 18 a 30 anos, e faixa etária II, de 50 a 65 anos; sexo – homem e mulher; e escolaridade – ensino fundamental incompleto e superior, sendo este último considerado, apenas, na capital São Luís. Ao todo, identificamos 1.171 dados de fala que foram submetidos à análise quantitativa, por meio do programa computacional Goldvarb X (Sankoff, Tagliamont e Smith, 2005; Guy e Zilles, 2007), e geraram cartas linguísticas para melhor visualização da distribuição das variáveis linguísticas e extralinguísticas nos espaços maranhenses investigados. Assim, a fim de observarmos o comportamento do fenômeno, foram consideradas, nesta investigação, as variáveis linguísticas – posição do sujeito em relação ao verbo, tipos de verbo, traço semântico do sujeito, saliência fônica das formas verbais e paralelismo formal – e as variáveis extralinguísticas – sexo, faixa etária, escolaridade e localidade. Como resultados, em uma rodada geral, sem o grupo de fatores escolaridade, o Goldvarb X indicou que os grupos de fatores linguísticos, posição do sujeito em relação ao verbo, traço semântico do sujeito, saliência fônica e paralelismo formal, respectivamente, mostraram-se relevantes para o uso de marcas da CV3PP. Apenas o grupo de fatores linguístico tipo de verbo foi desconsiderado pela rodada estatística. Quanto aos fatores extralinguísticos, o programa considerou que apenas os grupos de fatores localidade e sexo influenciam o uso marcado da CV3PP. Como São Luís é a única localidade que considerou dois níveis de escolaridade na escolha de seus informantes, fizemos uma rodada separada para esse município na qual o fator extralinguístico escolaridade foi selecionado como o mais relevante para o uso marcado da CV3PP nessa localidade; em seguida, vieram os grupos de

fatores linguísticos traço semântico do sujeito e saliência fônica, respectivamente. De uma forma geral, entre os principais resultados obtidos nesta investigação, evidenciamos que a influência exercida, por exemplo, pelos grupos de fatores sexo e tipo de verbo apresentou comportamentos distintos daqueles encontrados em outros estudos sobre a CV3PP no PB.

Palavras-Chave: Concordância verbal de terceira pessoa do plural; Variação; Dialetologia; Geossociolinguística; Mesorregião norte maranhense.

ABSTRACT

The variation in verb agreement has been identified as one of the identitarian traits of the Brazilian Portuguese (known as BP) for a diversified group of factors which lead to it. Based on that, this variation has been studied by a huge number of scholars, such as Lemle and Naro (1977); Scherre and Naro (1993, 2007); Monguilhott (2001, 2009); Monguilhott and Coelho (2002); Cardoso (2005); Oliveira (2005); Monte (2007); Faria (2008); Welchen (2009); Carvalho (2018), and so on. For this reason, this research aims to investigate the variation in verb agreement for third person plural (known as CV3PP) in Maranhão's North mesoregion, especially in the cities of São Luís, Raposa and Pinheiro based on the collected data by the Atlas Linguístico do Maranhão project (ALiMA). This work is supported by the principles of the Dialectology Geolinguistic - Coseriu (1982); Chambers and Trudgill (1994); Ferreira and Cardoso (1994); Cardoso (2010); Elizaicin (2010); Thun (2017) - as well as the Variationist Sociolinguistic - Weinreich, Labov and Herzog (2006); Tarallo (2007); Labov (2008); Mollica (2015). In addition, as a consequence of the absence of one specific question on the ALiMA questionnaire which attends completely to this study topic, it has been considered all the constitutive parts of the ALiMA questionnaire to the construction of the corpus of the presented research. Then, after revising the transcriptions of the ALiMA data and applying some new transcriptions to São Luís, Raposa and Pinheiro's inquiries, this study analyzed 16 inquiries: 8 from São Luís, and 4 from each one of the other cities mentioned. These cities' informants' profile are divided in: place of birth - one of three cities on the corpus; age group - I (from 18 to 30 years old), or II (from 50 to 65 years old); gender - male or female; level of education - any uncompleted elementary school or any college graduation in São Luís. In total there were produced 1171 oral speech data and they have been submitted to quantitative analysis at the Goldvarb X computer program (Sankoff, Tagliamont and Smith, 2005; Guy and Zilles, 2007), which resulted in linguistic maps aiming to visualize better the distributions of linguistic and extralinguistic variations into the observed cities in Maranhão. In order to analyse the phenomenon, it has been considered under this research both linguistic and extralinguistic variations, subject position, semantic feature of the subject, verb types, phonic salience of the verb, and formal parallelism as linguistic ones, and gender, age, level of education and place of birth as the extralinguistic. As a result of an analysis excluding the level of education factor, Goldvarb X pointed out that the linguistic group of factors seems to be relevant to the CV3PP occurrence, except that the verb type group of factors was not considered under this analysis. On the other hand, in an analysis covering the extralinguistic factors, the computer program affirmed that only the place of birth and gender factors can influence this verb agreement variation. For its two levels of education informants' factors, the studies about São Luís only resulted in the schooling extralinguistic factor displaying as the most relevant factor to the CV3PP occurrence. When it comes to linguistic factors in São Luís, the dominant ones were the semantic feature of the subject followed by the phonic salience of the verb. Although among these main results, the influence of the gender and verb types factors attested distinct data from the previous ones about the CV3PP in the Brazilian Portuguese.

Key-words: Verb agreement for third person plural. Variation. Dialectology. Geo Sociolinguistic. Maranhão's North mesoregion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Divisão das mesorregiões do Maranhão.....	55
Figura 2 -	Localização do município de São Luís	56
Figura 3 -	Localização do município de Raposa	58
Figura 4 -	Localização do município de Pinheiro	59
Imagem 1 -	Vista aérea da cidade de São Luís	57
Imagem 2 -	Vista aérea da cidade de Raposa	59
Imagem 3 -	Vista aérea da cidade de Pinheiro	60
Quadro 1 -	Rede de pontos do Atlas Linguístico do Maranhão	72
Gráfico 1 -	Percentual da distribuição geral dos dados	81
Gráfico 2 -	Comparativo de ocorrências de presença/ausência de marcas da CV3PP em nossa pesquisa e em outras pesquisas sobre esse fenômeno no PB	84
Gráfico 3 -	Cruzamento entre os fatores traço semântico do sujeito e posição do sujeito em relação ao verbo.....	93
Gráfico 4 -	Cruzamento entre os fatores localidade e sexo.....	109
Gráfico 5 -	Cruzamento entre os fatores escolaridade e sexo.....	114
Gráfico 6 -	Cruzamento entre os fatores saliência fônica e faixa etária.	123
Gráfico 7 -	Cruzamento entre os fatores e sexo e faixa etária.....	124
Gráfico 8 -	Cruzamento entre os fatores escolaridade e faixa etária.....	126

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Paradigma de conjugação do verbo *cantar* no presente do modo indicativo 26

Tabela 2 - Paradigma de conjugação do verbo *dever* no português popular do Brasil segundo Teyssier (1989) 27

Tabela 3 - Mapeamento de possíveis realizações fonéticas para marcação explícita de pluralidade na terceira pessoa do plural 29

Tabela 4 - Distribuição geral dos dados na mesorregião norte maranhense 81

Tabela 5 - Comparativo de ocorrências de presença/ausência de marcas da CV3PP em nossa pesquisa e em outras pesquisas sobre esse fenômeno no PB 83

Tabela 6 - Frequência e probabilidade de marcas da CV3PP de acordo com a posição do sujeito em relação ao verbo..... 87

Tabela 7 - Frequência e probabilidade de marcas da CV3PP de acordo com o traço semântico do sujeito..... 90

Tabela 8 - Frequência e probabilidade de marcas da CV3PP de acordo com a saliência fônica..... 95

Tabela 9 - Frequência e probabilidade de marcas da CV3PP de acordo com o paralelismo formal..... 100

Tabela 10 - Frequência e probabilidade de marcas da CV3PP de acordo com a localidade..... 102

Tabela 11 - Frequência e probabilidade de marcas da CV3PP de acordo com o sexo..... 106

Tabela 12 - Frequência e probabilidade de marcas da CV3PP de acordo com o nível de escolaridade em São Luís..... 111

Tabela 13 - Probabilidade de ocorrência de marcas da CV3PP de acordo com o tipo de verbo..... 116

Tabela 14 - Probabilidade de ocorrências de marcas da CV3PP de acordo com a faixa etária..... 119

LISTA DE CARTAS LINGUÍSTICAS

Carta linguística 1 -	Carta introdutória com redes de pontos do ALiMA na mesorregião norte maranhense.....	86
Carta linguística 2 -	Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com a posição do sujeito em relação ao verbo.....	88
Carta linguística 3 -	Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com o traço semântico do sujeito.....	91
Carta linguística 4 -	Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com a saliência fônica	97
Carta linguística 5 -	Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com o paralelismo formal.....	101
Carta linguística 6 -	Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com a localidade.....	103
Carta linguística 7 -	Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com o sexo.....	107
Carta linguística 8 -	Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com a escolaridade.....	112
Carta Linguística 9 -	Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com o tipo de verbo.....	117
Carta linguística 10-	Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com a faixa etária.....	120

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 17

2 A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PB 24

2.1 Alguns estudos sobre a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro 29

3 DIALETOLOGIA, GEOLINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA: contribuições aos estudos da variação linguística no PB 36

3.1 A Dialetologia em foco 36

3.2 A Geolinguística como método de investigação da Dialetologia 40

3.2.1 A Geolinguística Pluridimensional 45

3.2.1.1 O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e o Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA): dois frutos da Geolinguística Pluridimensional 47

3.3 A Sociolinguística variacionista e sua contribuição aos estudos dialetológicos 49

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA 54

4.1 A mesorregião norte maranhense 54

4.1.1 O município de São Luís 56

4.1.2 O município de Raposa 57

4.1.3 O município de Pinheiro 59

4.2 O envelope de variação para realização do estudo 60

4.2.1 Variáveis dependentes 61

4.2.2 Variáveis independentes 62

4.2.2.1 As variáveis linguísticas 62

4.2.2.1.1 Posição do sujeito em relação ao verbo 62

4.2.2.1.2 Tipos de verbos 63

4.2.2.1.3 Traço semântico do sujeito 64

4.2.2.1.4 Saliência Fônica 65

4.2.2.1.5 Paralelismo formal 67

4.2.2.2 As variáveis extralinguísticas 68

4.2.2.2.1 Localidade 69

4.2.2.2.2 Sexo 70

4.2.2.2.3 Faixa etária 70

4.2.2.2.4 Escolaridade..... 71
4.3 O *corpus* da pesquisa..... 72
4.4 Os pontos de inquérito..... 73
4.5 Os informantes..... 74
4.6 Transcrição e tratamento estatístico dos dados..... 74
4.7 Contextos de restrição..... 76
4.8 As cartas linguísticas..... 77
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS..... 79
5.1 Variáveis selecionadas pelo programa Goldvarb X na rodada geral dos dados..... 86
5.1.2 Posição do sujeito em relação ao verbo..... 87
5.1.3 Traço semântico do sujeito..... 89
5.1.4 Saliência fônica..... 94
5.1.5 Paralelismo formal..... 99
5.1.6 Localidade..... 102
5.1.7 Sexo..... 106
5.1.8 Escolaridade..... 110
5.2 Variáveis não selecionadas na rodada do Goldvarb X..... 115
5.2.1 Tipos de verbo..... 116
5.2.3 Faixa etária..... 119
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 127
REFERÊNCIAS..... 132

1 INTRODUÇÃO

A concordância verbal no português brasileiro, doravante PB, tem sido objeto de considerável atenção de pesquisadores, principalmente, à luz da Sociolinguística e da Dialetologia. A título de exemplo, mencionamos os trabalhos desenvolvidos por Lemle e Naro (1977); Scherre e Naro (1993, 2007); Monguilhott (2001, 2009); Monguilhott e Coelho (2002); Cardoso (2005) Oliveira (2005), Faria (2008); Monte (2007); Welchen (2009); Carvalho (2018), entre outros. Os resultados desses estudos, resguardadas as devidas particularidades de propósitos, fundamentação teórica e procedimentos metodológicos, revelam que, em geral, a concordância verbal tem se apresentado como um fenômeno bastante variável no PB.

No que tange, especificamente, à investigação da concordância verbal de terceira pessoa do plural, doravante CV3PP, Lemle e Naro (1977) são apontados como pesquisadores pioneiros. Esses autores investigaram a CV3PP na cidade do Rio de Janeiro com o propósito de identificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciavam a variação desse fenômeno na fala dos cariocas. Essa pesquisa desencadeou várias outras sobre a variação desse fenômeno nos demais estados e regiões do país.

Consequentemente, o avanço dos estudos sobre a CV3PP no PB possibilitou que, além dos fatores linguísticos e extralinguísticos apontados por Lemle e Naro (1977), outros fatores – como a constituição do sintagma nominal, o tipo de verbo, o material interveniente entre sujeito e verbo, a classe social, o paralelismo linguístico, etc. – também fossem considerados como fatores desencadeadores de variação desse fenômeno.

Assim, pesquisas – como a realizada por Monguilhott (2009) – apontaram a influência de fatores extralinguísticos, como por exemplo o espaço geográfico, sobre a variação da CV3PP no PB, e, considerando os fatores linguísticos, pesquisas – como a de Oliveira (2005) – evidenciaram o traço semântico do sujeito como fator influenciador.

A fim de contribuirmos com as pesquisas realizadas sobre os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a variação da concordância verbal no PB e, mais particularmente, a variação da CV3PP no estado do Maranhão, este estudo tem como objetivo principal investigar os fatores linguísticos e

extralinguísticos influenciadores da variação da CV3PP na mesorregião norte maranhense, mais especificamente, nos municípios de São Luís, Pinheiro e Raposa, considerando os dados coletados pelo projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA).

Para o desenvolvimento deste estudo, nos pautamos nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística – Coseriu (1982); Chambers e Trudgill (1994); Ferreira e Cardoso (1994); Cardoso (2010); Elizaicin (2010); Thun (2017) – e da Sociolinguística Variacionista – Weinreich, Labov e Herzog (2006); Tarallo (2007); Labov (2008); Mollica (2015).

Com relação à CV3PP, baseamo-nos, sobretudo, nos estudos de Lemle e Naro (1977); Scherre e Naro (1993, 1998, 2007); Monguilhott (2001, 2009); Monguilhott e Coelho (2002); Cardoso (2005); Oliveira (2005); Monte (2007); Faria (2008); Welchen (2009); Carvalho (2018), entre outros

É notório que vários estudos sobre diversos aspectos linguísticos do PB têm sido desenvolvidos à luz dessas teorias. Fazendo uma consulta à página do ALiB[1], por exemplo, constatamos um expressivo número de trabalhos concentrados no campo do léxico e da fonética. Cabe-nos chamar a atenção, contudo, para o fato de ainda serem necessárias investigações sobre variados fenômenos de natureza morfossintática do PB sob essas perspectivas.

Do ponto de vista metodológico, o *corpus* analisado em nossa investigação é proveniente do banco de dados construído pelo projeto ALiMA. De forma geral, esse *corpus* é constituído por dados de fala coletados em 16 municípios maranhenses, selecionados em função da distribuição geográfica, densidade populacional, processo de povoamento e do desenvolvimento sócio-político-econômico.

Mais especificamente, o *corpus* desta pesquisa é composto por 16 inquéritos[2] realizados em três municípios da mesorregião norte maranhense: 8 de São Luís, 4 de Raposa e 4 de Pinheiro. Ao todo, temos 16 informantes

[1] A página do ALiB (https://alib.ufba.br/monografias-dissertações-e-teses) traz mais informações sobre as produções acadêmicas nessas áreas.

[2] Os inquéritos aos quais nos referimos, neste estudo, correspondem a inquéritos linguísticos *in loco*, ou seja, a entrevistas orais realizadas *in loco* e estruturadas mediante formulação e ordenação de perguntas. Destacamos que, embora os inquéritos possam apresentar-se de duas formas – inquéritos linguísticos *in loco* e inquéritos linguísticos por correspondência, segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 30) –, para os estudos dialetológicos, segundo essas autoras, os inquéritos *in loco* são os mais recomendados pelo fato de os dados serem recolhidos de imediato pelo documentador ou serem registrados em fita magnetofônica para posterior análise.

estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (faixa etária I – 18 a 30 anos e faixa etária II – 50 a 65 anos) e níveis de escolaridade (fundamental e superior; neste último caso, foram considerados apenas os informantes da capital maranhense – São Luís).

Faz-se necessário esclarecermos que, por sua extensão territorial, a mesorregião norte do Maranhão abrange uma diversidade de outros municípios. No entanto, trabalhamos apenas com os dados de São Luís, Raposa e Pinheiro porque estamos utilizando o banco de dados do ALiMA, e essas localidades foram os únicos pontos de inquérito investigados pelo projeto na mesorregião considerada. Obviamente que a escolha desses municípios pelo ALiMA levou em consideração critérios rigorosos como a importância dos fatores históricos, culturais, sociais, linguísticos, dessas localidades para a formação do estado.

Enfatizamos, ainda, que a escolha pela mesorregião norte maranhense se deu por motivos muito pessoais. Nasci e cresci no Litoral Ocidental Maranhense, tive formação acadêmica na Aglomeração Urbana de São Luís e hoje atuo profissionalmente na Baixada Maranhense. Essas experiências propiciaram o desenvolvimento de uma consciência acerca da diversidade geográfica, linguística e cultural da mesorregião norte maranhense que consolidou o nosso anseio pela investigação da diversidade linguística no norte do Maranhão a fim de contribuir com os estudos dialetais e sociolinguísticos já desenvolvidos sobre o português falado no estado, especialmente, pela equipe do projeto ALiMA.

Vale destacarmos que, em função de não haver no questionário morfossintático do ALiMA uma pergunta específica para a investigação do uso da terceira pessoa do plural, ou seja, uma pergunta que atendesse de forma pontual o objetivo deste nosso estudo, consideramos todas as respostas obtidas com a aplicação do questionário geral do ALiMA, que é constituído das seguintes partes: questionários fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical, questões de pragmática, temas para discurso semidirigido, perguntas metalinguísticas.

Quanto ao tratamento dos dados, desde uma perspectiva sociolinguística de investigação, usamos a metodologia quantitativa que faz uso de programas computacionais para o tratamento dos dados coletados. Utilizamos, particularmente, o programa computacional Goldvarb X (SANKOFF,

TAGLIAMONT e SMITH, 2005; GUY e ZILLES, 2007) para a realização das rodadas de análise das variáveis consideradas.

Quanto aos critérios de escolha das variáveis para investigação do comportamento do fenômeno em análise, para as variáveis extralinguísticas, seguimos a proposta estabelecida pelos projetos ALiB e ALiMA para a coleta de dados, ou seja, consideramos as variáveis faixa etária, sexo, escolaridade e localidade dos informantes. A escolha da variável localidade nas nossas análises, como já esclarecido, objetiva atender os nossos anseios de verificar possíveis diferenças na realização da CV3PP nas cidades, especificamente, de São Luís, Raposa e Pinheiro, pertencentes à mesorregião norte do Maranhão.

Quanto às variáveis linguísticas, consideramos aquelas que, além de se mostrarem relevantes nos estudos nos quais nos pautamos, também se mostraram recorrentes em nossos dados. Nesse sentido, selecionamos a posição do sujeito em relação ao verbo, o tipo de verbo, o traço semântico do sujeito, a saliência fônica das formas verbais e o paralelismo formal.

No que tange às variáveis extralinguísticas, levantamos como hipótese, em relação ao fator sexo, que as mulheres são as que mais preservam as marcas de concordância devido ao fato de alguns estudos como os de Scherre e Naro (1998) e Sgarbi,(2006) comprovarem que elas se mostram mais atentas às regras sociais; em relação à escolaridade, consideramos que os informantes com nível superior realizam mais a marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural, pois pesquisas como as de Monguilhott (2009), Monte (2009) e Carvalho (2018) têm evidenciado que quanto maior o nível de escolaridade dos informantes maiores são as chances de uso marcado da concordância verbal; em relação à faixa etária dos informantes, acreditamos que os mais jovens, por se apresentarem como os mais inseridos em contextos comunicativos intermediados pelos meios tecnológicos, preservam mais o uso das marcas de concordância. Quanto à variável localidade, hipotetizamos que São Luís, por ser a capital maranhense e uma das cidades mais desenvolvidas do estado, é o município onde há os maiores percentuais de favorecimento das marcas de concordância nos verbos enquanto que Pinheiro é o município que menos favorece o uso dessas marcas devido à sua distância em relação à capital maranhense.

Nossas hipóteses para as variáveis linguísticas foram as seguintes: para a posição do sujeito em relação ao verbo, acreditamos que o sujeito anteposto, por estar na posição Sujeito - Verbo- Objeto (SVO), influencia o uso das marcas de concordância pois, nessa posição, ele é facilmente percebido como sujeito da sentença (SILVA, 2005), enquanto que o sujeito posposto, por não estar na posição SVO e por ser considerado como objeto da sentença pelos falantes (SILVA, 2005; MONGUILHOT, 2009), não influenciaria esse uso; em relação ao traço semântico do sujeito, cremos que o sujeito com traço [+ humano], por ser caracterizado como prototipicamante sujeito (SILVA, 2003), contribui para o uso das marcas de concordância, já o sujeito com traço [- humano], por sua vez, por perder semanticamente o caráter de "sujeitividade" (MONGUILHOTT, 2009), restringe o uso dessas marcas; quanto à saliência fônica das formas verbais, acreditamos que as formas verbais mais salientes, por apresentarem as maiores diferenças fônicas entre singular e plural nos verbos, influenciam a marcação da concordância, e a presença de formas verbais menos salientes, a seu turno, não influenciariam essa marcação porque a diferença fônica entre singular e plural das formas verbais é menor; a respeito do paralelismo formal, baseando-nos em estudos já realizados como os de Scherre (1998), Hora e Espínola e Sgarbi (2006), cremos que marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros, nesse sentido, acreditamos que a presença de marcas de plural no sujeito influencia o uso das marcas de concordância nos verbos enquanto que a ausência de marcas de plural no sujeito não a influenciaria; e para o fator tipo de verbo, acreditamos que os verbos transitivos influenciam o uso marcado da concordância porque são os que mais favorecem a ordem SVO (SCHERRE, NARO e CARDOSO, 2007); os verbos intransitivos, por sua vez, não influenciam essa marcação porque se caracterizam por não possuir complemento. Mais detalhamentos sobre as nossas hipóteses encontram-se no capítulo 4 dedicado à descrição dos procedimentos metodológicos da pesquisa.

Após análise dos dados, pudemos constatar que algumas de nossas hipóteses iniciais se confirmaram e outras foram refutadas, dessa forma, os nossos dados evidenciaram que em terras maranhenses, no que diz respeito à influência de fatores linguísticos e extralinguísticos, o fenômeno da variação da CV3PP segue, por um lado, o que tem sido evidenciado em outras regiões do país no que tange ao uso das marcas de CV3PP quando observado, por

exemplo, o comportamento de fatores como a saliência fônica, a escolaridade e o traço semântico do sujeito, que se mostraram influenciadores do uso de marcas dessa concordância verbal (OLIVEIRA, 2005; MONGUILHOTT, 2009; CARVALHO, 2018). Por outro lado, no entanto, evidencia que os usos linguísticos da mesorregião norte maranhense segue uma direção contrária ao de alguns estudos quando observada, por exemplo, a influência de grupos de fatores como o sexo. Esse fator mostrou-se não influenciador do uso de marcas dessa concordância nos estudos de Faria (2008) e Oliveira (2005), contudo, em nossa análise mostrou-se influenciador do uso marcado da CV3PP.

Isso posto, ressaltamos que, apesar de já haver importantes estudos sobre o português falado no Maranhão, muitos fenômenos linguísticos ainda necessitam de investigação. Nesse sentido, este estudo vem somar-se a tantos outros com o propósito de ampliar o conhecimento sobre os fatores que geram a diversidade da riqueza linguística, cultural e social do estado do Maranhão e, consequentemente, do Brasil.

Enfatizamos ainda que a relevância deste trabalho reside, sobretudo, no fato de ele poder vir a servir de suporte para o desenvolvimento de pesquisas futuras sobre a variação da CV3PP no português falado no Maranhão, visto que ainda são escassos os estudos na perspectiva teórico-metodológica da Dialetologia e da Sociolinguística sobre o referido fenômeno e, consequentemente, dada a necessidade de ampliação da compreensão sobre seu comportamento na fala maranhense.

De forma geral, nosso trabalho está organizado da seguinte forma: seguindo a INTRODUÇÃO, temos o segundo capítulo, intitulado A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PB, no qual são apresentados, além da base teórica sobre a concordância verbal, alguns trabalhos realizados sobre o fenômeno da variação da CV3PP realizados em diversas regiões do Brasil.

No terceiro capítulo, DIALETOLOGIA, GEOLINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA: contribuições aos estudos da variação linguística do PB, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia e da Sociolinguística, evidenciando o diálogo existente entre essas duas disciplinas nos estudos sobre os fenômenos linguísticos. Apresentamos, também, considerações sobre a Geolinguística como método de investigação da

Dialetologia e evidenciamos a importância dos projetos ALiB e ALiMA para a investigação do PB.

No quarto capítulo, PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA, apresentamos todas as etapas realizadas neste trabalho para a obtenção dos resultados alcançados, como as variáveis dependentes e independentes selecionadas para a investigação, a constituição do *corpus* da pesquisa, os pontos de inquérito, a revisão da transcrição, o tratamento estatístico dos dados e considerações sobre as cartas linguísticas.

No quinto capítulo, intitulado de DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS, são apresentados os resultados encontrados em nossa pesquisa para cada um dos grupos de fatores considerados neste estudo. Os valores percentuais e os pesos relativos, atribuídos pelo GoldvarbX a cada fator dos diferentes grupos de fatores, são apresentados em gráficos, tabelas e cartas linguísticas que nos ajudam a ter uma melhor visão sobre o comportamento do fenômeno na região pesquisada.

Por fim, nas CONSIDERAÇÕES FINAIS, além de retomarmos os principais resultados encontrados, demonstramos a relevância desta pesquisa para o desenvolvimento de outras investigações sobre a variação da CV3PP, especialmente, no estado do Maranhão, visto que fornecemos importantes informações para futuras comparações com dados das demais mesorregiões do estado a fim de que se amplie o conhecimento geral e sistemático da realidade geossociolinguística maranhense.

2 A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PB

Neste capítulo, evidenciamos vários conceitos sobre a concordância verbal apresentando algumas visões teóricas sobre esse tipo de concordância e como ela pode se manifestar de forma variável no português falado no Brasil. Para dialogar com as ideias aqui expostas, apresentamos estudos que investigaram a variação da concordância verbal, especificamente a de terceira pessoa do plural, em algumas regiões do Brasil, e evidenciamos o que consideramos como presença e como ausência de marcas de CV3PP.

O PB apresenta características peculiares que o distinguem do português falado em outras partes do mundo. E uma das principais características identitárias do PB é a notória variação ocorrida nos planos semântico, lexical, morfológico, sintático, fonológico.

A variação da concordância verbal, por exemplo, é um dos traços que singulariza o PB, uma vez que o uso efetivo das formas verbais, sobretudo no plural, tem se apresentado, por distintos e variados fatores, de forma diversificada na fala cotidiana, contrariando o estabelecido em manuais normativos.

O fenômeno da concordância verbal, desse modo, tem sido objeto de várias pesquisas sobre o PB porque se entende que o processo de variação desse fenômeno é relevante para a compreensão da cadeia de variação que particulariza a variedade brasileira do português. No português europeu (doravante PE), por exemplo, a concordância verbal é marcada semicategoricamente na fala dos seus usuários, diferentemente do que acontece aqui. Entre outros, esse fato, indiscutivelmente, revela uma diferença significativa entre essas duas variedades do português (CHAVES, 2017, p. 76).

As investigações sobre a concordância verbal têm contribuído para um aumento significativo do volume de estudos sobre o PB, nos possibilitando conhecer melhor as diferenças e semelhanças nos padrões de variação da concordância verbal que se concretizam de norte a sul do Brasil.

No que tange à concordância verbal, Hora e Espínola (2004, p. 218) consideram que é um dos campos mais abertos e intrigantes da pesquisa sociolinguística e, consequentemente, é um dos pontos mais polêmicos da gramática normativa, já que, muitas vezes, as regras estabelecidas pela

concepção da gramática normativa se distanciam das formas verbais reais utilizadas no dia a dia por falantes com distintos perfis sociais.

Nesse sentido, muitos estudos buscaram e continuam buscando compreender como diversos fatores interferem na variação desse fenômeno morfossintático. Essa heterogeneidade, manifestada na variação da CV3PP, além de indicar as raízes de formação do português brasileiro, também pode ser considerada um dos fatores demarcadores da identidade linguística de uma comunidade de fala[3]. Dito isto, é possível observarmos, por exemplo, que há certas regularidades no uso de uma determinada forma verbal (com ou sem marcas de concordância) quando consideramos grupos específicos de falantes. Várias pesquisas, como as realizadas por Vazzata-Dias (2000), Sgarbi (2006) e Faria (2008), têm revelado, por exemplo, que falantes com nível fundamental de ensino e do sexo masculino são os que mais realizam formas verbais sem marcas de concordância.

O conceito de concordância verbal pode ser entendido de muitas formas. De acordo com alguns teóricos, a concordância verbal é comumente vista como um mecanismo tanto morfológico como sintático. O primeiro justifica-se porque são utilizados morfemas indicadores de relações gramaticais entre dois elementos, no caso da concordância verbal entre o sujeito e o verbo. Como mecanismo sintático, justifica-se porque os termos apresentam relação de dependência entre si. Assim, trata-se de um processo morfossintático (GAMEIRO, 2009, p. 55-56).

Cunha e Cintra (2013, p. 510), por sua vez, abordam a concordância verbal referindo-se à relação estabelecida entre um verbo e um sujeito. Para os autores, “a solidariedade existente entre um verbo e um sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito”. (Grifo original)

---

[3] Labov (2008, p.188) considera que a comunidade de fala “não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”, nesse sentido, segundo o autor, o que interessa à pesquisa sociolinguística não é o indivíduo e sim a comunidade de fala, pois é nela que a variação e a mudança linguística se realizam. Guy (2001), a seu turno, amplia a concepção laboviana de comunidade de fala considerando que ela é um grupo de falantes que se constitui a partir dos seguintes critérios: I) compartilham traços linguísticos que distinguem este grupo de outro; II) se comunicam mais entre eles do que com os outros e III) compartilham normas e atitudes frente ao uso da língua.

Bechara (2009, p. 543-544) explicita um outro aspecto a ser considerado sobre a concordância verbal:

> A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será total ou parcial (também chamada de *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação. (...) A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda da concordância "*ad sensum*" ou silepse. (Grifos originais)

Em suma, nas definições dadas ao conceito de concordância verbal é notório o destaque atribuído à sintonia que deve ser estabelecida entre sujeito e verbo. Assim, tudo o que foge a essa harmonia é classificado como ausência de concordância.

O sistema linguístico do PB estabelece uma tabela de conjugação das formas verbais que devem estar em consonância com a pessoa do discurso, com o tempo e o modo verbal. Qualquer conjugação que fuja a esse paradigma é considerada "erro" pelos manuais normativos. A Tabela 1, a seguir, traz como exemplo o verbo *cantar* conjugado no presente do indicativo. Nela está evidenciada como essa relação harmônica entre o verbo e a pessoa à qual ele faz referência deve ser estabelecida.

Tabela 1 – Paradigma de conjugação do verbo *cantar* no presente do modo indicativo de acordo com a perspectiva normativa

PESSOAS PRONOMINAIS		RADICAL	FLEXÃO NÚMERO-PESSOAL
P1	EU	CANT	- O
P2	TU	CANTA	- S
P3	ELE	CANTA	- Ø
P4	NÓS	CANTA	- MOS
P5	VÓS	CANTA	- IS
P6	ELES	CANTA	- M

Fonte: Oliveira (2005, p. 70)

Contudo, na fala cotidiana brasileira, essa sintonia entre verbo e sujeito vem se apresentando de distintas formas e isso fez com que um grande volume de trabalhos fosse elaborado a fim de entender e validar essa dinâmica no processo de conjugação e de interação.

Teyssier (1989 *apud* GAMEIRO, 2009) destacou que a morfologia de formas verbais conjugadas vem apresentando grandes reduções devido a alguns fatores. Dentre eles, o autor destaca, por exemplo, a simplificação ocorrida nos pronomes e a simplificação presente nas desinências verbais. Com relação ao primeiro fator, o autor esclarece que no PB subsistem as 1ª e 3ª pessoas do singular e do plural. Ele afirma, também, que no PB as formas você/vocês, que se referem ao ouvinte, substituíram as segundas pessoas (tu/vós). O autor esclarece, ainda, que as desinências verbais passaram por um processo de simplificação por meio de um desgaste fonético e pela unificação dos paradigmas de conjugação.

A partir dessas considerações, Teyssier (1989 *apud* GAMEIRO, 2009) apresenta como se efetiva o paradigma de conjugação verbal no português popular do Brasil. A Tabela 2, a seguir, mostra como a concordância verbal se apresenta na fala popular, segundo esse autor.

Tabela 2 – Paradigma de conjugação do verbo *dever* no português popular do Brasil, segundo Teyssier (1989 *apud* GAMEIRO, 2009)

PESSOAS PRONOMINAIS	FLEXÃO
Eu	Dev-o
Ele	Dev-e
Nós	Dev-e
Eles	Dev-e

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Teyssier (1989 *apud* GAMEIRO, 2009, p.49)

Como podemos observar na Tabela 2, há um paradigma amplamente reduzido das conjugações verbais no português popular do Brasil, com notória oposição existente entre a 1ª e a 3ª pessoa do singular. As demais pessoas seguem o mesmo paradigma de conjugação da 3ª pessoa do singular, fazendo com que o verbo, nesse tempo e modo, apresente apenas duas formas verbais de conjugação (devo e deve).

Além dessas considerações acerca da concordância verbal levantadas por Teyssier (1989 *apud* GAMEIRO, 2009), trazemos à baila outra discussão que também está relacionada ao postulado do referido autor. Formas verbais podem

adquirir novas configurações morfológicas devido ao fator da redução/desnasalização de ditongos átonos finais.

Chaves (2017), em sua tese sobre a redução/desnasalização de ditongos nasais átonos finais, traz alguns apontamentos sobre esse fenômeno e destaca que esse processo é um fato de natureza fonético-fonológica e tem como alvo de sua aplicação os ditongos nasais átonos em posição final de palavra, podendo ser observado tanto em verbos como em nomes. (CHAVES, 2017, p. 37).

Segundo a autora, por não ser uma característica fonológica frequente nas línguas do mundo, a nasalidade é muito observada no português. A perda de segmentos nasais tem se mostrado um fenômeno muito marcante na história da língua portuguesa. Nesse sentido, a desnasalização é um fenômeno esperado porque é frequentemente realizado na fala cotidiana.

Com relação, especificamente, à redução/desnasalização ocorrida nas terminações dos verbos, a autora destaca que estudos[4] já indicaram que, no PB, o tempo verbal que apresenta índices elevados de redução/desnasalização é o pretérito perfeito do indicativo (cantaram ~ cantaru).

Correlacionando a redução/desnasalização das terminações verbais com a CV3PP, Chaves (2017) esclarece que

> É possível desmembrar o fenômeno da desnasalização em dois tipos: (i) um que corresponderia ao fenômeno quando aplicado a dados nominais e verbais nos quais a queda da nasalidade e a redução do ditongo não implicam perda de informação morfológica [...] (encontraram ~ encontraru); (ii) outro que corresponderia ao fenômeno quando a RED/DES é aplicada a dados verbais nos quais a queda da nasalidade e a redução do ditongo implica (sic) a perda de marca de número (comem ~ comi, sabem ~ sabi) (CHAVES, 2017, p. 139).

Nesse sentido, citando Guy (1996), a autora destaca que a queda da nasalidade em alguns casos seria responsável pela queda concomitante da marca explícita de pluralidade na terceira pessoa do plural.

Partindo desse pressuposto, a autora estabelece uma tabela com o mapeamento das formas fonéticas de realização explícita da CV3PP de acordo com a redução/desnasalização. A Tabela 3, a seguir, ilustra como o mapeamento

[4] Para mais detalhes sobre esses estudos, conferir Chaves (2017).

de possíveis realizações fonéticas das marcas de concordância verbal se efetivam na conjugação dos verbos.

Tabela 3 – Mapeamento de possíveis realizações fonéticas para marcação explícita de pluralidade na terceira pessoa do plural

Variantes "morfofonéticas" - pretérito imperfeito do indicativo		
SEM MARCAS EXPLÏCITAS DE CONCORDÂNCIA DE NÜMERO		
opinav[ɐ]	aprendi[ɐ]	nutri[ɐ]
COM MARCAS EXPLÍCITAS DE CONCORDÂNCIA DE NÚMERO		
opinav [ɐ̃w] opinav [õ] opinav [ʊ] opinav [ɐ̃]	aprendi[ɐ̃w] aprendi[õ] aprendi[ʊ] aprendi[ɐ̃]	nutr[ɐ̃j] nutr[ĩ] nutr[ɐ̃]

Fonte: Chaves (2014, p. 544)

Considerando o exposto, destacamos que, pautando-nos em Chaves (2017), estabelecemos quais formas verbais apresentam marcas de concordância e quais não apresentam, em outros termos, consideramos que formas verbais como, por exemplo, "falo, vivio, foro", que exibem a redução/desnasalização dos ditongos átonos finais, preservam as marcas de CV3PP, enquanto que formas verbais como "falava, come, sabe" são formas com ausência de marcas de CV3PP em suas terminações.

2.1 Alguns estudos sobre a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro

Com base em alguns estudos realizados sobre a concordância verbal de terceira pessoa do plural no português falado no Brasil, é possível considerarmos que a regra de concordância verbal é variável. Uma considerável parte desses estudos demonstra que a variação da CV3PP do PB está relacionada tanto a fatores linguísticos quanto a fatores extralinguísticos, também chamados de fatores internos e fatores externos à língua, respectivamente.

A partir de uma perspectiva Sociolinguística Variacionista, as pesquisas de Lemle e Naro (1977) foram as pioneiras na observação do fenômeno da variação na CV3PP no Brasil. Os autores, baseados na metodologia laboviana, investigaram os fatores condicionadores da regra variável da concordância na

fala de mobralenses[5] do Rio de Janeiro. Os resultados da investigação mostraram haver uma alternância no uso da regra da concordância verbal, ou seja, os informantes usavam os mesmos verbos em uma mesma sentença, no entanto, ocorriam variações na forma como esses verbos se apresentavam dentro de uma mesma sentença, e isso permitiu considerar a concordância como uma regra variável e chegar às seguintes conclusões:

i) quanto à variável estilística, os mobralenses não levaram em conta o fator formalidade, pois, em uma mesma situação comunicativa, foi possível perceber várias reações quanto à concordância verbal;

ii) o uso da regra de concordância pelos mobralenses está relacionado com o grau de saliência fônica entre as formas verbais no singular e no plural.

iii) também foi possível perceber que há um favorecimento quando o sujeito está imediatamente antes do verbo, enquanto que, quando o sujeito está posposto ao verbo essa concordância tende a não acontecer.

iv) os estudos ainda mostraram que a concordância é favorecida quando o sujeito é do tipo indeterminado. Com os sujeitos determinados, os índices de concordância foram muito baixos.

Encontramos, em Monguillhott (2009, p. 19-34), uma organização de investigações realizadas sobre a CV3PP no PB. Assim, essa autora elencou algumas pesquisas realizadas sobre o português urbano e sobre o português não-urbano. Quanto ao português urbano, a autora destaca os estudos de Scherre e Naro (1997), Scherre e Naro (1998), Monguilhott (2001), Scherre, Naro e Cardoso (2007) e Bortoni Ricardo (2008). Quanto ao português não urbano, foram destacados os estudos de Rodrigues (1987), Silva (2003), e Lucchesi (2006).

[5] É um termo utilizado para designar as pessoas que participavam do projeto Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL. Esse projeto foi instituído pela Lei nº 5.379 e teve início no dia 15 de dezembro de 1967, quando o governo da época assumiu o controle da alfabetização de jovens e adultos no país. Em Beluzo e Toniosso (2015), encontramos mais informações sobre esse projeto.

Esses trabalhos, de forma geral, refletem a importância das descobertas das inter-relações entre fatores linguísticos e extralinguísticos na definição da regra variável da CV3PP no PB.

Levando em conta alguns resultados alcançados nesses estudos, pudemos observar que são muitos os fatores que contribuem para a ocorrência da variação na regra da CV3PP. Foi possível observarmos ainda que, considerando os resultados alcançados por esses estudos, há convergências e divergências em relação à influência das variáveis linguísticas e extralinguísticas na regra da concordância.

Oliveira (2005), por exemplo, em uma perspectiva sociolinguística, investigou a variação da CV3PP na cidade de Vitória da Conquista, no estado da Bahia. Nessa pesquisa, foi analisado um *corpus* composto de 32 inquéritos resultantes de entrevistas individuais e foram colhidas 3.200 amostras de fala.

A regra da concordância explícita (com concordância) em terceira pessoa do plural foi constatada em 1.639 desse total, o que correspondeu a 51% das ocorrências analisadas. Na outra extremidade, a regra de não aplicação (sem concordância) foi evidenciada em 1.561 dados das amostras coletadas, totalizando 49% das ocorrências.

Algumas variáveis linguísticas e extralinguísticas mostraram-se influenciadoras da marcação da concordância. A variável linguística saliência fônica foi um dos fatores que mais contribuiu para a variação. As formas verbais com baixa saliência fônica contribuíram para os 49% de marcas de zero concordância, enquanto a alta saliência fônica contribuiu para os 51% de marcas de concordância.

Considerando a posição do sujeito, comprovou-se que a concordância prevalece quando a ordem SVO (sujeito + verbo+ objeto) é mantida e, também, quando a distância entre um e outro elemento não existe ou é pequena.

Quanto ao traço semântico do sujeito, os resultados mostraram que, quando o sintagma nominal apresenta traço do tipo abstrato, existe maior probabilidade de marcas de concordância; quando, no entanto, esse traço é mais concreto, essa probabilidade diminui. Assim, quando o sintagma nominal apresenta traços do tipo [+/- humano + animado], existe uma maior probabilidade de ocorrência de marcas de concordância nos verbos, enquanto que quando o traço é [+concreto/ - animado] essa probabilidade cai, sendo maior a ocorrência

da não concordância. Quanto ao traço [+ abstrato / - animado], isso também se revelou verdadeiro, mas este apresenta um índice menor em relação ao inanimado.

Quanto às variáveis extralinguísticas, a escolaridade apresentou-se muito significativa na obtenção dos resultados: quanto menor o nível de escolaridade, maior a ausência de marcas de concordância. A variável faixa etária mostrou-se também bastante influenciadora no comportamento do fenômeno: os mais idosos tenderam mais às formas sem concordância enquanto os mais jovens, às formas com concordância.

Vale mencionarmos que, de acordo com os dados obtidos após análise da variável faixa etária, a autora concluiu que existe uma tendência, na comunidade pesquisada, de no futuro haver uma mudança para um paradigma flexional verbal que resgata as marcas da concordância. De acordo com os resultados encontrados, pôde-se constatar que a regra da concordância verbal em Vitória da Conquista encontra-se em pleno processo de variação, ora sendo aplicada, ora deixando de sê-lo.

Com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística, Faria (2008), objetivando traçar um panorama do fenômeno da concordância verbal de terceira pessoa do plural em Belo Horizonte, coletou 863 dados de entrevistas realizadas de forma espontânea com 26 informantes da capital mineira. Do total de dados coletados, em 566 houve a presença de marcas da concordância, o equivalente a 65%; em 297, houve a ausência da marcação da concordância verbal, o equivalente a 34% do total de dados.

Levando em consideração alguns fatores linguísticos e extralinguísticos para observação do fenômeno, a autora chegou às seguintes conclusões principais:

i) a variável linguística saliência fônica não se mostrou relevante na análise, contrariando o encontrado em Oliveira (2005);

ii) as formas verbais mais salientes nem sempre foram as mais preservadas;

iii) quanto à morfologia da forma verbal, a concordância foi favorecida pelos verbos com terminação mais acentuada[6], seguida pelos verbos em pretérito perfeito e pelos verbos regulares. Os verbos não-regulares também favoreceram a concordância;

iv) quanto à posição do sujeito em relação ao verbo, as análises corroboraram os resultados de Oliveira (2005), uma vez que foi demonstrado que a concordância verbal é favorecida quando o sujeito é expresso pela desinência verbal e é desfavorecida quando o sujeito se encontra posposto ao verbo.

v) quanto à variável constituição do sujeito, os sujeitos constituídos por pronomes de terceira pessoa do plural, pelos possessivos, pelos indefinidos e pelos numerais favoreceram a concordância. Por sua vez, sujeitos que têm como núcleo um ou mais substantivos no plural, ou dois ou mais substantivos no singular, não favoreceram a concordância;

vi) quanto à variável paralelismo formal, foi possível perceber que marcas conduziram a marcas e zeros conduziram a zeros.

vii) quando observada a variável estilo de fala, foi possível constatar que o estilo formal favorece a concordância, enquanto o estilo informal a desfavorece;

viii) em relação à variável social idade, os dados revelaram que os mais jovens, os adultos e os de meia-idade realizam mais a concordância verbal do que os idosos;

ix) quanto à variável classe social dos informantes, o grupo de informantes 2, constituído por indivíduos que não possuem mão de obra especializada, foi o que mais favoreceu a concordância verbal, seguido pelo grupo de informante 1, constituído pelos funcionários públicos, comerciantes, industriários, etc. No grupo de informantes 3, constituído por indivíduos que não possuíam mão de obra especializada, não houve favorecimento da concordância;

x) em relação à escolaridade, os indivíduos que possuíam nível superior foram os que mais realizaram as formas verbais com concordância; os de nível

[6] A autora, seguindo a proposta de categorização estabelecida por Nicolau (1984) e Gonçalves (2007), considera como terminações verbais acentuadas as formas de oposição entre singular e plural nas quais a saliência fônica é alta, por exemplo, está/estão, vai/vão, é/são.

fundamental e médio não favoreceram a ocorrência do uso marcado da concordância.

Assim como Oliveira (2005), Faria (2008) pôde comprovar que a regra da concordância é bastante variável e que fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam diretamente a variação da CV3PP.

Com base na perspectiva da Sociolinguística e da Dialetologia Pluridimensional, Monguilhott (2009) objetivou investigar a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural, sincrônica e diacronicamente, a partir de amostras do português brasileiro e do português europeu. Abordaremos, apenas, os resultados obtidos a partir da amostra sincrônica do português brasileiro porque são esses os dados que interessam ao nosso estudo.

Essa autora analisou a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural em dados sincrônicos coletados em quatro localidades de Florianópolis: Ribeirão da ilha e Costa da Lagoa, na zona não urbana; Ingleses e Centro, na zona urbana. Foi obtido um total de 794 dados de fala, sendo que 640 dados apresentaram marcas de concordância nos verbos, ou seja, 80,6% do total, e 154 dados revelaram marca zero de concordância, correspondendo a 19,4% do total.

Para observação do comportamento do fenômeno, a autora considerou algumas variáveis linguísticas e extralinguísticas. Quanto às variáveis linguísticas, as que se mostraram mais relevantes foram: os contextos em que as formas verbais apresentaram acento na desinência, os ambientes em que o sujeito preenchido ou nulo apresentava antecedente com marca de plural, os contextos em que o verbo apresentava sujeito anteposto, em que apresentava sujeito com traço [+humano] e nos contextos em que os verbos eram intransitivos não-prototípicos.

Por sua vez, os fatores linguísticos que não influenciaram a concordância analisada foram: os contextos em que havia ausência de acento na desinência dos verbos, os ambientes em que havia presença de forma zero de plural no último elemento que antecede o verbo, os contextos em que o sujeito estava posposto ao verbo, em que havia sujeito com traço [-humano] e, também, nos contextos em que os verbos eram preferencialmente inacusativos.

Quanto aos fatores extralinguísticos, os jovens com ensino superior, moradores/nativos da região central, influenciaram mais a concordância do que os mais velhos com ensino fundamental, moradores/nativos da Costa da Lagoa.

Os resultados alcançados pelos estudos acima mencionados revelam um contexto de variação da CV3PP bastante diversificado no Brasil. Como mencionado anteriormente, uma justificativa para essa realidade está no fato de que cada região, submetida à investigação, tem sua realidade linguístico-cultural influenciada por fatores de ordem social, histórica e geográfica que são típicos de cada área investigada; e que diferentes variáveis linguísticas também se mostram relevantes para esse quadro dinâmico de variação da CV3PP.

3 DIALETOLOGIA, GEOLINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA: contribuições aos estudos da variação linguística do PB.

Neste capítulo, abordamos as concepções teóricas e metodológicas dos estudos dialetológicos, geolinguísticos e sociolinguísticos a partir das ideias de alguns de seus principais teóricos. Evidenciamos, também, como o diálogo entre a Dialetologia, a Geolinguística e a Sociolinguística possibilitou grandes avanços nos estudos dos fenômenos linguísticos no PB.

3.1 A Dialetologia em foco

A língua é um sistema simbólico e complexo que passou a ser alvo de investigações que se iniciaram ainda na Grécia antiga e se estendem até os dias atuais. Nesse sentido, são muitas as correntes teóricas e metodológicas que explicam, a partir de diferentes perspectivas, a heterogeneidade de diversos fenômenos linguísticos.

Dentre as várias áreas que estudam a língua e suas nuances, destaca-se a Dialetologia, definida por Cardoso (2010, p. 15) como um ramo dos estudos linguísticos “que tem por finalidade identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Dito isto, a Dialetologia caracteriza-se por ser o estudo que se ocupa de uma das dimensões da variação linguística: a variação diatópica.

Nos estudos dialetais, a língua é concebida como um elemento social e heterogêneo que se expande, se atualiza, se adapta, se transforma no uso, possuindo, consequentemente, muitas realidades imbricadas desde a análise do seu aspecto regional/geográfico. Em outras palavras, as diferenças linguísticas se dão, também, em função dos diferentes lugares/regiões onde o falante se situa.

O espaço geográfico reflete, de forma bastante evidente, como uma língua varia em sua apresentação, visto que, com o passar do tempo e através das gerações, o homem vai deixando na língua marcas do seu lugar, do seu agir, dos seus feitos, das suas descobertas, das suas relações sociais, enfim, deixa marcas da sua identidade cultural (PAIM, 2019, p. 40).

Na perspectiva dos estudos dialetais, a língua é concebida, então, como

> Um sistema de sinais acústicos, que funcionam na intercomunicação de uma coletividade. É resultado de um processo histórico, evolutivo. Fala-se, portanto, de uma língua histórica portuguesa, espanhola, francesa, etc., ou seja, existe em cada uma delas uma estrutura fônica, gramatical e lexical definida e distinta das demais. Cada uma dessas estruturas, a do português, a do espanhol, a do francês, etc., é resultado da diversificação de uma língua anterior, o latim, que teve a sua própria organização estrutural modificada no tempo e no espaço (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 11).

A concepção de língua adotada pela Dialetologia traz em seu bojo algumas diferenças que são fundamentais para o entendimento de seu funcionamento e de sua dinâmica. As línguas históricas, normalmente, apresentam três tipos de diferenças internas: i) diferenças de espaço geográfico ou diferenças diatópicas; ii) diferenças entre os estratos sociais ou diferenças diastráticas; e iii) diferenças entre as modalidades expressivas de acordo com as circunstâncias, também chamadas de diferenças diafásicas. A esses três tipos, acrescentam-se as diferenças etárias, geracionais (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12).

Às diferenças diatópica, diastrática e diafásica correspondem três tipos de subsistemas. A partir das diferenças diatópicas, teremos unidades sintópicas, que são os chamados dialetos: como o dialeto nordestino, o dialeto dos Açores, etc; a partir das diferenças diastráticas, teremos unidades sinstráticas, que são as de classe social: como a linguagem culta, a popular, etc., e a partir das diferenças diafásicas, teremos as unidades sinfásicas, que são os estilos de linguagem: linguagem formal, linguagem familiar, etc.

Dentro de cada um desses subsistemas pode, ainda, haver mais diferenças. Por exemplo, em cada unidade sintópica pode haver diferenças diafásicas, diastráticas, diatópicas. Exemplificando melhor, tendo vários falantes de uma mesma língua, porém, de regiões distintas, teremos características linguísticas também distintas. Se esses mesmos falantes pertencerem à mesma região, também não falarão do mesmo modo, uma vez que tais falantes podem pertencer a estratos sociais distintos e vivenciar diferentes situações comunicativas.

Essas considerações são relevantes para que possamos entender melhor o conceito de dialeto do qual deriva o termo Dialetologia. O termo dialeto, muitas vezes, é usado para descrever, pejorativamente e equivocadamente,

uma variedade da língua. Nesse sentido, dialeto estaria atrelado à fala informal de grupos de classe social desprestigiada ou oriundos de áreas rurais. É considerado uma manifestação linguística que é excluída por uma parcela da sociedade de hábitos linguísticos considerados "polidos" (MANÉ, 2012, p. 43).

Nessa concepção, os dialetos estariam relacionados à classe camponesa, trabalhadora ou a outros grupos sem prestígio social. Os dialetos são muitas vezes considerados desvios da norma, aberrações de uma forma correta de língua padrão (TRUDGIL, 1980, p. 3 *apud* MANÉ, 2012, p. 45). Contudo, nos estudos dialetais, a diversidade de usos da língua se configura como os vários legítimos modos de falar que a formam e que se distribuem geograficamente, assinalando as diferenças espaciais existentes na língua.

Coseriu (1982, p. 11-12) faz algumas considerações sobre o termo dialeto. Para o autor:

> Um dialeto, sem deixar de ser intrinsicamente uma "língua", se considera subordinado a outra "língua", de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo *dialeto*, enquanto oposto à *língua*, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (um "idioma"). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma "família" histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros dessa família ou constituem famílias menores dentro da família maior[7]. (Grifos do autor)

Cardoso (2016, p.16), por sua vez, define o dialeto como um feixe de isoglossas, em outras palavras, como um conjunto de linhas imaginárias que unem pontos comuns, ou que podem separar áreas distintas, que se somam e exibem uma relativa homogeneidade no seio de uma comunidade linguística em relação a outra. Nesse sentido, um dialeto se trata de um sistema de isoglossas incluído em uma língua histórica abarcando uma série de variedades.

Para Câmara Jr. (2004, p. 95), dialetos são definidos como os diversos falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais, ou seja, para o linguista, um dialeto implica características

[7] "Un "dialecto, sin dejar de ser intrínsecamente una "lengua", se considera como subordinada a otra "lengua" de orden superior. O dicho de otro modo: el término *dialecto* en cuanto opuesto a *lengua* designa una lengua menor distinguida dentro de (o incluida en) una lengua mayor, que es justamente, una lengua histórica (un "idioma"). Una lengua histórica – salvo casos especiales – no es un modo de hablar único, sino una "familia" histórica de modos de hablar afines e interdependientes, y los dialectos son miembros de esta familia o constituyen familias menores dentro de la familia mayor"

linguísticas comuns em um dado espaço geográfico. Dessa forma, as nuances linguísticas presentes em muitas áreas geográficas são representativas de um dialeto.

Isto posto, evidenciamos que o conceito de dialeto adotado nesta pesquisa rompe com a visão equivocadamente pejorativa atribuída a esse termo, pois o concebemos como um sistema de isoglossas que abarca um conjunto de variedades linguísticas que evidenciam a diversidade de falares presente em uma determinada região geográfica.

Desde a sua origem, a Dialetologia tem possibilitado o desenvolvimento da fotografia linguística de um determinado território. Sua abordagem de pesquisa abrange diferentes aspectos da língua — fonológico, morfológico, sintático, semântico, estilístico. Nesse sentido, os estudos dialetais, primordialmente, voltam-se para estudar as unidades sintópicas e, sobretudo, a diversidade diatópica da língua, a fim de identificar, descrever, interpretar e analisar fatos linguísticos documentados em um determinado espaço geográfico submetido à investigação.

O fato de o espaço geográfico ser um denunciador de realidades que trazem consigo muitos aspectos de fatores, como o social e o histórico, faz da Dialetologia uma área de estudos necessária para a identificação e análise de muitos fenômenos linguísticos.

A fim de tentar abarcar, portanto, um maior número possível de fatores que estão atrelados ao fenômeno da heterogeneidade linguística, a Dialetologia vem se expandindo e reconfigurando a forma como concebe e articula os fatores de variação linguística.

Assim, a Dialetologia tem apresentado como objetivos: a) descrever, nos espaços geográficos recobertos por uma determinada língua ou por um conjunto de línguas, fatos característicos; b) qualificar, do ponto de vista social, as ocorrências registradas e; c) examiná-las na perspectiva do tempo a que estão submetidas (CARDOSO, 2016, p.15).

É fato que nosso país, com suas dimensões continentais, apresenta uma riqueza linguística bastante diversificada. Nesse sentido, a Dialetologia tem contribuído para a documentação do falar brasileiro, apresentando-se como opção para o mapeamento, registro e descrição dos fatos linguísticos do português brasileiro.

Graças aos avanços dos estudos dialetais no país, hoje temos um banco considerável da fala brasileira registrada em áudios e transcrições fonéticas e grafemáticas. Fazer o registro e a documentação desses fatos linguísticos, sob uma perspectiva dialetal, torna-se necessário para o entendimento da evolução historiográfica do português no Brasil. Assim, os estudos dialetais empreendidos têm avançado consideravelmente no sentido de preservar nossa história linguística, registrando e documentando os distintos falares de cada região. Quanto mais fenômenos do PB forem investigados, mais traços identitários do nosso idioma serão evidenciados e registrados na história linguística do PB, em outros termos, por meio de investigações sobre fenômenos linguísticos diversos do PB, conseguiremos mapear e registrar as variações e mudanças da variedade do português brasileiro.

3.2 A Geolinguística como método de investigação da Dialetologia

Com o avanço dos estudos dialetais, o PB tem recebido atenção especial no que diz respeito à sua heterogeneidade do ponto de vista espacial. E ao falarmos em Dialetologia, inevitavelmente, abordamos também o seu método de investigação chamado, numa primeira fase, de Geografia Linguística, e depois, com a evolução dos estudos, de Geolinguística, alvo dos estudos de Julles Gilliéron e Edmond Edmont, autores do *Atlas linguistique de la France*.

A Geolinguística é o método, por excelência, da Dialetologia e tem a tarefa de recolher, de forma sistemática, o testemunho das diversas realidades e aspectos dialetais presentes em um determinado espaço geográfico (CARDOSO, 2010, p. 46). Assim, se configura como o método do trabalho dialetal que se caracteriza por sua apresentação visual em cartografia, além de ser concebida como um método interpretativo, pois cabe ao pesquisador elaborar suas próprias hipóteses e conclusões sobre um fenômeno linguístico pesquisado. Porém, para que tal tarefa seja efetivada, a Geolinguística precisa unir-se a fatores sócio-históricos, inerentes às línguas.

Chambers e Trudgil (1994, p. 45) consideram que a Geolinguística "busca criar uma base empírica para tirar conclusões sobre a variedade que

ocorre em um determinado lugar"[8]. Nesse sentido, cabe ao pesquisador um olhar atento à diversidade linguística encontrada em sua investigação, buscando, por meio de suas interpretações, justificar o porquê da presença de tal fenômeno. Para isso, é necessário ter informações tais como a origem da região, as influências recebidas de outras comunidades, aspectos culturais que se fazem presentes, dentre outros.

A Geolinguística possui métodos próprios: questionários, informantes e mapas dialetais. Porém, a esses métodos devem ser somados requisitos essenciais do pesquisador na realização da pesquisa, tais como ter a preparação adequada para a realização de inquéritos linguísticos e a capacidade intelectual para a exegese dos dados recolhidos.

Para Romano (2014, p. 50), a Geolinguística é entendida como um ramo dos estudos dialetais subordinada à disciplina maior, a Dialetologia. Nesse sentido, o fazer geolinguístico implica o fazer dialetológico, uma vez que o objetivo principal é evidenciar formas e expressões linguísticas que estão presentes em determinados espaços geográficos.

Para esse autor, o fazer geolinguístico não se resume apenas à simples representação de dados por meio de cartas linguísticas, pois a cartografia seria apenas um dos métodos empregados pela Geolinguística, já que também requisita outros métodos: a elaboração de questionários com base nos objetivos da pesquisa; seleção dos informantes considerando variáveis envolvidas a partir do objetivo da pesquisa; aplicação padronizada dos instrumentos de coleta de dados; transcrição e revisão de dados geolinguísticos; exegese dos dados levantados para posterior cartografia; elaboração de cartas linguísticas, seja com software computacionais atrelados a banco de dados ou com ferramentas de edição de imagem; interpretação e tratamento dos dados cartografados (ROMANO, 2014, p.150).

Elizaincin (2010, p. 17) afirma que a Geolinguística se trata de um método possível (recomendado) para a identificação da variação por meio de sua sofisticada bateria de técnicas de recolha de dados, ordenamento e representação cartográfica dos mesmos. Com o advento dessa metodologia, passou-se a ter o estudo cartográfico dos dialetos. Isso abriu portas para o

[8] "busca crear una base empírica sobre la que extraer conclusiones acerca de la variedad lingüística que se da en un cierto lugar"

aprimoramento dos estudos dialetais, resultando, assim, no surgimento de muitos atlas linguísticos.

Callou (2010, p. 31) considera que, com a utilização do método da Geolinguística, tornou-se possível traçar um quadro da diferenciação vocabular e fonética – raramente, da morfossintaxe – em mapas que registrem a variação interna dos diversos falares ou dialetos. No entanto, vale frisarmos que os estudos dialetais não estão voltados apenas para o desenvolvimento de atlas linguísticos, ele está para além disso.

Quanto à metodologia adotada nas pesquisas dialetais, é necessário seguir etapas bem estabelecidas. Em Ferreira e Cardoso (1994, p. 23), encontramos os principais passos que devem ser tomados para a concretização de um trabalho na perspectiva dialetal:

i) a preparação da pesquisa: consiste na etapa que tem início com a definição do campo linguístico que será investigado; em seguida, tem-se a escolha da localidade ou das localidades, a escolha dos informantes e o método a ser utilizado na investigação, que pode ser o inquérito *in loco* ou por correspondência, sendo o primeiro o mais recomendado na pesquisa dialetal;

ii) a execução dos inquéritos: consiste no planejamento para o acesso às localidades investigadas, sobre como ocorrerá o contato com o informante, que pode ser por meio de terceiros ou por moradores da localidade que auxiliam no primeiro contato; na identificação do material recolhido, ou seja, na classificação dos tipos de dados que foram recolhidos, a fim de garantir o fácil acesso a essas informações, posteriormente; e no preenchimento da ficha de identificação do informante.

iii) exegese e análise dos materiais recolhidos: consiste na análise dos materiais obtidos que não pode se desvincular de um trabalho de exegese dos dados. Para que mal-entendidos sejam evitados, as respostas dos informantes devem ser observadas levando-se em conta o contexto utilizado.

iv) divulgação dos resultados: consiste na publicação do trabalho dialetal que não indica o término da pesquisa, muito pelo contrário, a conclusão e a apresentação dos resultados alcançados servem como ponto de partida para a análise ou conclusões sobre os fatos investigados a serem considerados em outros momentos de pesquisa.

Outro aspecto sobre a pesquisa dialetal a ser frisado é que ela se fundamenta em um tripé, ou seja, sustenta-se a partir da definição de uma rede de pontos, das escolhas dos informantes e, também, do uso de questionários na obtenção dos dados.

A rede de pontos se refere à área que será submetida à investigação, que pode ser uma localidade, um estado, uma região, um país ou mesmo um continente todo. Ela é definida levando-se em consideração alguns aspectos, como as características linguísticas, a história, a situação econômica de uma localidade ou de um grupo de localidades, dentre outros.

Ferreira e Cardoso (1984, *apud* Cardoso, 2010) levantam alguns aspectos a serem considerados quando da escolha de uma área a ser pesquisada. Para as autoras, é necessário levar em consideração na escolha da área:

> a) a história da área, a começar de sua fundação e das diferentes etapas que caracterizam o seu desenvolvimento;
> b) o grau de isolamento da área, nada obstante reconhecer-se que, no momento moderno, o isolamento é relativo e parcial, em face do aperfeiçoamento do sistema viário, principalmente entre nós o rodoviário, da ação dos meios de comunicação, sobretudo do rádio e da televisão, e da própria facilidade com que se deslocam habitantes de uma região para outra;
> c) a antiguidade da região, que definirá a que estágio do processo de povoamento do território se prende;
> d) a natureza do desenvolvimento econômico que fornecerá a posição da localidade na região, conceituando-a como mais destacadamente difusora ou receptora das mudanças, embora se saiba que toda área é, em parte, centro de produção e de recepção de transformações;
> e) o estabelecimento de uma rede a ser inquirida na qual se verifique a intensidade de pontos condizentes com a densidade demográfica da área, refletindo a equidistância entre eles, de modo a vir recobrir harmonicamente toda a região pretendida. (FERREIRA E CARDOSO, 1984, p. 25-26, *apud* CARDOSO, 2010, p. 90-91)

Esses pontos a serem considerados na escolha de uma área a ser investigada são fundamentais para a interpretação posterior dos resultados obtidos. Em uma sociedade como a nossa, em que as mudanças sociais, econômicas e culturais se dão em uma velocidade vertiginosa, refletindo-se diretamente sobre a língua, não podemos perder de vista aspectos como esses, pois eles têm muito a dizer sobre os usos linguísticos característicos de uma área geográfica.

Quanto aos informantes, não se deve perder de vista questões como: o número ideal de informantes; a identificação, as características sociais deles. Nesse sentido, é necessário ter em mente que essas observações são fundamentais também para a documentação dos fatos.

Para a Dialetologia, o desejável é que haja um número estatisticamente representativo do conjunto de falantes da língua de uma determinada área, porém, isso não impede que apenas um único informante seja utilizado para a obtenção dos dados, ou seja, para a Dialetologia não há uma definição obrigatória do quantitativo de informantes escolhidos.

Outra questão sobre o informante a ser observada diz respeito ao seu perfil. Esse aspecto precisa ser claramente delineado a fim de que se tenha um controle das outras variáveis. Nesse sentido, aspectos como a naturalidade, o grau de escolaridade, a profissão, o estado civil, dentre outros, são fundamentais na hora da escolha.

E por fim, mas não menos importante, há o questionário. Ele também deve receber uma atenção especial, pois a recolha dos dados dialetais se faz mediante aplicação de questionários ou por meio de conversa livre. Quem vai definir o uso de um ou outro será a natureza da pesquisa. Porém, no que tange ao uso do questionário, ele precisa estar adequado às especificidades da área investigada. Ou seja, as perguntas devem atender aos objetivos da pesquisa não perdendo de vista as características da área em foco, assim, o questionário deve investigar a realidade local a partir de perguntas que realmente abordem questões pertencentes àquela realidade.

Quanto ao questionário a ser aplicado, ele deve estar dividido e organizado de acordo com o fato linguístico sob investigação. Dessa forma, na investigação dialetal, o questionário divide-se da seguinte forma:

1) fonético-fonológico: é utilizado nas investigações de fatos fonéticos. Tem objetivo específico de apurar determinados tipos de realizações que se documentam em uma área ou diferentes áreas;

2) semântico-lexical: é utilizado para a obtenção de um leque de informações sobre as possibilidades de ocorrência de itens lexicais referentes a um mesmo conceito;

3) morfossintático: tem como objetivo apurar fenômenos de natureza morfológica ou sintática. Uma vez que esses fenômenos são perceptíveis na fala

corrente, quando da elaboração de um questionário morfossintático, deve-se atentar para obtenção dos dados a partir de uma conversa que seja a mais natural possível.

Além desses questionários, podem ser aplicadas questões de prosódia, pragmática, perguntas metalinguísticas e temas para discurso semidirigido.

Um trabalho desenvolvido em observância a esse tripé, rede de pontos, escolha dos informantes e uso de questionários, concretiza-se em uma fotografia da realidade linguística no espaço geográfico considerado.

3.2.1 A Geolinguística Pluridimensional

Quanto à perspectiva de análise de dados, a Dialetologia adotou por muito tempo uma perspectiva monodimensional que levava em consideração, tão somente, a variação do ponto de vista diatópico. Em outras palavras, nessa perspectiva, a finalidade é estabelecer relações entre os usos diversos de uma língua através da identificação dos mesmos fatos pela presença/ausência dos fenômenos em uma determinada área. Seu interesse principal é mostrar a variação, exclusivamente, na perspectiva diatópica, ou seja, espacial.

No entanto, a Dialetologia não pôde continuar a desconsiderar fatores de ordem social nos estudos dos fenômenos linguísticos, em função, sobretudo, das significativas contribuições que recebeu da Sociolinguística. Sobre essa questão, Brandão (1991, p. 26) afirma que

> hoje, torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do *corpus* de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos.

Ao considerar fatores de ordem social, a Dialetologia muda sua perspectiva de investigação adquirindo um caráter pluridimensional. Nessa nova visão, são considerados fatores sociais como idade, escolaridade, sexo, etc.

O diálogo entre esses dois campos de investigação – Dialetologia e Sociolinguística – gerou, portanto, a chamada Geolinguística Pluridimensional, método dialetológico que analisa, ao mesmo tempo, a variação espacial e a

variação social. Esse método de investigação é mais amplo e descritivo para as análises do fenômeno da variação dialetal.

Na perspectiva da Geolinguística monodimensional, os dados pesquisados são apresentados sob a forma de mapa ou carta geográfica, distribuídos por pontos identificados espacialmente. Assim, a apresentação dos dados mostra o que se usa em cada ponto pesquisado.

Considerando a Geolinguística Pluridimensional, no entanto, a análise vai para além da localização geográfica, pois são agregadas às cartas geográficas informações de cunho social. Essa mudança de perspectiva nos estudos da Dialetologia requereu mudanças na produção das cartas linguísticas utilizadas na elaboração dos atlas e de outros estudos cartográficos de natureza linguística.

Como a língua figura, de um lado, como elemento determinado por um conjunto de relações internas e reguladoras de certa estabilidade, e de outro, orienta o aparecimento de formas resultantes da complexa dinamicidade das dimensões sociais, cabe à investigação geolinguística pluridimensional identificar as condições em que ocorrem as variações linguísticas, ou seja, quais condições são favoráveis e quais inibem o aparecimento de uma forma ou outra. Assim, as investigações sobre a variação possibilitam encontrar nos condicionadores internos e externos da língua a explicação para o fenômeno em estudo.

O espaço geográfico continua sendo essencial, por agregar particularidades assumidas pela língua em função de sua distribuição geográfica, contudo, os fatores sociais somam-se, de forma indispensavelmente necessária, ao contexto espacial para possibilitar uma análise mais completa dos fatores geradores da variação linguística.

Nesse sentido, os critérios para a escolha das localidades, de acordo com a Geolinguística Pluridimensional, são:

i) a diversidade cultural: este critério refere-se às variáveis gênero, idade, escolaridade, profissão e inserção social a serem identificadas e controladas;

ii) a constituição demográfica da área: este critério coloca o vazio geográfico como “denunciador de informações as mais diversas e pertinentes para o contexto linguístico, do mesmo modo que o registro de uso” (CARDOSO, 2010, p. 15);

iii) a base linguística preexistente: este critério refere-se ao resgate da cronologia dos fatos em seus aspectos diacrônicos sem desconsiderar o caráter sincrônico, assim, exibe o percurso em dados e assinala a linha temporal de uma variante;

iv) a interferência de outras línguas: este critério salienta a influência de outras línguas na fala atual identificadas por meio do resgate diacrônico.

Na perspectiva pluridimensional, Cardoso (2010, p. 19) afirma que

> A recolha de dados, *in loco*, é feita a informantes cujo perfil deve permitir não só apurar a diferenciação de usos, como também dar destaque às variáveis consideradas relevantes para o objetivo que se visa alcançar com o trabalho. Assim, idade, gênero, grau de escolaridade, profissão, inserção social constituem-se variáveis que, na perseguição de aspectos socioculturais, a dialetologia busca controlar e identificar. A apresentação cartográfica de tais dados põe lado a lado a informação diatópica e a informação sociolinguística.

A aplicação da dimensão pluridimensional nos estudos dialetológicos, por meio de parâmetros que contemplem fatores sociais e linguísticos, leva a Dialetologia e a Sociolinguística a estreitarem relações nos estudos da variação linguística.

Importa-nos, ainda, ressaltar que, atualmente, as duas possibilidades de investigação – monodimensional e pluridimensional – se fazem presentes. A escolha por uma ou outra opção está vinculada, estritamente, ao escopo do trabalho e à natureza dos dados a serem coletados. Assim, a escolha de uma ou outra possibilidade determina priorizar um nível de abordagem da língua ou investigar vários deles (CARDOSO, 2016, p. 21)

3.2.1.1 O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e o Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA): dois frutos da Geolinguística Pluridimensional

O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) é o maior empreendimento em Geolinguística no Brasil. Tem por meta a realização de um atlas geral do Brasil no qual seja apresentada e descrita a realidade linguística do país. Tal empreendimento teve sua origem em 1996, no *Seminário Caminhos e Pesquisas para a geolinguística no Brasil*.

O evento foi realizado por um grupo de pesquisadores ligados à área de Dialetologia do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. O projeto possui um comitê nacional composto por integrantes que representam os atlas regionais já publicados e os que ainda estão em processo de produção. O papel do comitê é dirigir todas a atividades periódicas do projeto.

Quanto à metodologia adotada, o ALiB utiliza os parâmetros da Geolinguística Pluridimensional. Uma das metas desse grande projeto é descrever a realidade linguística do país, priorizando a identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística (CARDOSO, 2010, p. 169).

O projeto objetiva, portanto,

> (i) a descrição da realidade espacial e, consequentemente, a busca de definição de áreas dialetais demarcáveis através de isoglossas;
> (ii) o fornecimento de dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna;
> (iii) a indicação de caminhos que explicitem a interface entre os estudos geolinguísticos e os demais ramos do conhecimento, sobretudo trazendo elementos da língua que possam aclarar questões de outra ordem do saber cientificamente organizado;
> (iv) por fim, mas não em último lugar, o reconhecimento, ou melhor, a apresentação do português brasileiro como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica. (CARDOSO, 2010, p. 170).

Analisando o projeto como um todo, podemos perceber o quão abrangente ele se tornou. Para além do propósito de registrar e descrever a realidade linguística do Brasil, o empreendimento dá um significativo passo na medida em que amplia as possibilidades de trabalhos por intermédio de seu banco de dados. Dito isto, o estudo da variedade do PB expande-se para além da confecção de atlas linguísticos, uma vez que a Dialetologia também se volta para a criação de vocabulários, glossários, seguindo uma linha monodimensional ou pluridimensional na abordagem dos fatos linguísticos. É notório que o ALiB se tornou de grande valor para o nosso país, pois, por meio de seu vasto banco de dados nos é fornecido um panorama histórico-social da língua portuguesa falada no Brasil.

Por sua vez, o Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), que está em processo de desenvolvimento por pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão, objetiva oferecer subsídios não só ao ALiB como, também, aos

interessados nos estudos linguísticos da variedade maranhense do PB de forma especial.

Por meio do ALiMA, muitos dados de fala já foram recolhidos, formando um amplo acervo do falar maranhense para possibilitar o conhecimento da realidade sociolinguística e cultural do Maranhão.

O ALiMA objetiva propiciar um conhecimento geral e sistemático da realidade linguístico-cultural maranhense que possa subsidiar o exame das possíveis convergências e divergências entre os falares que compõem o português falado no Brasil (RAMOS *et al*, 2019, p. 23).

Tendo como referência a metodologia utilizada pelo ALiB, foram realizados inquéritos mediante a utilização de um questionário fonético-fonológico, um questionário semântico-lexical, um questionário morfossintático, além de questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e um texto para leitura.

Os dados coletados pelo ALiMA têm contribuído consideravelmente para o avanço dos estudos linguísticos no Maranhão, uma vez que, além de subsidiar a publicação de livros e de muitos artigos, têm gerado muitos trabalhos de pesquisa sobre o falar maranhense tanto no âmbito da graduação quanto no da pós-graduação.

O nosso trabalho vem somar-se a esses tantos, já desenvolvidos e em desenvolvimento, no sentido de contribuir para ampliar o conhecimento sobre a realidade linguística maranhense.

3.3 A Sociolinguística variacionista e sua contribuição aos estudos dialetológicos

A Sociolinguística surge como reação aos postulados linguísticos do Estruturalismo, representado por Sausurre, e ao Gerativismo, representado por Noam Chomsky, uma vez que esses postulados concebem a língua como uma realidade abstrata desvinculada de fatores históricos e sociais.

A Sociolinguística se constitui, portanto, em um ramo dos estudos linguísticos que concebe a língua como fenômeno social e cultural. É uma área de investigação que estuda a língua no seu uso real, levando em consideração

as relações existentes entre os aspectos sociais, culturais e a estrutura linguística (CEZÁRIO; VOTRE, 2013, p. 141).

O termo sociolinguística surgiu pela primeira vez na década de 1950, mas foi, apenas, na década de 60, nos Estados Unidos, que a Sociolinguística se desenvolveu como corrente linguística. Esse modelo teórico-metodológico tem como precursor o linguista americano William Labov que, em 1963, fez um estudo no qual investigou a comunidade de Martas'Vineyard, em Massachusetts nos Estados Unidos. Esse estudo evidenciou o papel que fatores sociais exercem na variação linguística, posto que foi comprovado que fatores sociais como idade, sexo, ocupação, origem étnica mantêm relação intrínseca com a atitude linguística.

Mais tarde, em 1964, Labov realizou uma nova investigação sobre a estratificação do inglês na cidade de Nova York. A partir desse novo estudo, ele estabeleceu um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico inserido no contexto social de comunidades urbanas. Nesse sentido, Labov apresenta os principais postulados teóricos da Sociolinguística e a metodologia de trabalho empírico que permite analisar e sistematizar os diferentes tipos de variação linguística. A esse modelo de investigação, descrição e de interpretação deu-se o nome de Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006; LABOV, 2008).

Ao conceber a língua como um sistema socialmente heterogêneo, a Sociolinguística estabelece uma ruptura epistemológica em relação à concepção de língua estabelecida pelos modelos estruturalista e gerativista. Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.35) deixam evidentes nessa concepção que,

> Muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada. Os fatos da heterogeneidade, até agora, não se harmonizam bem com a abordagem estrutural da língua.

Nessa nova perspectiva dos estudos linguísticos, a língua é vista, portanto, como uma instituição social que não pode ser estudada sem levar em consideração o contexto situacional, cultural e histórico das comunidades de fala. Dessa forma, a variação e a mudança linguísticas são consideradas

inerentes a qualquer língua e, por isso, precisam ser consideradas nas investigações linguísticas feitas.

Nesse contexto, à concepção de língua enquanto sistema dinâmico e heterogêneo são atrelados conceitos referentes a variantes, variáveis e grupo de fatores. O termo variante, segundo Tarallo (2007, p. 8), refere-se às "diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade". A esse conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística. Quanto à ocorrência das variantes, em que duas ou mais formas podem ser empregadas para se dizer a mesma coisa, Tarallo (2007, p. 11-12) afirma que:

> As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs não-padrão; conservadoras vs inovadoras; de prestígio vs estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade.

O método de investigação da Sociolinguística objetiva examinar os fatores linguísticos e extralinguísticos - os chamados grupos de fatores - condicionadores das variantes que, a seu turno, se constituem em duas ou mais formas alternativas da língua à disposição dos falantes. Dito isto, Labov considera como elementos basilares da análise sociolinguística as variantes e as variáveis linguísticas.

Essa corrente teórico-metodológica trabalha com meios que possibilitam estabelecer variáveis para a coleta e codificação de dados. Por meio de ferramentas informatizadas, é possível analisar o fenômeno variável que se quer verificar. Nesse sentido, cabe à Sociolinguística identificar, descrever e interpretar as variáveis que interferem na variação e na mudança linguísticas.

Os estudos de Labov propõem que variáveis linguísticas e extralinguísticas passem por um processamento estatístico, pois, dessa forma, o pesquisador terá a possiblidade de conhecer a frequência de realização de uma ou outra forma linguística em estudo, bem como estabelecer um peso relativo para cada fator considerado. Isso possibilitaria a formulação de regras de uso linguístico de uma determinada forma.

Os trabalhos desenvolvidos sob a perspectiva sociolinguística têm favorecido um rico volume de estudos sobre as línguas, uma vez que essa perspectiva de investigação trabalha com o falante-ouvinte real, em situações reais de comunicação. Destarte, considerando esse falante-ouvinte real, é possível ao pesquisador, por exemplo, coletar informações acerca da variante produzida por pessoas de distintos níveis de escolaridade; identificar as variantes que deixaram de ser estigmatizadas; perceber as mudanças que foram implementadas na fala, mas, que ainda não são aceitas pelas gramáticas normativas, dentre outras possibilidades.

No Brasil, com o avanço dos estudos linguísticos, a Sociolinguística encontrou solo fértil para se expandir e se estabelecer. Callou (2010, p. 33) chama a atenção para o fato de o conhecimento sobre a realidade linguística do português falado no Brasil ter sido iniciado com os estudos da Dialetologia, mas, ter chegado a seu ápice com os estudos da Sociolinguística variacionista laboviana e os sofisticados métodos estatísticos de análise. Atualmente, essas duas vertentes de estudo trabalham juntas na investigação dos fatores condicionadores da variação linguística.

Callou (2010, p. 33) considera, ainda, que o livro clássico de Labov (1966) sobre a linguagem de Nova York constituiu um marco tanto no campo de estudo da variação linguística como na aproximação entre Dialetologia e Sociolinguística. A intersecção entre essas duas disciplinas, segundo Callou (2010, p. 34), também se deve ao fato de:

> i) ter crescido, a partir da década de 60, o interesse pela descrição da linguagem urbana e (ii) ter sido necessário pensar em criar novas metodologias para o estudo das línguas românicas, conforme defenderam, desde cedo, Rona (1985) e Diego Catalán (1964). Os métodos da dialetologia tradicional rural sofrem uma adaptação, a fim de possibilitar o levantamento da linguagem de grandes centros urbanos, mais diversificados, em princípio, vindo, consequentemente, a dialetologia urbana a confundir-se com a sociolinguística.

Desse modo, podemos afirmar que há uma certa confluência de objetivos e de finalidades dessas áreas. Para Corvalan (1988, p. 8 *apud* CARDOSO, 2010, p. 26), essa sinonímia se deve ao fato de que as duas estudam a língua falada, os usos linguísticos reais e também porque

estabelecem as relações existentes entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos.

Contudo, Cardoso (2010, p. 26) esclarece a diferença existente entre as duas disciplinas:

> Apesar de “consideradas até certo ponto sinônimas”, dialetologia e sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante no tratamento do seu objeto de estudo. O enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas. Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas.

Partindo desse pressuposto, Dialetologia e Sociolinguística investigam os fenômenos linguísticos priorizando fatores que são determinantes para a ocorrência da variação linguística, contudo, enquanto a Dialetologia foca seu olhar para fatores de ordem espacial, a Sociolinguística prioriza fatores de ordem social. Desse modo, a Sociolinguística de Labov não é apenas integrada à Geolinguística pluridimensional como, também, é ampliada: enquanto a Sociolinguística busca diversas variáveis em um ou em alguns poucos pontos geográficos, a Geolinguística Pluridimensional, vai além, na medida em que projeta, no espaço, o comportamento linguístico expresso por variáveis sociolinguísticas através da comparação de mapas. Nesse sentido, a partir do diálogo entre essas duas disciplinas, supõe-se que – levando em conta cada grupo de falantes e cada estilo – os fenômenos linguísticos podem ter uma difusão própria no espaço geográfico (THUN, 2017, p. 75).

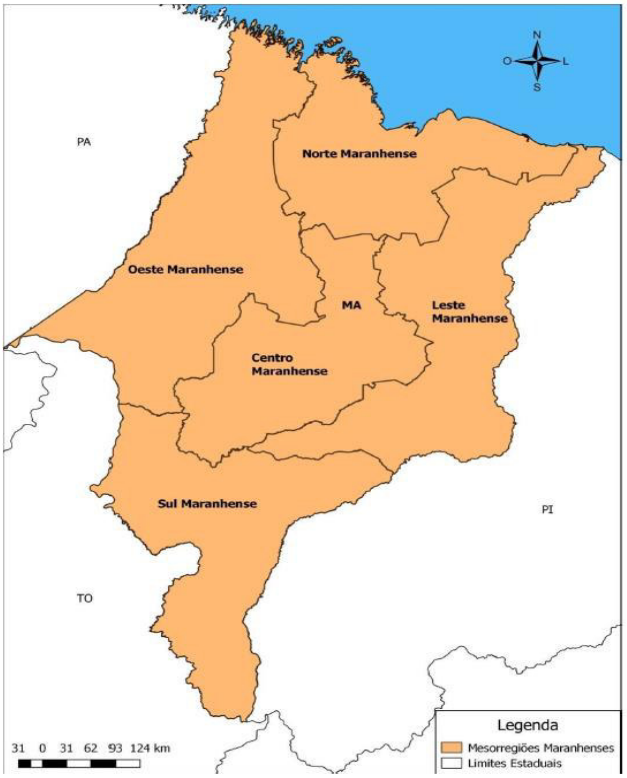
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, explicitaremos todas as etapas que foram realizadas para a concretização do nosso trabalho. Desenvolvemos este estudo a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia, da Geolinguística Pluridimensional e da Sociolinguística. Assim, serão apresentadas informações sobre os pontos de inquéritos, a coleta e tratamento do *corpus* da pesquisa, as variáveis analisadas e o processamento estatístico dos dados.

4.1 A mesorregião norte maranhense

É uma área de povoamento antigo do estado do Maranhão onde são desenvolvidas diversas atividades econômicas. Nas últimas décadas, passou por uma intensa revitalização e dinamização devido a grandes projetos que impulsionaram positivamente o desenvolvimento desse território, como o Programa Grande Carajás, a construção da estrada de ferro Carajás, a implantação do Distrito Industrial, as construções do Porto do Itaqui, do Terminal Pesqueiro, da Base de Alcântara, da ALUMAR, da Ferrovia Transnordestina, dentre outros.

Figura 1 – Divisão das mesorregiões do Maranhão



Fonte: Leão e Junior (2018, p. 12)

Essa mesorregião é composta por 60 municípios agrupados em 6 microrregiões: Aglomeração Urbana de São Luís, Baixada Maranhense, Itapecuru-Mirim, Lençóis Maranhenses, Litoral Ocidental e Rosário.

Chamamos a atenção para a Aglomeração Urbana de São Luís cujo desenvolvimento econômico tem se destacado no território maranhense. Essa microrregião se caracteriza por ter uma população economicamente ativa. Fazem parte desse espaço, a capital maranhense, São Luís, a cidade de São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar.

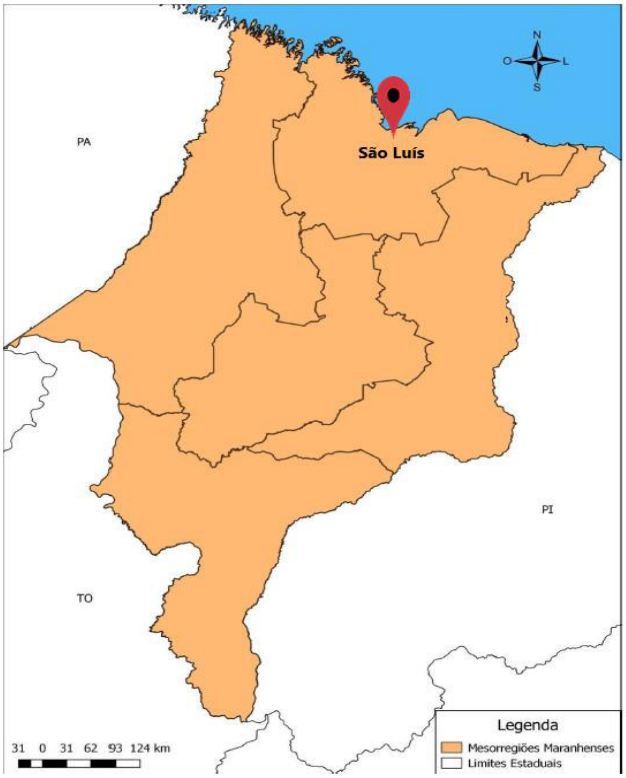
Os setores secundário e terciário estão concentrados em São Luís onde estão as principais indústrias de transformação e comércio. A atividade pesqueira também se destaca, principalmente, nos munícipios de Raposa e São José de Ribamar. Essas características têm contribuído para o grande fluxo migratório que tem ocorrido nas últimas décadas de pessoas das áreas rurais para as áreas urbanas do estado, e até de outros estados do Nordeste, em busca de melhores condições de vida.

A seguir, apresentamos os munícipios que formam os pontos de inquérito do ALiMA na mesorregião norte maranhense selecionados para este

estudo. Esses pontos foram escolhidos pela equipe do ALiMA de acordo com a distribuição geográfica, densidade populacional, processo de povoamento e desenvolvimento social, econômico e político.

4.1.1 O município de São Luís

Figura 2 – Localização do município de São Luís



Fonte: Adaptado de Leão e Junior (2018, p. 12)

São Luís é a capital do estado do Maranhão. Está localizada na região norte do estado, limitando-se, ao norte, com o Oceano Atlântico, ao sul, com o município de Rosário e Bacabeira, a leste, com São José de Ribamar e Paço do Lumiar, e a Oeste, com Alcântara, Bacurituba e Cajapió.

Foi fundada pelo francês Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière, no dia 08 de setembro de 1612. Sua história urbana possui características da colonização portuguesa, tendo em seu núcleo fundacional reflexos urbanísticos planejados no século XVII. São Luís, devido à sua riqueza cultural, recebe denominações como Atenas Maranhense, Capital do Reggae, Ilha do Amor. Essas alcunhas são reveladoras das peculiaridades culturais e sociais desse lugar.

As atividades econômicas desenvolvidas na época de sua fundação eram a pesca e a agricultura de subsistência. Porém, nas últimas décadas, a economia vem tendo forte contribuição da indústria e do comércio, a partir da implantação de grandes projetos como os mencionados anteriormente.

O turismo também tem se tornado cada vez mais forte na cidade devido à riqueza cultural ludovicense evidenciada no bumba-meu-boi, tambor de crioula, cacuriá, reggae, e tantas outras.

Imagem 1 – Vista aérea da cidade de São Luís

Fonte: G1 Maranhão (2020)[9].

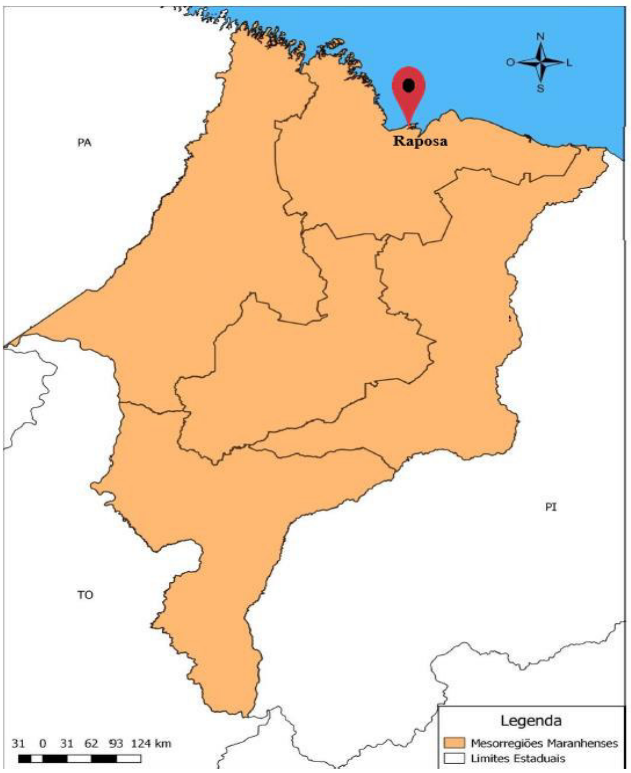
Sua área territorial total é de 582.974 km². Segundo dados do último censo do IBGE realizado em 2010, a população da cidade era de 1.1014.837 habitantes. Em 2020, segundo esse instituto, a população estava estimada em 1.108.975 habitantes.

4.1.2 O município de Raposa

O município de Raposa está localizado no nordeste da ilha do Maranhão. Ao norte e a leste, limita-se com o Oceano Atlântico, ao sul e a oeste, com o município de Paço do Lumiar. É considerada a maior colônia de pescadores cearenses no Maranhão.

[9]Disponível em: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/fotos/2013/09/401-anos-de-sao-luis-veja-imagens-da-ilha-do-amor.html>.

Figura 3 – Localização do município de Raposa



Fonte: Adaptado de Leão e Junior (2018, p.12)

Foi fundado no final dos anos quarenta do século XX, a partir do aparecimento dos cearenses Antônio do Pocal e José Baiaco, que vieram de uma praia do estado do Ceará. Segundo Reis (1998, p. 36 *apud* Feitosa *et al*. 2000, p.18), cerca de 65% a 70% da população de Raposa é formada por cearenses oriundos do município de Acaraú.

Segundo dados do censo IBGE 2010, sua população era de 26.327 habitantes. Em 2020, a população estava estimada em 31.177 habitantes.

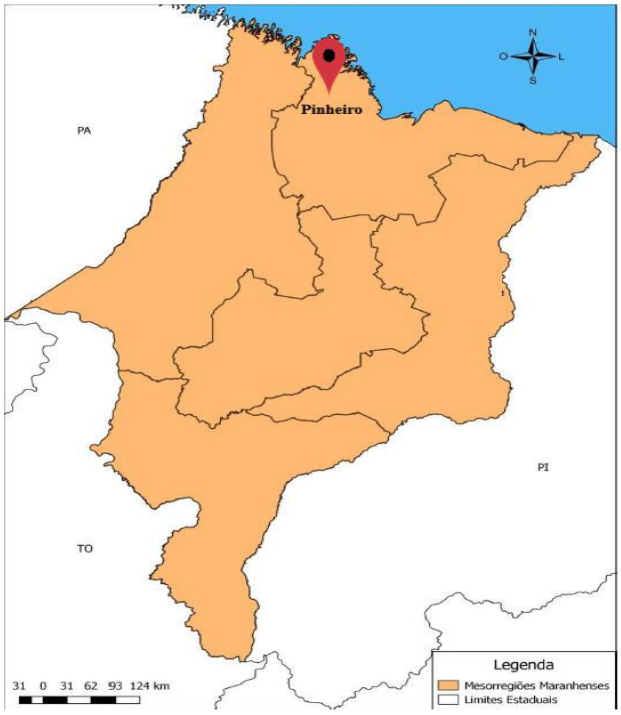
Sua área territorial é de 79.823 km². O município ficou muito conhecido devido ao seu artesanato tipicamente cearense. É rico em pescado, comercializado nos bares e restaurantes da cidade, e também em artesanato, uma de suas principais fontes de renda. Possui belíssimas praias desertas que atraem muitos turistas durante o ano todo.

Imagem 2 – Vista aérea da cidade de Raposa

Fonte: Wikipédia (2020)[10].

4.1.3 O município de Pinheiro

Figura 4 – Localização do município de Pinheiro



Fonte: Adaptado de Leão e Junior (2018, p.12)

O município limita-se, ao norte, com Santa Helena, ao sul, com os municípios de Pedro do Rosário, São Bento e Palmeirândia, a leste, com

[10] Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Raposa_(Maranh%C3%A3o)>

Bequimão, Peri-Mirim, Central do Maranhão e Mirinzal, e a oeste, com Presidente Sarney e Santa Helena.

Imagem 3 – Vista aérea da cidade de Pinheiro

Fonte: Blog Lauro Rocha.[11]

Segundo dados do censo 2010 do IBGE, sua população era de 78.162 habitantes. No ano 2020, sua população estava estimada em 83.777 habitantes. Sua área territorial total é de 1.512,968 km². A economia do município está centrada nas atividades agropecuárias, pesca, agricultura e no comércio.

4.2 O envelope de variação para realização do estudo

Com ancoragem na perspectiva pluridimensional da Geolinguística e na Sociolinguística, estabelecemos variáveis dependentes e independentes para a observação do comportamento da variação da CV3PP na mesorregião norte maranhense.

As variáveis dependentes são as diversas formas utilizadas para se dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade; as variáveis independentes, por sua vez, constituem grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que colaboram para a ocorrência de uma ou outra forma da variável dependente.

A seguir, elencamos as variáveis dependentes e independentes que foram consideradas em nossa investigação.

[11] Disponível em: <http://laurorochacosta.blogspot.com/2012/11/cidade-de-pinheiro-ma.html >

4.2.1 Variáveis dependentes

A nossa variável dependente apresenta-se de forma binária, ou seja, estabelecemos como variável dependente *variante com marca de* CV3PP *x variante sem marca de* CV3PP. Nesse sentido, com o objetivo de apurar os fatores geradores das formas variantes, controlamos fatores linguísticos e extralinguísticos que pudessem favorecer ou desfavorecer o uso de uma ou outra forma variante.

Essas formas verbais podem aparecer configuradas morfologicamente de modos distintos em um contexto comunicativo, tais configurações resultam de alguns fenômenos do PB. Assim, o modo como esses verbos se apresentam morfologicamente denunciam se eles trazem consigo marcas de concordância ou não. Vale lembrar que no capítulo 2, além de apresentarmos considerações sobre a questão da configuração morfológica das formas verbais em terceira pessoa do plural, evidenciamos quais formas seriam consideradas como preservadoras das marcas de CV3PP e quais não.

Os excertos a seguir, extraídos de nosso *corpus*, exemplificam a variação que ocorre no uso das formas verbais de terceira pessoa do plural em análise neste estudo:

(01) *Porque, antigamente, as pessoas falavam muito errado. (informante do sexo masculino, faixa etária I, nível superior, São Luís)*

(02*) Eles me mandaro pra cá com dezenove anos. (informante do sexo masculino, faixa etária II, nível fundamental, Raposa)*

(03) Ah, *eles diz que é mondogaria, né. (informante do sexo feminino, faixa etária II, nível fundamental, Pinheiro)*

No exemplo (01), a configuração morfológica da forma verbal de terceira pessoa do plural atende ao padrão estabelecido pelos manuais normativos, ou seja, é uma variante com marcas de concordância. No exemplo (02), a forma verbal, mesmo sofrendo alteração na sua morfologia, por passar pelo processo de redução/ desnasalização do ditongo final átono, também é uma variante que

carrega as marcas da concordância. No exemplo (03), a seu turno, a configuração morfológica da forma verbal nem atende ao padrão estabelecido nem apresenta nenhum processo de redução/desnasalização, nesse sentido, a forma verbal não traz em si marcas de CV3PP.

4.2.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes são os grupos de fatores que contribuem para a ocorrência das variáveis dependentes, sendo classificadas em variáveis linguísticas, também conhecidas como internas, e variáveis extralinguísticas, também conhecidas como externas.

4.2.2.1 As variáveis linguísticas

Quanto às variáveis linguísticas, consideramos aquelas que, além de terem se mostrado relevantes nos estudos sobre a CV3PP nos quais nos pautamos, também, se mostraram recorrentes em nossos dados. Assim, para a nossa investigação, selecionamos as variáveis linguísticas: posição do sujeito em relação ao verbo, tipos de verbos, traço semântico do sujeito, saliência fônica das formas verbais e paralelismo formal.

4.2.2.1.1 Posição do sujeito em relação ao verbo

Estudos têm mostrado que ela é uma das variáveis que mais influencia a variação da CV3PP. Lemle e Naro (1977) destacaram que a marca de concordância verbal se mantém presente nas estruturas em que o sujeito aparece anteposto ao verbo. Trabalhos como os de Carvalho (2018), Oliveira (2005), Faria (2008), Monguilhott (2009), corroboraram esse resultado. Naro e Scherre (2007) esclarecem que o sujeito à esquerda do verbo favorece de forma robusta a marca de concordância verbal, enquanto que o sujeito à direita a desfavorece. Isto posto, esse grupo de fatores foi divido da seguinte forma:

- Sujeito anteposto ao verbo
  (04) <u>As pessoas</u> <u>tão</u> mais frias. *(informante do sexo masculino, faixa etária I, nível superior, São Luís)*

- Sujeito posposto ao verbo
  (05) Com o tempo, foi surgindo essas vilas aqui. *(informante do sexo feminino, faixa etária II, nível fundamental, Raposa)*

Considerando que o PB é classificado como uma língua do tipo Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), em que a posição do sujeito pode variar na sentença, podendo ele ficar tanto anteposto como posposto, nossas hipóteses seguiram os resultados encontrados em outras investigações (NARO e SCHERRE, 2007; FARIA, 2008 e CARVALHO, 2018) sobre esse grupo de fatores, ou seja, para esse grupo, cremos que o sujeito anteposto ao verbo favorece as marcas de CV3PP porque favorece a ordem SVO. Quanto ao sujeito posposto, acreditamos que desfavoreceria o uso das marcas de concordância pelo fato da posposição do sujeito na sentença levar os falantes a encarar o sujeito como o objeto da sentença (PONTES, 2005 *apud* MONGUILHOTT, 2009, p. 99).

4.2.2.1.2 Tipos de verbos

Baseando-nos na proposta de Oliveira (2005, p. 101), que parte de uma perspectiva tradicional para a escolha dos tipos de verbo, pretendemos também testar a hipótese de que um verbo transitivo (VTr) pode ter um comportamento diferente de um verbo de ligação (VL), sendo esse contexto, portanto, um contexto influenciador para a presença ou ausência das marcas de CV3PP. Para esse grupo, os tipos de verbos considerados foram os seguintes:

- Verbo transitivo
  (06) Eles indicaro o restaurante e eles foi pra lá. *(informante do sexo feminino, faixa etária I, nível fundamental, Raposa)*

- Verbo intransitivo
  (07) Meus filho estudava que se formaro, né? *(informante do sexo feminino, faixa etária II, nível fundamental, Pinheiro)*

- Verbo de ligação

(08) Eles ainda <u>tão</u> vivo. *(informante do sexo masculino, faixa etária I, nível fundamental, São Luís)*

- Verbo auxiliar

(09) Quando <u>tá</u> caindo as cabecinha, a gente corta. *(informante do sexo feminino, faixa etária II, nível fundamental, Raposa)*

Considerando esse grupo de fatores, construímos a hipótese de que o verbo transitivo é o que mais favoreceria o uso das marcas de concordância verbal porque ele privilegia mais a ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) (BERLINK, 1988), ou seja, argumento sujeito à esquerda leva esse tipo de verbo a manter a marca de CV3PP porque ele é facilmente percebido como o sujeito da sentença. O verbo intransitivo, por sua vez, que se caracteriza por não ter complemento (argumento interno), segundo Scherre, Naro e Cardoso (2007), desfavoreceria as marcas de CV3PP.

Quanto aos verbos auxiliar e de ligação, eles desfavoreceriam as marcas de concordância porque o verbo auxiliar não constitui o núcleo do predicado, sendo apenas um elo sintático entre o verbo e o predicativo. O verbo de ligação, por estar em uma linha intermediaria, ou seja, por ele não portar nem o significado verbal e nem ser o elo entre sujeito e predicativo também desfavorece o uso marcado da concordância. (SCHERRE, NARO e CARDOSO, 2007).

4.2.2.1.3 Traço semântico do sujeito

Muitos estudos já apontaram que o traço semântico do sujeito é uma variável que influencia o uso das formas verbais com marca de CV3PP. Estudos como os de Oliveira (2005) e Monguilhott (2001, 2009) demonstraram que, quando o sujeito possui o traço semântico [+ humano], a presença da marca de concordância verbal é favorecida, e quando o sujeito possui o traço semântico [- humano], a presença da marca de concordância verbal é desfavorecida. Scherre e Naro (1998) verificaram que, no PB falado, o sujeito com traço [+ humano] controla a concordância explícita de plural de forma mais acentuada do que o sujeito com traço [- humano]. Isto posto, esse grupo de fatores foi dividido da seguinte forma:

- Sujeito [+ humano]
  (10) Têm pessoas ali que são gente boa. *(informante do sexo masculino, faixa etária I, nível superior, São Luís)*

- Sujeito [-humano]
  (11) Boca da barra é onde os barcos entra e sai todo dia. *(informante do sexo masculino, faixa etária II, nível fundamental, Raposa)*

Nossas hipóteses para esse grupo seguiram o que tem sido evidenciado nos estudos anteriormente reportados, ou seja, acreditamos que na mesorregião norte maranhense a marca de concordância verbal seria mais evidenciada quando o sujeito apresentasse traço [+ humano], enquanto sujeito com traço [- humano] favoreceria a ausência de marca de concordância.

Acreditamos que a probabilidade de marcas de concordância seria maior para o sujeito com traço [+ humano], visto que ele pode se caracterizar mais prototipicamente como sujeito. Com relação ao sujeito com traço [- humano], a ausência de marcas de concordância ocorreria porque, numa escala de "sujeitividade", o sujeito [- humano] se apresentaria semanticamente com traços de menos sujeito (MONGUILHOTT, 2009, p.101).

4.2.2.1.4 Saliência Fônica

Esse princípio estabelece que as formais verbais mais salientes, ou seja, as mais perceptíveis, favorecem mais o uso de marcas da CV3PP do que as formas menos salientes, que seriam, no caso, menos marcadas.

Essa variável tem se mostrado bastante relevante na influência da variação da CV3PP. Os estudos de Lemle e Naro (1977) já apontavam que a ausência de marcas de concordância é mais perceptível nas formas verbais menos salientes. Estudos como os de Carvalho (2018), Oliveira (2005), Faria, (2008), Monguilhott (2009), dentre outros, também consideraram essa variável e, em todos eles, as formas verbais mais salientes favoreceram o uso marcado da CV3PP enquanto as formas menos salientes o desfavoreceram.

Nesse sentido, pretendemos verificar, a partir dos critérios estabelecidos por Naro[12] (1981, *apud* MONGUILHOTT, 2009, p. 88) qual a influência que as terminações verbais mais acentuadas, ou mais salientes, e as menos acentuadas, ou menos salientes, exercem sobre a CV3PP. A seguir, apresentamos como esse grupo de fatores está constituído em nosso estudo:

- Nível I – Oposição não-acentuada
  1. Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (corre/correm, vive/vivem, conhece/conhecem)
     (12) Elas vende em restaurante. *(informante do sexo feminino, faixa etária II, nível fundamental, Pinheiro)*
  2. Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (ganha/ganham, era/eram, gosta/gostam)
     (13) Eles gosto muito de dar presente. *(informante do sexo masculino, faixa etária II, nível fundamental, Raposa)*

  3. Envolve acréscimo de segmentos na forma plural (diz/dizem, quer/querem)
     (14) Eles num quer pagar, aí desaparece a gente. *(informante do sexo masculino, faixa etária II, nível fundamental, Raposa)*

- Nível II – Oposição acentuada
  1. Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (está/estão, vai/vão)
     (15) Eles sai correno e vai tocando prum lado e pro outro. *(informante do sexo masculino, faixa etária II, nível fundamental, Raposa)*

  2. Envolve acréscimo de segmentos sem mudança vocálica na forma plural (desceu/desceram, viu/viram, foi/foram)

[12] Os critérios estabelecidos por Naro (1981, *apud* Monguilhott, 2009, p. 88), foram os seguintes: (1) presença ou ausência de acento na desinência e (2) quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da forma plural. A partir do primeiro critério, dois níveis de saliência fônica foram estabelecidos. Em cada um desses níveis, há mais três categorias que evidenciam a diferença dos materiais fônicos da relação singular/plural.

(16) Eles <u>*descero*</u> na escada, né. *(informante do sexo masculino, faixa etária II, nível fundamental, Raposa)*

3. Envolve acréscimo de segmentos e mudança diversa na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, na raiz e até mudanças completas (veio/vieram, é/são, disse/disseram)
   (17) Todos os dois <u>é</u> massa grossa. *(informante do sexo feminino, faixa etária II, nível fundamental, Raposa)*

Portanto, tento em vista o princípio da saliência fônica estabelecido por Naro (1981), acreditamos que, para esse grupo de fatores, quanto maior ou mais saliente fosse a diferença de material fônico entre as formas verbais no singular e plural, maiores seriam as chances de favorecimento de uso das marcas de concordância, enquanto que, quanto menor ou menos saliente essas diferenças fossem, menores seriam as chances de apresentar marcas de CV3PP.

4.2.2.1.5 Paralelismo formal

O paralelismo formal[13], cujo princípio é o de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, é uma variável linguística que tem se apresentado como favorecedora do uso marcado da CV3PP em diversos trabalhos, como os de Scherre e Naro (1993), Scherre (1998), Monguilhott (2001, 2009), Sgarbi (2006), Faria (2008).

O paralelismo aqui considerado é o do nível da cláusula, ou seja, ocorrido no nível da oração: um sujeito com marca explícita de plural se correlacionará com um verbo com marca explícita de plural, sujeito com marca zero de plural se correlacionará com verbos com marca zero de plural. Nesse sentido, pretendemos verificar se existe uma correlação entre o tipo de marca existente no sujeito com o tipo de marca existente no verbo. Baseando-nos em Monguilhott (2009), esse grupo de fator está dividido da seguinte maneira:

[13] Segundo Sgarbi (2006, p. 94), foi Scherre (1998) quem estabeleceu o princípio do paralelismo formal. Sherre e Naro (1993) definem paralelismo como uma tendência para formas semelhantes ocorrerem juntas. Segundo os autores, marcas levam a marcas e zeros levam a zeros.

- Presença de marca de plural no último ou único elemento do SN sujeito
  (18) Elas são empregadas domésticas. *(informante do sexo feminino, faixa etária I, nível fundamental, Pinheiro)*

- Ausência de marca de plural no último ou único elemento do SN sujeito
  (19) Hoje em dia poucas pessoa respeita outro. *(informante do sexo masculino, faixa etária II, nível fundamental, Raposa)*

- Presença de numeral terminado em /s/ no último ou único elemento do SN sujeito
  (20) Todos três fizeram curso na UFMA. *(informante do sexo feminino, faixa etária II, nível superior, São Luís)*

- Presença de numeral não terminado em /s/ no último ou único elemento do SN sujeito
  (21) aí tem cinco mulher, são cinco *(informante do sexo masculino, faixa etária I, nível fundamental, São Luís)*

Seguindo o princípio geral do paralelismo formal, acreditamos que as marcas explícitas de plural no SN sujeito favoreceriam a presença de marcas de plural no verbo, ou seja, sujeito com marca explícita de plural favorece a marca de concordância no verbo em terceira pessoa do plural; por outro lado, acreditamos que ausência de marca explícita de plural no sujeito favoreceria a ausência de plural nos verbos, em outros termos, a ausência da marca de plural no sujeito favorece a ausência da marca de CV3PP.

4.2.2.2 As variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas consideradas, neste estudo, foram: localidade, sexo, faixa etária e escolaridade dos informantes. A seguir, especificamos cada uma delas.

4.2.2.2.1 Localidade

Os municípios alvos deste estudo, apesar de pertencerem todos a uma mesma mesorregião, apresentam características bem peculiares. Esse fato, por si só, pode ser um anunciador de que as formas verbais de terceira pessoa do plural na mesorregião norte maranhense podem comportar-se de formas distintas em cada um dos pontos considerados.

- São Luís

(22) Têm uns que chama de tejo. *(informante do sexo masculino, faixa etária I, nível fundamental, São Luís)*

- Raposa

(23) Aqueles que são surfista, né. *(informante do sexo masculino, faixa etária II, nível fundamental, Raposa)*

- Pinheiro

(24) Eles chamo aqui de catarata. *(informante do sexo masculino, faixa etária II, nível fundamental, Pinheiro)*

Quanto a esse grupo de fatores, hipotetizamos que a marca de concordância verbal seria mais preservada na fala dos informantes de São Luís, visto que os habitantes da capital maranhense, mesmo os de nível fundamental, têm contato com contextos comunicativos mais formais que exigem o uso de formas linguísticas prestigiadas. Julgamos ainda que os informantes de Raposa viriam em seguida como os que mais preservam as marcas de concordância. A justificativa para essa hipótese reside no fato de que o referido município, além de estar próximo à capital maranhense, também, está localizado na área conhecida como região metropolitana de São Luís, nesse sentido, acreditamos que os raposenses receberiam muitas influências da capital, influências que advêm de aspectos culturais, linguísticos, econômicos, dentre outros. Pinheiro, por sua vez, por estar distante da capital do estado e por localizar-se na Baixada Maranhense, julgamos que apresentaria os maiores índices de ausência de marcas de concordância.

4.2.2.2.2 Sexo

Estudos anteriores já indicaram que homens e mulheres fazem usos distintos da língua (SGARBI, 2006; MONTE, 2006; MONGUILHOTT, 2009; CARVALHO, 2006). Sistemas inteiros de paradigmas podem sofrer variação quando consideramos o sexo dos informantes. Nesse sentido, controlamos essa variável para verificarmos em que medida esse grupo de fatores influencia a CV3PP na mesorregião norte do Maranhão.

- Sexo masculino

(25) Hoje, as festa <u>são</u> mais fácil aqui. *(informante do sexo masculino, faixa etária II, nível fundamental, Pinheiro)*

- Sexo feminino

(26) Esses que <u>são</u> metidos assim, nem sei de onde eles vêm. *(informante do sexo feminino, faixa etária II, nível fundamental, Raposa)*

Orientando-nos pelos resultados apresentados em outros estudos, como os de Vazzata-Dias (2000) e Sgarbi (2006), acreditamos que as mulheres se mostrariam mais receptivas para o uso de marcas de CV3PP, posto que elas são as que se mostram mais atentas às regras sociais e linguísticas impostas socialmente. Situação contrária a essa era esperada para os informantes do sexo masculino.

4.2.2.2.3 Faixa etária

Muitos trabalhos têm demonstrado que a idade é um importante fator para a interação e organização social. Assim, a faixa etária é outra variável muito considerada nos estudos sobre a variação linguística.

Neste estudo, foram controladas apenas duas faixas etárias:

- Faixa I: 18 a 30 anos;

(27) Eles <u>falo</u> mais baladeira, mesmo. *(informante do sexo feminino, faixa etária I, nível fundamental, Pinheiro)*

- Faixa II: 50 a 65 anos.

(28) Às vez, eles chamo de pata cega. *(informante do sexo masculino, faixa etária II, nível fundamental, Pinheiro)*

Acreditamos que os mais jovens, por estarem mais engajados com as novas tecnologias e, consequentemente, inseridos em contextos comunicativos diversos, favoreceriam mais o uso de marcas de CV3PP. Acreditamos, ainda, que os mais velhos, por não estarem tão engajados nesses contextos comunicativos valorizados pelos mais jovens, explicitariam mais a ausência de marca de CV3PP.

4.2.2.2.4 Escolaridade

Essa é uma das variáveis mais consideradas nos estudos sobre variação linguística, pois é uma das mais atuantes entre as variáveis extralinguísticas evidenciadas. Estudos têm apontado que o grau de escolaridade é um dos grupos de fatores que mais influencia a variação da CV3PP. Ressaltamos, mais uma vez, que apenas na capital São Luís foram considerados informantes com dois níveis de escolaridade; nos demais municípios, os informantes possuem apenas o nível fundamental incompleto. Dessa forma, os dois níveis de escolaridade considerados neste estudo foram:

- Nível fundamental incompleto

(29) Elas fazem promoção. *(informante do sexo feminino, faixa etária II, nível fundamental, Pinheiro)*

- Nível superior

(30) Parece que eles misturam com cal e areia. *(informante do sexo masculino, faixa etária I, nível superior, São Luís)*

As nossas hipóteses para esse grupo de fatores seguiram o revelado em muitos estudos sobre a CV3PP (OLIVEIRA, 2005; FARIA, 2008). Desse modo,

acreditamos que na mesorregião norte maranhense, assim como em outros lugares do país, os informantes com nível superior seriam os que mais preservariam a marca de concordância no verbo enquanto os informantes de nível fundamental incompleto tenderiam a não apresentar, ou apresentar menos, as marcas de CV3PP.

4.3 O *corpus* da pesquisa

O *corpus* deste estudo é constituído pelo acervo de dados coletados pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), logo, a nossa pesquisa segue a metodologia adotada pelo referido projeto.

O acervo do Projeto ALiMA é constituído por gravações de entrevistas orais realizadas com falantes de 16 localidades do estado, também chamadas de pontos de inquérito. O quadro, a seguir, apresenta a rede de pontos do ALiMA em cada mesorregião maranhense.

Quadro 1 – Rede de pontos do Atlas Linguístico do Maranhão

Mesorregião Norte Maranhense
São Luís (MA 01)
Raposa (MA 02)
Pinheiro (MA 03)
Mesorregião Sul Maranhense
Alto Parnaíba (MA 10)
Balsas (MA 09)
Carolina (MA 08)
Mesorregião Leste Maranhense
Araioses (MA 14)
Brejo (MA 13)
São João dos Patos (MA 11)
Caxias (MA 12)
Codó (MA 17)
Mesorregião Oeste Maranhense
Imperatriz (MA 07)
Turiaçu (MA 04)
Carutapera (MA 05)
Mesorregião Centro Maranhense
Bacabal (MA 16)
Tuntum (MA 18)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim, o nosso *corpus* se constituiu dos dados coletados mediante aplicação do questionário ALiMA nos municípios de São Luís, Raposa e Pinheiro. Cada informante respondeu a um questionário contendo questões voltadas a

aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexicais, morfossintáticos, prosódicos, pragmático-discursivos, metalinguísticos, além de temas para discurso semidirigido.

Todos os informantes foram submetidos às mesmas perguntas e o critério de aplicação foi igual, tudo isso para garantir a confiabilidade dos dados obtidos. Os questionários foram elaborados e aplicados de forma a favorecer, da melhor maneira possível, o entendimento dos informantes sobre as questões propostas.

Quanto à entrevista, Silva (2007, p. 125) afirma que é o método mais habitual nos procedimentos sociolinguísticos, pois, para a maioria dos fenômenos linguísticos, ela se mostra mais vantajosa. Ela deve constituir-se de uma conversa informal, casual, a fim de que se registre a fala mais próxima possível do vernáculo.

Chamamos a atenção para o fato de que, para cumprir os objetivos deste trabalho, o questionário ALiMA foi utilizado na íntegra, ou seja, consideramos todas as perguntas do questionário geral. Dessa forma, retiramos todos os contextos de formas verbais em terceira pessoa do plural do *corpus* analisado, tanto as formas verbais com marcas quanto as sem marcas de CV3PP, o que resultou em um número significativo de 1.171 dados analisados[14].

4.4 Os pontos de inquérito

Como utilizamos o banco de dados do Projeto ALiMA, os pontos de inquérito deste trabalho são constituídos pelos municípios de São Luís, Raposa e Pinheiro, que constituem os pontos de inquérito da mesorregião norte maranhense:

i) ponto de inquérito São Luís (MA 01): com 08 (oito) informantes divididos, igualmente, entre os dois sexos, as duas faixas de idade e os dois graus de escolaridade: quatro (04) do nível fundamental e 04 (quatro) do nível superior.

[14] Essas formas verbais correspondem tanto àquelas que apresentaram marcas de CV3PP quanto às que não apresentaram nenhuma marca dessa concordância.

ii) ponto de inquérito Raposa (MA 02): com 04 (quatro) informantes divididos, igualmente, entre os dois sexos, as duas faixas de idade e todos possuindo, apenas, o nível fundamental de ensino.

iii) ponto de inquérito Pinheiro (MA 03): com 04 (quatro) informantes divididos, igualmente, entre os dois sexos, as duas faixas de idade e todos possuindo, apenas, o nível fundamental de ensino.

Ressaltamos, mais uma vez, que essas localidades foram escolhidas pelo Projeto ALiMA com base em critérios rigorosos como a diversidade cultural de cada uma das localidades, a constituição demográfica de cada área, a importância de fatores históricos, culturais, sociais e linguísticos dessas localidades para a formação do estado do Maranhão, dentre outros.

4.5 Os informantes

Visto que utilizamos o banco de dados do projeto ALiMA para o desenvolvimento desta pesquisa, seguimos os critérios estabelecidos por esse projeto para a estratificação dos informantes.

Os informantes foram estratificados da seguinte forma: mulheres e homens, preferencialmente, naturais das localidades pesquisadas e que tivessem permanecido muito tempo nessas localidades, com pais que também fossem naturais das localidades investigadas, pertencentes a duas faixas etárias (faixa etária I - 18 a 30 anos e faixa etária II - 50 a 65 anos); com dois níveis de escolaridade (Ensino Fundamental incompleto e Ensino Superior – este último observado somente no perfil de informantes da capital São Luís).

4.6 Transcrição e tratamento estatístico dos dados

Para documentar a ocorrência das formas verbais, em contextos de terceira pessoa do plural, fornecidas durante os inquéritos/entrevistas feitos mediante o uso de aparelho eletrônico, foi utilizada a transcrição grafemática.

Para a seleção dos dados, revisamos minuciosamente as transcrições grafemáticas realizadas pela equipe do ALiMA. Tal procedimento foi necessário para nos certificarmos da veracidade dos dados transcritos e, também, para aproveitá-los integralmente. Assim, fizemos a oitiva de todos os áudios dos

inquéritos para proceder à revisão das transcrições grafemáticas feitas pela equipe do Projeto.

Salientamos que, quando tivemos acesso ao banco de dados do ALiMA, alguns áudios ainda não haviam sido transcritos, como os áudios de Raposa (MA 02). Nesse caso, procedemos à audição e às transcrições, apenas, dos trechos que interessavam à nossa pesquisa. Após as transcrições desses trechos, retomamos as audições desses mesmos áudios para nos certificarmos de que nenhum dado tivesse ficado de fora.

Outro fato que nos interessa evidenciar foi que em algumas transcrições dos áudios de São Luís, alguns trechos ainda não haviam sido revisados pela equipe do ALiMA. Nesse caso, fomos ainda mais cautelosos na observação e revisão. Assim, preenchemos algumas lacunas deixadas nas transcrições originais e registramos todos os fatos linguísticos que nos interessavam a este estudo.

Como, no método quantitativo, a análise dos dados objetiva mostrar como as escolhas dos falantes, entre as variáveis dependentes, está condicionada, fizemos uso do programa computacional Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONT e SMITH, 2005; GUY e ZILLES, 2007). Para que os dados fossem rodados nesse programa, foi necessário fazer a codificação das variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas (SCHERRE e NARO, 2019). O programa processa os dados da variação linguística, separando, quantificando e testando a significância dos efeitos dos fatores linguísticos e extralinguísticos sobre uma variável dependente. Assim, por meio do uso desse pacote estatístico, foi possível confirmarmos ou refutarmos as hipóteses sobre a influência que as variáveis independentes selecionadas exercem na ocorrência do fenômeno em estudo.

Sobre a importância do uso desse pacote nas investigações dos fenômenos linguísticos, Scherre e Naro (1997, p. 95) esclarecem, ainda, que ele fornece

> pesos relativos associados aos diversos fatores dos grupos de fatores ou variáveis independentes consideradas, bem como a seleção destes grupos em função de sua relevância estatística para a variação do fenômeno analisado. Os pesos relativos atribuídos indicam o efeito que cada um dos fatores tem sobre as variantes do fenômeno linguístico analisado (a variável dependente).

Os pesos relativos medem, portanto, numa escala de zero a um (0-1), a influência de uma variável sobre a variante considerada. O valor zero indica que a variante não acontece quando a variável escolhida está presente; o valor um (1) indica que a variante sempre ocorre quando a variável está presente. (GUY; ZILLES, 2007, p. 239). Dessa forma, pesos relativos acima de 0.50 indicam favorecimento da variável, os abaixo de 0.50 apontam o desfavorecimento da variável e os próximos a 0.50 indicam a não influência da variável sobre a variante.

Os pesos relativos mostram-se, desse modo, indicadores da probabilidade de realização de uma ou outra forma verbal ao considerarmos uma determinada variável. Os resultados obtidos com os pesos relativos são denunciadores da significância das variáveis sobre a variante em estudo.

4.7 Contextos de restrição

Chamamos a atenção para o fato de termos desconsiderado algumas formas verbais em nossas análises por apresentarem peculiaridades em suas terminações. Assim sendo, foram excluídos/as:

a) sujeitos formados por expressões partitivas, como “a maioria de, acerca de, grande parte de, etc.”, uma vez que, segundo os manuais normativos, os sujeitos que apresentam essas características podem tanto ir para o plural quanto para o singular.

b) algumas formas verbais no presente do indicativo, cujas formas do singular e do plural são homônimas homófonas, diferenciando-se umas das outras, apenas, na escrita, através do uso do acento circunflexo no plural. Verbos como ter (tem/têm) e vir (vem/vêm) exemplificam esses casos.

c) formas verbais no infinitivo pessoal (ir/irem; sujar/sujarem), pois os manuais normativos estabelecem que esse tipo de concordância é facultativo.

d) casos em que o verbo “ter” e “haver” têm o sentido de “existir”.

4.8 As cartas linguísticas

O resultado das pesquisas de base geolinguística, geralmente, são apresentados por meio de cartas linguísticas, cuja finalidade é descrever o comportamento de variantes linguísticas em seus diversos níveis, evidenciando diferenças ou semelhanças de usos da língua falada em determinada(s) região(ões) geográfica(s) e estabelecendo relações entre esses usos e variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Com relação à representação cartográfica de dados morfossintáticos, Vieira e Vieira (2006, p. 101 *apud* Alves, 2010, p. 62) ressaltam que a carta linguística é uma das formas possíveis de se investigar e registrar qualquer fenômeno, por oferecer uma noção da distribuição espacial dos fatos e propiciar uma visão panorâmica.

Nesse sentido, como parte integrante deste trabalho, apresentamos cartas linguísticas morfossintáticas para evidenciar a distribuição e a frequência das variáveis analisadas na região geográfica sob investigação.

Oportunamente, esclarecemos que a carta tomada como modelo para a produção das nossas cartas linguísticas nos foi repassada pela equipe de cartografia do projeto ALiMA, sob autorização da coordenação do referido projeto. Oportunamente, destacamos, mais uma vez, que os dados que utilizamos para a realização deste estudo são oriundos do banco de dados desse projeto de pesquisa.

Para a produção das cartas linguísticas que apresentamos, obtivemos a fundamental ajuda de alguns integrantes dessa equipe de cartografia do ALiMA. Haja vista a disponibilidade de alguns programas computacionais, como o SGVCLin (ROMANO, SEABRA e OLIVEIRA, 2014), que podem ser utilizados para a produção de cartas linguísticas, alguns dos referidos membros dessa equipe do ALiMA nos auxiliaram na produção do modelo de carta morfossintática que utilizamos.

Nas cartas linguísticas que apresentamos, evidenciamos de forma geral, nas legendas, a fonte dos dados que utilizamos, os nomes dos integrantes da equipe de cartografia do Projeto ALiMA responsáveis pela produção da carta modelo utilizada para este estudo, bem como, ressaltamos que a revisão das

cartas apresentadas e a análise linguística feita com base nas mesmas são de inteira responsabilidade do autor deste trabalho.

As informações contidas nas cartas morfossintáticas que apresentamos foram organizadas da seguinte maneira:

i) na parte superior centralizada, está indicada a região ou o ponto de inquérito em foco;

ii) na parte superior à direita, é informado o número da carta de acordo com a ordem de apresentação;

iii) abaixo do número da carta, é apresentada a variante em análise;

iv) abaixo da indicação da variante em análise, vem o grupo de fatores;

v) abaixo do grupo de fatores, gráficos percentuais representam os fatores e a frequência de influência de cada um sobre a variável em análise.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, analisamos os resultados da investigação sobre a presença e a ausência de marcas da CV3PP gerados pelos cálculos estatísticos realizados pelo programa Goldvab X em relação aos 1.171 dados de fala dos informantes dos municípios maranhenses de São Luís, Raposa e Pinheiro, provenientes do banco de dados do Projeto ALiMA.

Chamamos a atenção, inicialmente, para o fato de que, apesar de o nosso trabalho ter também como base a Geolinguística, a exegese dos nossos resultados enveredou para a linha de análise da Sociolinguística. Isso ocorreu devido ao fato de não termos encontrado, em nossas buscas bibliográficas, trabalhos desenvolvidos na perspectiva aqui adotada, a Geossociolinguística. Os trabalhos aqui aludidos, sobre a CV3PP, tiveram como base de suas análises os pressupostos teóricos da Sociolinguística.

Nas nossas análises, tabelas e gráficos apresentam os resultados em forma de valores percentuais e de pesos relativos atribuídos a cada fator dos grupos de fatores adotados nesta pesquisa. Cartas linguísticas morfossintáticas também subsidiam esta etapa de análise evidenciando como cada fator se comportou na região geográfica maranhense em estudo, ou seja, na mesorregião norte maranhense.

Inicialmente, destacamos que, devido a São Luís ser o único município com informantes com nível fundamental e superior, foi necessário realizarmos rodada específica para esse município, pois acreditamos que o fator escolaridade poderia interferir nos resultados gerais alcançados. Nesse sentido, fizemos uma rodada separada para esse município para vermos o comportamento dessa variável. Nessa rodada, todos os grupos de fatores da rodada geral foram considerados, porém, nos detivemos apenas nos valores atribuídos à escolaridade dos informantes. Esclareceremos melhor essa questão quando da análise dos valores atribuídos a esse grupo de fatores.

Considerando o comportamento dos grupos de fatores na aplicação de marcas da CV3PP na rodada geral dos dados no Goldvarb X, sem o fator escolaridade, a ordem de influência dos grupos de fatores para a marcação da CV3PP na mesorregião norte maranhense obtida foi, respectivamente, a seguinte:

1) localidade

2) sexo

3) posição do sujeito em relação ao verbo

4) traço semântico do sujeito

5) saliência fônica

6) paralelismo formal

Quanto aos grupos de fatores não selecionados como relevantes para a marcação da CV3PP, o programa considerou os seguintes:

1) faixa etária

2) tipos de verbo

Na rodada separada, feita apenas com os dados do município de São Luís, os grupos de fatores considerados relevantes para o uso marcado da CV3PP pelo programa foram os seguintes, respectivamente:

1) escolaridade

2) traço semântico do sujeito

3) saliência fônica

Nessa rodada, os seguintes fatores foram considerados irrelevantes para o uso marcado da CV3PP pelo programa:

1) sexo

2) tipos de verbo

3) posição do sujeito em relação ao verbo

4) faixa etária

5) paralelismo formal

Em nossas análises, damos mais ênfase aos grupos de fatores que se mostraram relevantes para o uso de marcas da CV3PP nas rodadas do programa, assim, baseando-nos nos valores percentuais e nos pesos relativos atribuídos a cada um dos fatores que compõem os diversos grupos de fatores, desenvolvemos nossas análises observando em que medida nossas hipóteses iniciais para cada grupo de fatores foram confirmadas ou refutadas. Norteados pelos valores percentuais obtidos, também levantamos discussões sobre os grupos de fatores descartados na análise estatística por acreditarmos que, mesmo não sendo considerados relevantes para a marcação da CV3PP pelo programa, os percentuais atribuídos a cada fator desses grupos de fatores têm

muito a nos revelar a respeito da influência exercida por cada um deles sobre o uso marcado da CV3PP.

Como mencionado anteriormente, obtivemos um total de 1.171 dados de fala. A Tabela 4, a seguir, evidencia como ficaram distribuídos esses dados de acordo com a nossa variável dependente, ou seja, de acordo com a presença de marcas da CV3PP e a ausência de marcas da CV3PP.

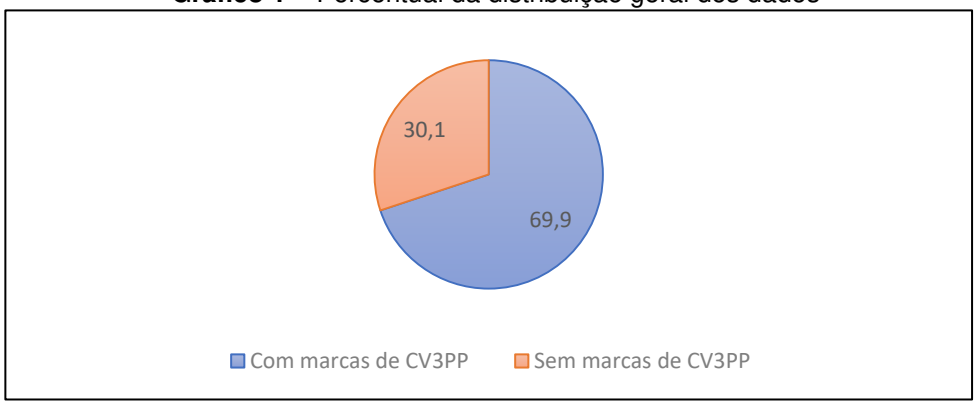
Tabela 4 – Distribuição geral dos dados na mesorregião norte maranhense

Variantes	Nº de Ocorrências	%
Com marca da CV3PP	818	69,9%
Sem marca da CV3PP	353	30,1%
Total	1.171	100%

Fonte: Elaborada pelo autor

Como exposto na Tabela 4, em 818, dos 1.171 dados de fala, houve a marcação da CV3PP, o que equivale a 69,9% do total. E em 353 dados não houve marcas da CV3PP, o equivalente a 30,1%. Considerando, portanto, esses valores percentuais obtidos, constatamos que no falar dos municípios da mesorregião norte maranhense investigados há o predomínio do uso de marcas da concordância nos verbos em terceira pessoa do plural. O Gráfico 1, a seguir, nos dá uma melhor visualização desse resultado.

Gráfico 1 – Percentual da distribuição geral dos dados



Fonte: Elaborado pelo autor

Oportunamente, comparando os nossos resultados com os resultados obtidos por outros pesquisadores, a fim de ressaltarmos a importância dos estudos sobre a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no

Brasil, temos que, por exemplo, na pesquisa realizada por Monguilhott (2009)[15], de um total de 794 dados de fala coletados em Florianópolis, 640 ocorrências evidenciaram a marcação da concordância verbal, o correspondente a 80,6% do total da amostra analisada, e em 154 não houve a marcação da concordância, o que corresponde a 19,4%.

Em Oliveira (2005)[16], foram identificadas 3.200 ocorrências em Vitória da Conquista na Bahia. A marcação da concordância foi constatada em 1.639 dados, valor que corresponde a 51% do total da amostra analisada, e em 1.561 realizações não houve marcas da concordância, o que corresponde a 49% dos dados totais.

Faria (2008)[17] levantou um quantitativo de 863 dados de fala em Belo Horizonte. Em 566 dessas ocorrências houve a presença de marcas da concordância verbal, ou seja, em 65% da amostra analisada, e em 297 não houve o uso de marcas da concordância verbal, o que correspondeu a 34%.

Por fim, em Carvalho (2018)[18], de um total de 1.112 dados coletados em Quirinópolis, em Goiás, em 375 houve a presença de marcas da concordância verbal, o que correspondeu a 33,7%, e em 737 dados não houve essa marcação, o correspondente a 66,3% do total.

A Tabela 5, a seguir, apresenta uma síntese comparativa da presença e da ausência de marcas da CV3PP entre a pesquisa que desenvolvemos e os trabalhos anteriormente aludidos.

[15] Ressaltamos que em relação à pesquisa de Monguilhott (2015) consideramos apenas a amostra sincrônica coletada em Florianópolis, obtida a partir de entrevistas com 16 informantes estratificados de acordo com a idade e o sexo.

[16] Na pesquisa de Oliveira (2005), o *corpus* foi composto por dados resultantes de falas espontâneas coletadas em 32 inquéritos individuais realizados com informantes da localidade.

[17] Para a pesquisa de Faria (2008), foram coletados dados de entrevistas espontâneas feitas com 26 informantes residentes na capital mineira.

[18] Para efetivação da pesquisa de Carvalho (2018), foram coletados dados de fala por meio de entrevistas sociolinguísticas realizadas com 36 informantes nascidos e residentes na cidade investigada.

Tabela 5 – Comparativo de ocorrências de presença/ausência de marcas da CV3PP em nossa pesquisa e em outras pesquisas sobre esse fenômeno no PB[19].

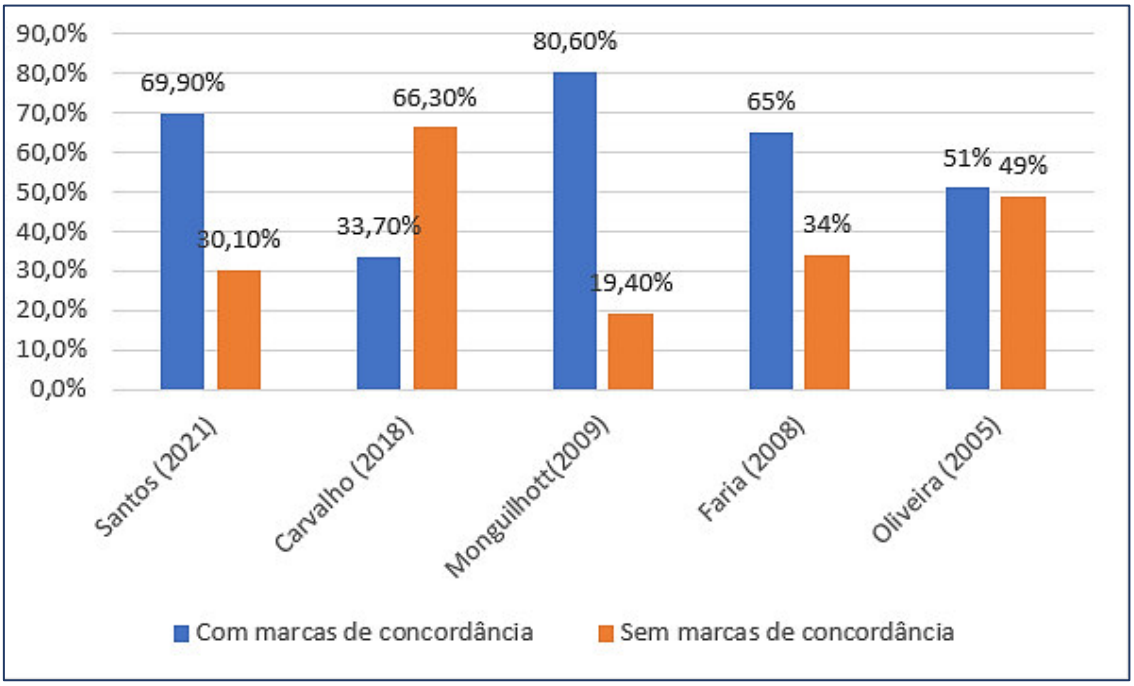
Trabalhos	Ocorrências	Percentual de verbos com marcas de concordância	Percentual de verbos sem marcas de concordância
Santos (2021)	1.171	69,9%	30,1%
Carvalho (2018)	1.112	33,7%	66,3%
Monguilhot (2009)	794	80,6%	19,4%
Faria (2008)	863	65%	34%
Oliveira (2005)	3.200	51%	49%

Fonte: Elaborada pelo autor

Com base nesse comparativo, percebemos que nossos resultados seguem a mesma direção da maioria dos estudos aqui mencionados, ou seja, evidenciam o predomínio do uso de marcas da concordância nos verbos em terceira pessoa do plural. O Gráfico 2, a seguir, evidencia o comportamento das distribuições dos dados em cada pesquisa.

[19] Chamamos a atenção para o fato de que os estudos aqui mencionados utilizaram diferentes critérios para a escolha de seus informantes. Quanto à localidade dos informantes, por exemplo, Oliveira (2005) estabeleceu como critério de seleção: ser natural da cidade ou morar desde os 5 anos de idade, nunca ter passado mais do que 2 anos consecutivos fora da cidade. Faria (2008), contudo, estabeleceu que seus informantes deveriam ser residentes da capital mineira e morar em uma das 9 unidades administrativas de Belo Horizonte. Isto posto, ressaltamos que, mesmo havendo diferentes critérios para a seleção dos informantes nos estudos aqui aludidos, acreditamos que a comparação aqui estabelecida entre nossos resultados e os resultados dos outros estudos, além de não prejudicar as nossas análises, nos possibilita ampliar ainda mais a visão sobre o comportamento da CV3PP, favorecendo-nos, consequentemente, um melhor entendimento a respeito da natureza variável do fenômeno aqui investigado.

Gráfico 2 – Comparativo de ocorrências de presença/ausência de marcas da CV3PP em nossa pesquisa e em outras pesquisas sobre o PB



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos visualizar, apenas em Carvalho (2018) encontramos resultados que vão de encontro aos nossos e aos resultados da maioria dos estudos realizados em outras regiões do país. Vale salientar que no estudo da referida autora, 95% dos informantes da pesquisa nasceram na zona rural e viveram por certo tempo nesse ambiente. Dos 36 informantes da pesquisa, 14 possuíam nível fundamental, 1 era semianalfabeto e 1 totalmente analfabeto. Os outros 20 possuíam ensino médio completo, ensino médio incompleto, ensino superior completo, ensino superior incompleto e pós-graduação. Isto posto, ressaltamos que no estudo de Carvalho (2018), assim como no nosso, o quantitativo de informantes com pouca escolarização é bem considerável. Porém, em nosso trabalho, mesmo com um quantitativo elevado de informantes apenas com o nível fundamental de ensino, a presença de marcas da CV3PP se mostrou bem expressiva, diferentemente do encontrado no estudo da autora supracitada.

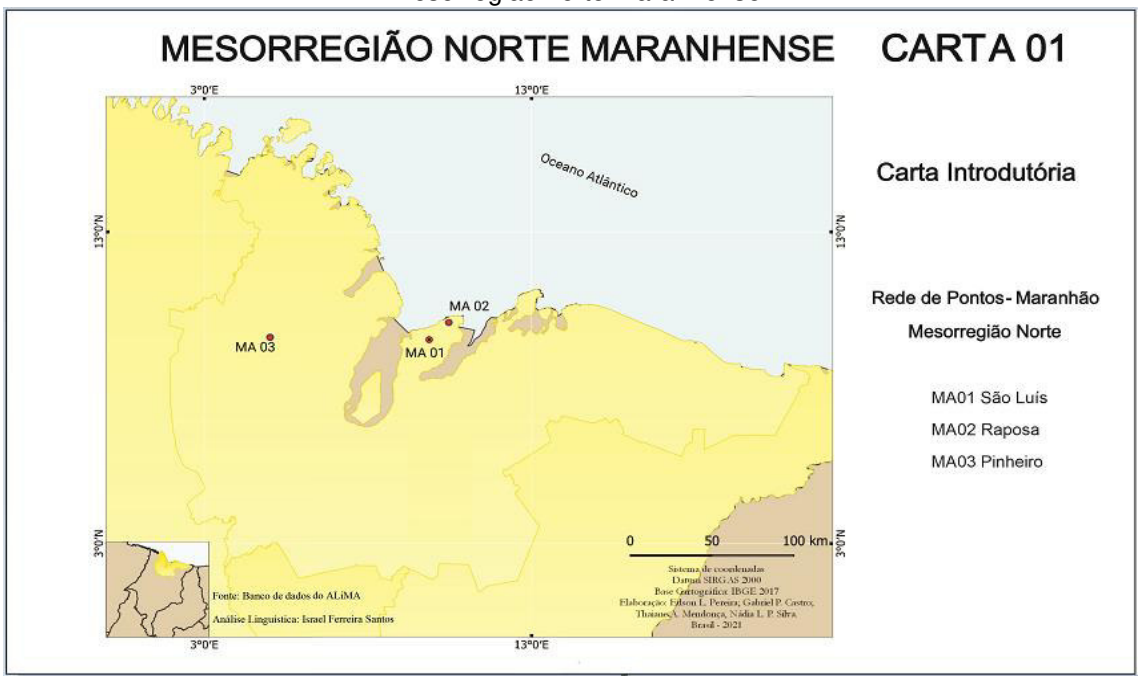
Em Oliveira (2005), não houve diferença expressiva entre os usos marcados e não marcados, pois os valores percentuais atribuídos ficaram muito próximos, o que foi considerado um caso de variação estável na localidade pesquisada. O uso de marcas da CV3PP obteve apenas 2 pontos percentuais

acima do não uso, consequentemente, a autora desenvolveu sua análise observando a ausência de marcas de concordância verbal.

Dando ênfase, particularmente, à nossa análise, apresentamos os valores percentuais e os pesos relativos alcançados pelos fatores selecionados como relevantes na análise probabilística realizada pelo programa Goldvarb X. Apresentamos, inicialmente, os fatores de natureza linguística e, em seguida, os de natureza extralinguística. Tabelas, gráficos e cartas linguísticas morfossintáticas corroboram a análise dos grupos de fatores, possibilitando uma melhor visualização do comportamento de cada fator na análise quantitativa.

Após a análise dos grupos de fatores selecionados como relevantes na rodada geral do programa, damos continuidade às discussões abordando os grupos de fatores excluídos da rodada estatística. Para estes, seguimos a mesma ordem estabelecida para os grupos selecionados. Nas análises desses fatores, tabelas, gráficos e cartas linguísticas morfossintáticas, também evidenciam o comportamento de cada um deles na mesorregião sob investigação. A Carta linguística 1, a seguir, é uma carta introdutória na qual estão situados os pontos de inquéritos do ALiMA da mesorregião norte maranhense sob investigação.

Carta Linguística 1 – Carta introdutória com redes de pontos do ALiMA na mesorregião norte maranhense.



Fonte: Banco de dados do ALiMA – carta elaborada por Pereira, Castro, Mendonça e Silva, e revisada pelo autor (2021)[20]

Nessa carta linguística introdutória, estão evidenciados os três pontos de inquéritos do ALiMA na mesorregião norte maranhense, a saber: MA 01 - São Luís, MA 02 - Raposa e MA 03 - Pinheiro. Nas cartas linguísticas subsequentes, além das informações já contidas nesta carta introdutória, foram acrescidas informações sobre a distribuição do comportamento do fenômeno na mesorregião em análise. Assim, por meio de gráficos, apresentamos os valores percentuais atribuídos a cada um dos fatores. As cartas linguísticas estão numeradas de acordo com a ordem de relevância de cada grupo de fatores na rodada geral dos dados no programa.

5.1 Variáveis selecionadas pelo Goldvarb X na rodada geral dos dados

Como esclarecido anteriormente, das nove variáveis adotadas, nesta pesquisa, para a análise da variação da CV3PP na mesorregião norte maranhense, apenas sete foram consideradas influenciadoras da marcação da CV3PP, a saber: localidade, sexo, posição do sujeito em relação ao verbo, traço

[20] Ressaltamos, mais uma vez, que a produção das cartas linguísticas apresentadas, neste trabalho, foi feita por alguns membros do projeto ALiMA, cujos nomes constam nas legendas das cartas linguísticas morfossintáticas apresentadas.

semântico do sujeito, saliência fônica e paralelismo formal, respectivamente; somando-se a essas a variável escolaridade, que também foi escolhida como relevante, porém, em uma rodada separada feita apenas com os dados do município de São Luís. As duas variáveis desconsideradas nessa rodada estatística foram, respectivamente, faixa etária e tipos de verbo. A seguir, partindo dos grupos de fatores linguísticos, apresentamos o comportamento de cada grupo seguindo a ordem de significância estabelecida pelo programa.

5.1.2 Posição do sujeito em relação ao verbo

O grupo de fatores linguísticos considerado mais relevante pelo Goldvarb X foi a posição do sujeito em relação ao verbo. A Tabela 6, a seguir, evidencia os valores atribuídos a esse grupo.

Tabela 6 – Frequência e probabilidade de marcas de CV3PP de acordo com a posição do sujeito em relação ao verbo

Posição	**Apl/Total**	**%**	**PR**
Sujeito anteposto	606/883	68,6%	0.51
Sujeito posposto	17/45	37,8%	0.17
Total	623/928[21]	67,6%	**Total**
Input: 0.75			Significância 0.00

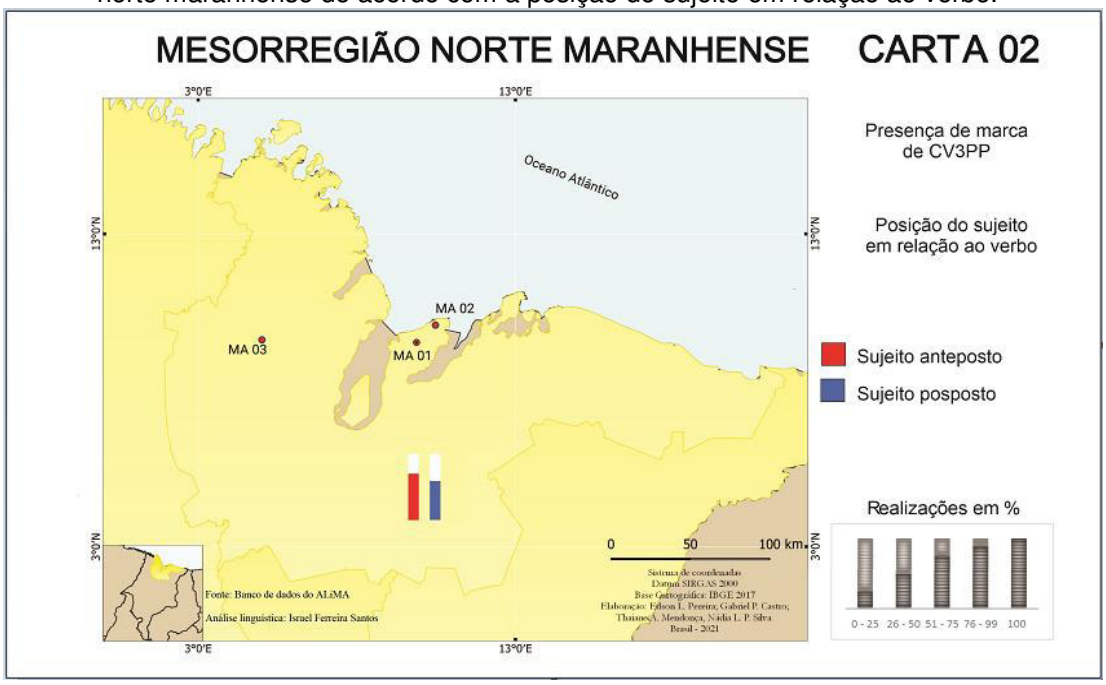
Fonte: Elaborada pelo autor

Observados os pesos relativos apresentados na Tabela 6, podemos ver que nesse grupo de fatores o sujeito anteposto foi o que favoreceu o uso de marcas da CV3PP. A frequência para o uso da marcação foi de 68,6% e 0.51 de peso relativo para o sujeito anteposto. O sujeito posposto, por sua vez, apresentou baixa frequência – 37,8% – para a marcação da concordância em análise, e o peso relativo foi de 0.17. Esses valores demonstram que, percentualmente, o índice da presença de marcas da CV3PP é maior com o sujeito anteposto, e que a posposição é o fator que mais desfavorece as marcas

[21] Esse valor se deve ao fato de que, nesse grupo de fatores, consideramos apenas os sujeitos que se apresentaram de modo explícito nas sentenças. Assim, os sujeitos que estavam ocultos não foram considerados para este grupo da fatores. Ao todo, obtivemos 243 ocorrências de sujeitos ocultos que não se enquadravam nas categorias estabelecidas para este grupo de fatores, sendo, portanto, desconsiderados na rodada.

da concordância nos verbos em terceira pessoa do plural. A Carta linguística 2, a seguir, apresenta a distribuição desses valores, percentualmente, de acordo com a variável em questão.

Carta linguística 2 – Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com a posição do sujeito em relação ao verbo.



Fonte: Banco de dados do ALiMA – carta elaborada por Pereira, Castro, Mendonça e Silva, e revisada pelo autor (2021)

Considerando os pesos relativos atribuídos, evidenciamos que esses resultados vão ao encontro do que tem sido revelado por algumas investigações sobre a CV3PP quando a posição do sujeito é evidenciada. Estudos como os de Naro e Scherre (2007), Faria (2008), Monguilhot (2009) e Carvalho (2018), evidenciaram que a anteposição do sujeito é a posição que mais favorece a marcação da CV3PP. Naro e Scherre (2003, p. 58) comprovaram ainda que, independentemente do nível de escolaridade, a anteposição do sujeito desencadeia mais marcas de concordância nos verbos em terceira pessoa do plural do que a posposição.

A título de comparação com os nossos resultados, apresentamos dois estudos que observaram a influência da posição do sujeito em relação ao verbo na análise da CV3PP: Monguilhot (2009) e Carvalho (2018). No primeiro estudo, os valores referentes ao uso marcado dessa concordância indicaram que o sujeito anteposto foi o que mais favoreceu o uso de marcas, obtendo um peso

relativo de 0.57. Para o sujeito posposto foi atribuído o peso relativo de apenas 0.08.

No estudo de Carvalho (2018), a autora, adotando uma outra perspectiva de análise, observou a probabilidade de ocorrência da não marcação dessa concordância nos verbos. Ela constatou que o sujeito posposto é um fator que influencia consideravelmente a ausência de marcas. No seu estudo, o peso relativo atribuído a esse fator foi de 0.96, em seguida, aparece o sujeito nulo, com peso relativo de 0.82, e o sujeito anteposto, com peso relativo de 0.78. Assim, esse estudo evidenciou que, dos três fatores selecionados, o que mais favoreceu o uso de marcas de concordância nos verbos em terceira pessoa do plural foi o sujeito anteposto.

Sobre a anteposição do sujeito em relação ao verbo, Silva (2005, p. 250) argumenta que a recuperação da figura do sujeito na mente do falante é um dos fatores que aumenta a frequência da concordância verbal, visto que o falante relaciona o elemento anteposto ao verbo com o sujeito ou o agente da oração. Nesse sentido, a presença do elemento sujeito anteposto conduz ao uso da forma de verbo que se adapte a ele. No caso do nosso fenômeno, essa anteposição conduz o informante a fazer o uso de marcas de CV3PP.

Com relação ao sujeito posposto, os nossos dados sugerem, assim como os de outras investigações (SILVA, 2005; MONGUILHOTT, 2009), que há uma tendência dos informantes a interpretar a estrutura posposta ao verbo não como sujeito da sentença ou agente da ação. Nesse sentido, o sujeito posposto leva o informante a interpretá-lo como o objeto direto da sentença e não como o sujeito, consequentemente, há menos uso de marcação da concordância quando aparece sujeito desse tipo.

Para esse grupo de fatores, as nossas hipóteses iniciais se confirmaram, uma vez que esperávamos que, na mesorregião norte maranhense, assim como em outras regiões do Brasil, a anteposição do sujeito fosse favorecer mais as marcas de concordância de terceira pessoa do plural nos verbos.

5.1.3 Traço semântico do sujeito

O grupo de fatores linguísticos traço semântico do sujeito foi selecionado em segundo lugar como favorecedor do uso de marcas da CV3PP, confirmando,

assim, as nossas hipóteses iniciais. O sujeito com traço [+ humano] favoreceu mais a marcação da concordância nos verbos do que o sujeito com traço [- humano], como mostra a Tabela 7, a seguir.

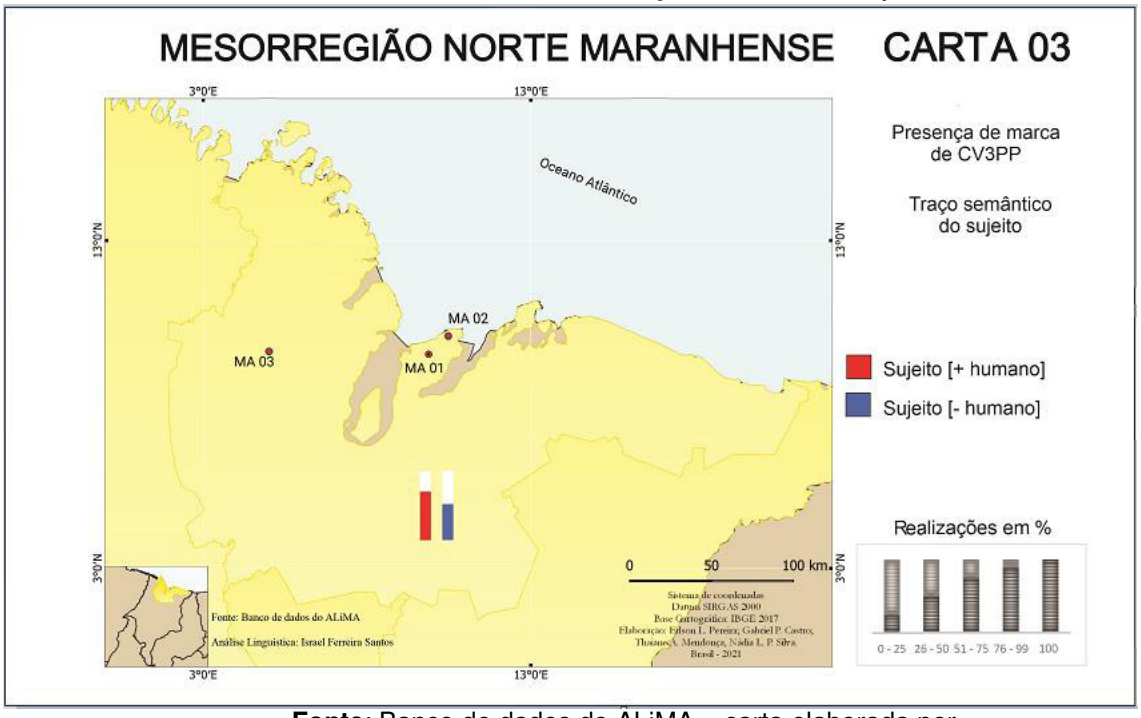
Tabela 7 – Frequência e probabilidade de marcas da CV3PP de acordo com o traço semântico do sujeito

Traço semântico	**Apl/Total**	**%**	**PR**
Sujeito [+ humano]	709/975	72,7%	0.55
Sujeito [- humano]	109/196	55,6%	0.25
Total	818/1.171	69,9%	
Input: 0.75			Significância 0.00

Fonte: Elaborada pelo autor

Os maiores percentuais e pesos relativos foram atribuídos ao sujeito com traço [+ humano], 72,7% e 0.55. Para o sujeito com traço [- humano], os percentuais e pesos relativos foram, respectivamente, 55,6% e 0.25. Esses valores, além de validarem nossas hipóteses iniciais para esse grupo de fatores, demonstram que o uso marcado da CV3PP na mesorregião norte maranhense segue o que outros estudos têm apontado sobre a influência desse grupo de fatores na CV3PP no PB. Na Carta linguística 3, a seguir, está evidenciada a distribuição da presença de marcas da CV3PP de acordo com o traço semântico do sujeito.

Carta linguística 3 – Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com o traço semântico do sujeito.



Fonte: Banco de dados do ALiMA – carta elaborada por Pereira, Castro, Mendonça e Silva, e revisada pelo autor (2021)

Naro e Scherre (1998, p.48) evidenciam que o traço humano no sujeito desempenha um papel importante na concordância verbal no português falado no Brasil. Nesse sentido, o traço [+ humano] no sujeito controla a concordância de plural de forma mais acentuada do que o sujeito com traço [- humano]. Nosso estudo, além de corroborar os postulados de Naro e Scherre, vai ao encontro dos resultados encontrados por Silva (2005), Monguilhott (2001, 2009) e Welchen (2009).

Silva (2005), por exemplo, constatou que o sujeito com traço[+humano] também favorece o uso da marcação da concordância. O percentual de uso para as marcas, quando considerado esse fator, foi de 19% e o peso relativo foi de 0.52. O sujeito com traço [-humano] revelou-se desfavorecedor do uso, apresentando um percentual de apenas 9% de aplicação, com peso relativo de 0.38.

Em Monguilhot (2009), esse fator se mostrou relevante na rodada dos dados para o uso marcado da concordância no *corpus* de Florianópolis. Na investigação feita por essa pesquisadora, assim como em nosso estudo, o sujeito com traço [+humano] favoreceu as marcas de CV3PP, com percentual de

ocorrência de 83% e peso relativo de 0.56. Para o sujeito com traço [-humano], o percentual de uso foi de 55% com peso relativo de 0.12.

Os resultados encontrados em Welchen (2009) para esse grupo de fatores se assemelham um pouco aos nossos no que tange aos pesos relativos atribuídos. Nesse estudo, o sujeito com traço [+humano] favoreceu o uso de marcas da concordância verbal em 87% das ocorrências, alcançando peso relativo de 0.55, mesmo valor alcançado em nossos dados. O sujeito com traço [-humano], contudo, se mostrou desfavorecedor, com percentual de uso de 62% e peso relativo de 0.30, um pouco maior do que o valor atribuído ao nosso, que foi de 0.23.

Com relação aos nossos resultados para esse grupo de fatores, acreditamos que o papel semântico de agentividade carregado por esses dois tipos de sujeito tenha influenciado os valores obtidos em cada um deles. O papel semântico de mais agentividade e menos agentividade desempenha uma função importante no uso das formas verbais, o que contribui para a escolha, ou não, do uso de marcas da concordância nos verbos em terceira pessoa do plural.

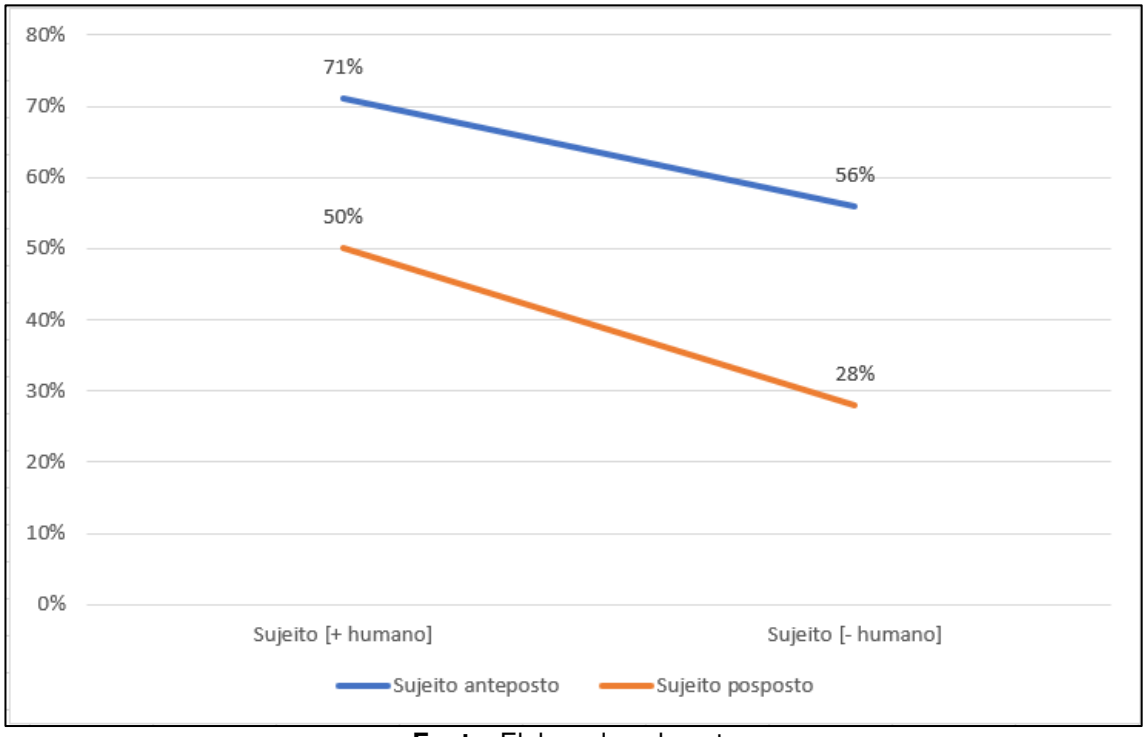
Sobre essa questão, Silva (2003, p.168) afirma que a variável traço semântico do sujeito está relacionada à ideia de “agente”, muitas vezes relacionada ao sujeito e, consequentemente, tende a se apresentar primeiro na mente do falante. Assim, o sujeito com traço [+ humano] se caracteriza mais prototipicamente como sujeito, como agente da ação, ou seja, aquele que pratica a ação. Nesse sentido, o falante identifica o sujeito como um ser existente com identidade que deve ser destacada. Segundo o autor, esse caráter de atribuição de características humanas ao sujeito age como fator enfático e psicológico no informante.

Scherre e Naro (1998, p. 67) enfatizam que referentes humanos são tipicamente mais centrais no discurso, nesse sentido, esses referentes desempenham um importante papel no fluxo da informação. Com relação ao sujeito com traço [- humano], essa ideia de agente e, consequentemente, de “sujeitividade” (MONGUIHOTT, 2009, p. 101) é bem menor, isso faz com que a marca de concordância se perca devido ao aspecto semântico de sujeito ser bem menor, ou seja, ele se mostra como “menos sujeito”, o que influencia o uso de verbos sem as marcas da concordância. Nesse sentido, acreditamos que o fato de o sujeito se apresentar como mais agente ou menos agente tenha favorecido

a preferência pelo uso, ou não, de marcas da concordância de terceira pessoa do plural nos verbos na região geográfica em análise.

Por acreditarmos que o fator linguístico sujeito [+ humano] exerce forte influência em relação a outros fatores linguísticos, decidimos cruzá-lo com a posição do sujeito para observarmos o seu comportamento. O resultado é apresentado no Gráfico 3, a seguir.

Gráfico 3 – Cruzamento entre os fatores traço semântico do sujeito e posição do sujeito em relação ao verbo



Fonte: Elaborado pelo autor

O cruzamento dos dois fatores demonstra que os maiores valores percentuais foram atribuídos aos sujeitos antepostos, independentemente de seu traço humano. Como havíamos pensado, o sujeito de traço [+ humano], em todas as posições, se manteve em valores superiores. Com relação à posição do sujeito, o sujeito anteposto [+ humano] foi o que apresentou os maiores percentuais para a marcação da concordância verbal na mesorregião norte maranhense.

5.1.4 Saliência fônica

A saliência fônica foi o terceiro grupo de fatores linguísticos selecionado como relevante na rodada geral do Goldvarb X. Segundo o princípio da saliência fônica, estabelecido por Naro (1981), há uma hierarquia de categorias que reflete a saliência das formas verbais na oposição singular/plural. O autor efetuou uma divisão em dois conjuntos que são formados por pelo menos três subconjuntos. No primeiro conjunto, chamado de nível I, estão os pares de verbos que apresentam oposição menos acentuadas/salientes; no segundo conjunto, chamado de nível II, estão os pares de verbos que apresentam oposição mais acentuadas/salientes.

De acordo com o princípio da saliência fônica, as formas verbais opostas mais acentuadas/salientes são as que mais favorecem a presença de marcas da concordância nos verbos, enquanto que as formas verbais opostas menos acentuadas/salientes favorecem menos. Isto posto, esse princípio se mostrou verdadeiro em nosso *corpus,* visto que as formas verbais mais acentuadas/salientes foram as que mais influenciaram o uso de marcas da concordância nos verbos em terceira pessoa do plural. Na Tabela 8, a seguir, estão expostos os valores atribuídos a cada fator desse grupo.

Tabela 8 – Frequência e probabilidade de marcas da CV3PP de acordo com a saliência fônica

Saliência fônica	Apl/Total	%	PR
Nível I			
1. Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	33/81	40,7%	0.15
2. Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	358/521	68,7%	0.40
3. Envolve acréscimo de segmentos na forma plural	39/107	36,4%	0.12
Nível II			
1. Envolve apenas mudanças na qualidade da vogal na forma plural	76/97	78,4%	0.70
2. Envolve acréscimo de segmentos sem mudança vocálica na forma plural	56/68	82,4%	0.75
3. Envolve acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural	256/297	86,2	0.79
Total	818/1.171	69,9%	
Input: 0.75			Significância 0.00

Fonte: Elaborada pelo autor

De acordo com os valores atribuídos a cada fator desse grupo de fatores, fica evidente que as formas verbais do nível II, ou seja, aquelas cuja oposição entre singular e plural são mais acentuadas, são as que significativamente mais favorecem a presença da marcação da concordância. As formas verbais encaixadas no nível I, ou seja, aquelas cuja oposição entre singular e plural são menos acentuadas, são as que mais desfavoreceram o uso de marcas.

A Tabela 8 nos mostra que os valores atribuídos aos fatores pertencentes ao nível I não apresentam nenhuma hierarquia na ordem de relevância. No nível II, no entanto, os valores atribuídos aos fatores se apresentam em uma escala hierárquica crescente. Isso nos sugere que, na mesorregião norte maranhense, a tonicidade dos pares verbais com oposição mais acentuada exerce forte influência sobre o fenômeno.

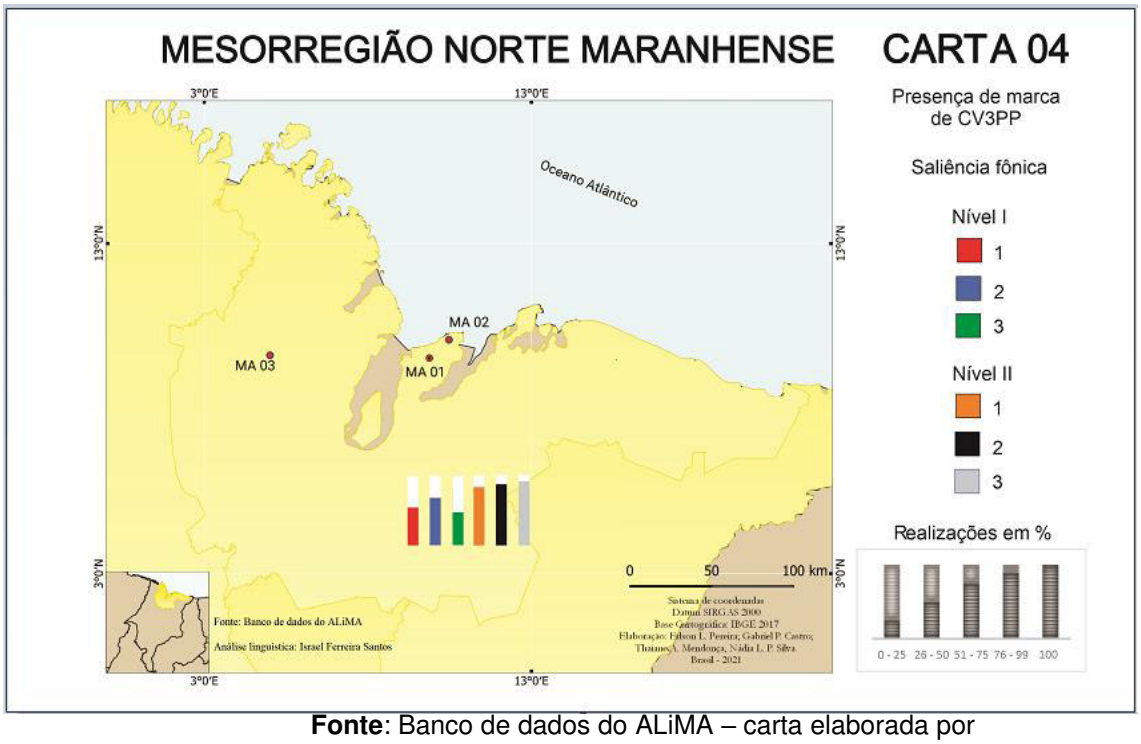
Assim, somos levados a crer que há um certo grau de percepção, por parte dos falantes, entre os pares verbais no singular e no plural, e essa percepção direciona o uso das marcas de concordância. Isso se mostra evidente na escala hierárquica presente no nível II, onde o índice de uso das marcas de CV3PP se mostrou proporcional ao grau de percepção entre os pares de verbos

no singular e no plural. O que parece não ocorrer nos pares verbais pertencentes ao nível I, pois, mesmo havendo uma gradação nas categorias desse nível, o grau de percepção da diferença na tonicidade das formas verbais singular e plural mostra-se baixo. Essa ideia encontra justificativa ao observarmos os menores pesos relativos atribuídos às categorias verbais do nível I da escala de saliência fônica.

No nível I, para os verbos da categoria 1, houve 40,7% de marcação de CV3PP e peso relativo de 0.15; na categoria 2, houve 68,7% de uso marcado e peso relativo de 0.40; e para a categoria 3, houve 36,4% de marcas da concordância e peso relativo de 0.12. Considerando os pesos relativos, todas as formas verbais das categorias do nível I se mostraram não favorecedoras do uso marcado da CV3PP.

Quanto aos verbos pertencentes ao nível II, todos eles se apresentaram como favorecedores do uso marcado da concordância. Nesse nível, para os verbos da categoria 1, houve 78,4% de uso de marcas e peso relativo de 0.70; para os verbos da categoria 2, houve 82,4% de uso e peso relativo de 0.75; e para aqueles da categoria 3, houve 86,2% e peso relativo de 0.79. A Carta linguística 4, a seguir, apresenta como ficou a distribuição da presença de marcas da CV3PP de acordo com a saliência fônica das formas verbais.

Carta linguística 4 – Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com a saliência fônica.



Fonte: Banco de dados do ALiMA – carta elaborada por Pereira, Castro, Mendonça e Silva, e revisada pelo autor (2021)

No nível II, os valores atribuídos a cada fator evidenciam que o uso de marcas é proporcional à crescente oposição da saliência fônica entre singular e plural das formas verbais, ou seja, à medida que aumenta a diferença fônica entre as formas verbais no singular e plural, aumenta também o valor de aplicação do uso marcado da concordância. Nesse sentido, acreditamos que essa seja a justificativa para a presença da escala hierárquica apresentada para os verbos pertencentes a esse nível.

Com relação aos verbos classificados na categoria 3 do nível II, o alto valor percentual e do peso relativo atribuídos a essa categoria evidenciam a alta taxa de ocorrência de verbos, em nosso *corpus,* que apresentam acréscimo de segmentos e mudanças diversos na forma plural. Em nossos dados, foram identificadas 297 ocorrências de formas verbais que se enquadram nessa categoria. Apenas a categoria 2 do nível I apresentou mais recorrências de formas verbais. Para essa categoria, foram encontradas 521 formas verbais. No entanto, os valores percentuais indicam que é na categoria 3 do nível II que estão os maiores valores para o uso de marcação da concordância verbal, ou seja, enquanto na categoria 2 do nível I o percentual de uso foi de 68,7%, na categoria

3 do nível II, o percentual foi de 86,2%, valor este que julgamos ser bem expressivo quando comparadas as duas categorias.

Dito isto, chamamos atenção para o fato da alta frequência das formas verbais que se enquadram na categoria 3 do nível II em nossos dados, ou seja, aqueles que envolvem acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural. Acreditamos que essa alta frequência de verbos dessa categoria tenha contribuído para a obtenção dos valores, colocando-os como os que mais favorecem o uso de marcas da CV3PP na nossa investigação.

Nota-se, portanto, que em nosso *corpus* o nível I e o nível II da escala de saliência fônica das formas verbais se constituem em dois polos opostos, ou seja, temos percentuais e pesos relativos bastante altos em um nível, e percentuais e pesos relativos bastante baixos em outro.

Em Sgarbi (2006), assim como em nosso estudo, os maiores percentuais e pesos relativos para a marcação da concordância verbal também foram atribuídos aos verbos que se enquadravam na categoria 3 do nível II. Nesse estudo, o percentual atribuído a esses verbos foi de 60% de aplicação de marcação com peso relativo de 0.70, valores esses que, mesmo menores que os nossos, mostram o favorecimento dessa categoria de verbos para o uso marcado da concordância.

Outro estudo que também demonstrou a relevância desse grupo de fatores para o uso de marcas da concordância verbal foi o de Monte (2009). Nessa investigação, esse grupo de fatores se mostrou como o mais influenciador, sendo escolhido em primeiro lugar na rodada geral dos dados. Assim como em nossa investigação, os verbos pertencentes ao grupo 3 do nível II se mostraram os mais favorecedores do uso de marcas da CV3PP. O percentual de aplicação nesses verbos foi de 75%, o mais alto dentre todas as outras categorias, e o peso relativo foi de 0.98, peso este que foi bem expressivo na indicação do uso de marcas da CV3PP.

Vale destacarmos ainda que, diferentemente dos nossos resultados, houve uma escala hierárquica crescente nos resultados de Monte (2009) quando consideradas todas as categorias de verbos em todos os níveis. Assim, nesse estudo, ficou evidente que o crescente índice de concordância verbal está relacionado com a crescente escala de saliência fônica oposicional entre as formas singular e plural. Portanto, enquanto no nosso estudo, essa hierarquia se

apresentou apenas no nível II, em Monte (2009), teve início desde o nível I finalizando no nível II.

5.1.5 Paralelismo formal

Segundo o princípio do paralelismo formal, em uma situação de uso linguístico real, há uma tendência de formas semelhantes co-ocorrerem (SCHERRE, 1998, p. 42). Nesse sentido, no paralelismo formal de nível oracional – perspectiva adotada em nossa investigação – a ausência de marcas de plural no sujeito pode favorecer a ausência de marcas de plural no verbo, enquanto a presença de marcas de plural no sujeito pode favorecer a presença de marcas de plural nos verbos. Dito isto, os nossos dados corroboraram esse princípio na mesorregião norte maranhense, visto que as nossas hipóteses para esse grupo de fatores foram confirmadas, ou seja, o paralelismo formal foi selecionado em quarto lugar, dentre os grupos de fatores linguísticos, como influenciador do uso de marcas da concordância nos verbos em terceira pessoa do plural.

Evidenciamos que, neste grupo de fatores, ocorreram alguns ajustes que contribuíram para sua nova configuração. Inicialmente, ele estava subdividido em 4 fatores, a saber: presença de marca de plural no último ou único elemento do SN sujeito, ausência de marca de plural no último ou único elemento do SN sujeito, presença de numeral terminado em /s/ no último ou único elemento do SN sujeito e presença de numeral não terminado em /s/ no último ou único elemento do SN sujeito. No entanto, como em nossos dados houve baixíssima ocorrência – apenas três dados – de numeral não terminado em /s/ no último ou único elemento do SN sujeito, esse fator foi desconsiderado.

Quanto ao fator presença de numeral terminado em /s/ no último ou único elemento do SN sujeito, também houve baixo índice de ocorrências em nossos dados – apenas 11 dados –, assim, ele foi amalgamado ao fator presença de marca de plural no último ou único elemento do SN sujeito. Após esses ajustes, o grupo de fatores paralelismo formal ficou subdividido da seguinte forma: presença de marca de plural no último ou único elemento do SN sujeito e ausência de marca de plural no último ou único elemento do SN sujeito. A Tabela 9, a seguir, apresenta os valores alcançados por esse grupo.

Tabela 9 – Frequência e probabilidade de marcas da CV3PP de acordo com o paralelismo formal

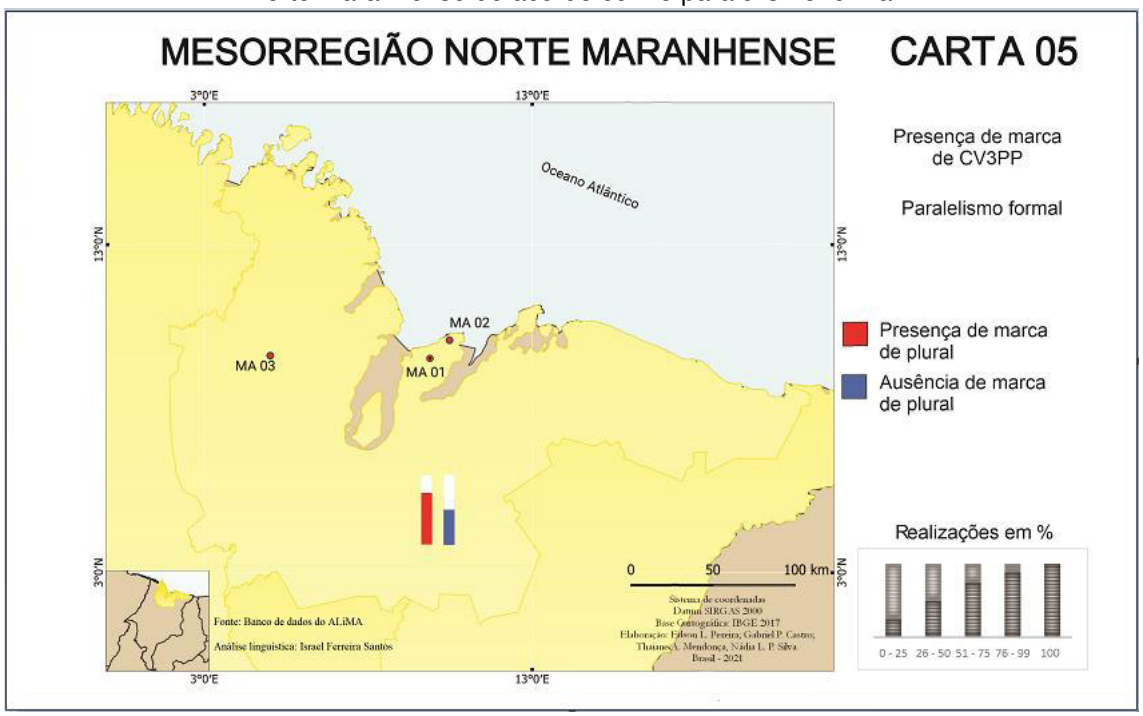
Paralelismo formal	**Apl/Total**	**%**	**PR**
Presença de marca de plural no último ou único elemento do SN sujeito.	523/727	71.9%	0.55
Ausência de marca de plural no último ou único elemento do SN sujeito.	100/201	49,8%	0.31
Total	623/928[22]	67,1%	
Input: 0.75			Significância 0.00

Fonte: Elaborada pelo autor

De acordo com a Tabela 9, o resultado da análise estatística mostrou que, havendo presença de marcas de plural no último ou único elemento do SN sujeito, haverá marcas de CV3PP. Para esse fator, o percentual de aplicação de marcas da concordância foi de 71,9%, com peso relativo de 0.55. Quanto ao fator ausência de marcas de plural no último ou único elemento do SN sujeito, este se mostrou como desfavorecer do uso marcado da concordância. O percentual atribuído a ele foi de 49,8% com peso relativo de 0.31. Na Carta linguística 5, a seguir, evidenciamos a distribuição da presença de marcas da CV3PP de acordo com o paralelismo formal.

[22] Nesse grupo de fatores, também consideramos, apenas, os sujeitos que se apresentaram explicitamente nas sentenças.

Carta linguística 5 – Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com o paralelismo formal.



Fonte: Banco de dados do ALiMA – carta elaborada por Pereira, Castro, Mendonça e Silva, e revisada pelo autor (2021)

Em Hora e Espínola (2004), encontramos resultados que vão ao encontro dos obtidos em nossa investigação. Nesse estudo, os autores verificaram que os sujeitos que apresentavam a marca de plural no último elemento favoreceram a presença de marcas da concordância. Para essa situação, o percentual atribuído foi de 62% e o peso relativo de 0.56. Quanto aos sujeitos que não apresentavam marca de plural no último elemento, eles desfavoreceram o uso marcado da concordância verbal, apresentando percentual de 32% e peso relativo de 0.27. Tanto no estudo de Hora e Espínola quanto no nosso, o princípio do paralelismo formal, no plano oracional, se confirmou.

Os nossos resultados também corroboram os encontrados por Monte (2009). Nesse estudo, o sujeito que apresentava forma de plural no último ou único elemento foi o que mais contribuiu para a marcação da concordância. O percentual de uso para esse fator foi de 28% e peso relativo de 0.62. O sujeito que não apresentava plural no último elemento não favoreceu a marcação. O percentual atribuído a ele foi de 11% e o peso relativo foi de 0.19.

Com relação ao princípio do paralelismo formal, Sgarbi (2006, p.126) acredita que, quando os sujeitos apresentam marcas explícitas de plural, há um

ato mecânico que faz com que, ainda que o falante não tenha consciência do que está fazendo, haja repetição de plural em todos os elementos do SN sujeito, ou seja, que faz com que todos esses elementos requeiram verbo no plural. Nesse sentido, as formas gramaticais internas da estrutura da língua atuam por si desencadeando um processo de atração ou rejeição da marca de plural. Nesse sentido, fica evidente que em estudos como os de Hora e Espínola (2004), Sgarbi (2006), Monte (2009) e o nosso (2021), o princípio do paralelismo formal se confirme, pois marcas levaram a marcas e zeros levaram a zeros.

5.1.6 Localidade

A variável localidade foi a primeira dentre os grupos de fatores extralinguísticos a ser selecionada como influenciadora do uso marcado da CV3PP. É pertinente ressaltarmos, ainda, que essa variável foi a primeira a ser selecionada também na rodada geral dos dados. Consequentemente, de todos os grupos de fatores adotados neste estudo, a variável localidade se mostrou a mais influenciadora para o uso de marcas da concordância verbal em análise. A Tabela 10, a seguir, mostra os valores obtidos para esse grupo de fatores.

Tabela 10 – Frequência e probabilidade de marcas da CV3PP de acordo com a localidade

Localidade	Apl/Total	%	PR
São Luís	387/480	80,6%	0.66
Raposa	262/423	61,9%	0.36
Pinheiro	169/268	63,1%	0.42
Total	818/1.171	69,9%	
Input: 0.75			Significância 0.00

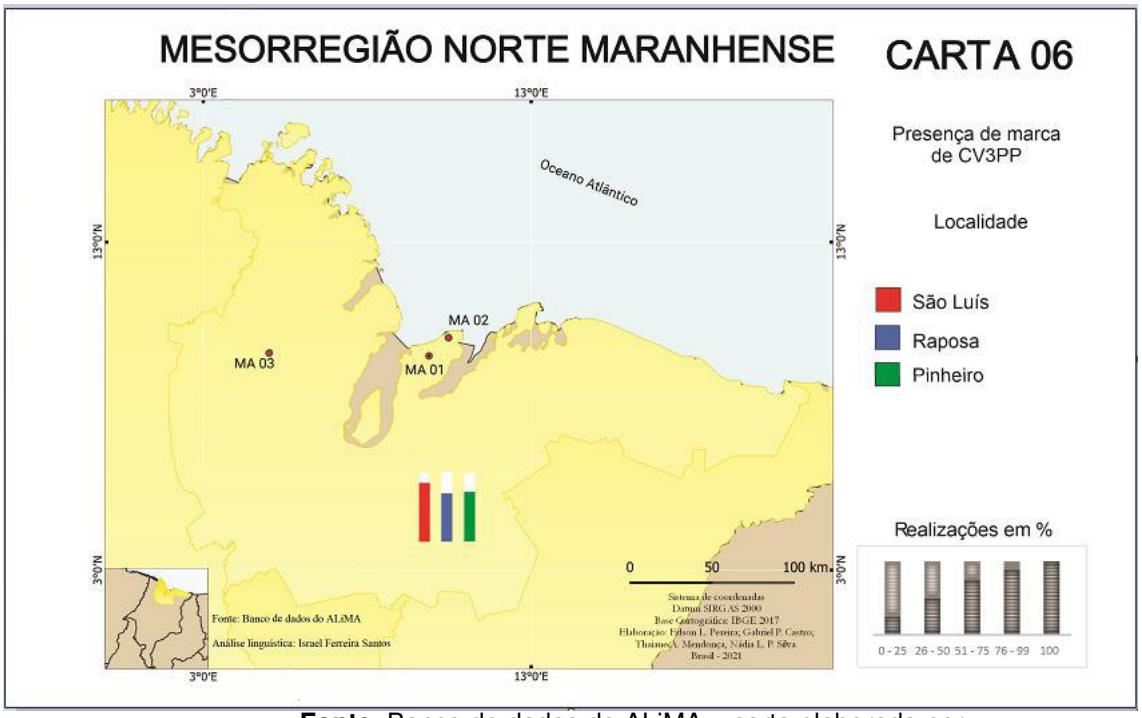
Fonte: Elaborada pelo autor

Os resultados alcançados revelam que das três localidades consideradas nesta pesquisa, São Luís apresentou o maior favorecimento do uso marcado da CV3PP[23]. O percentual de aplicação de marcas, nesse município, foi de 80,6% e peso relativo de 0.66. Em seguida, aparece Pinheiro

[23] Há uma diferença bastante grande entre os valores dos pesos relativos atribuídos a São Luís e às demais localidades devido ao fato de São Luís apresentar uma configuração diferente das outras localidades quando observado o nível de escolaridade dos informantes, porque foi a única localidade com informantes com nível superior de escolaridade.

com percentual de 63,1 e peso relativo de 0.42, e, por último, Raposa com percentual de 61,9% e peso relativo de 0.36. Na Carta linguística 6, abaixo, está evidenciada a distribuição do uso de marcas da CV3PP de acordo com a localidade.

Carta linguística 6 – Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com a localidade



Fonte: Banco de dados do ALiMA – carta elaborada por Pereira, Castro, Mendonça e Silva, e revisada pelo autor (2021)

Pelo exposto, nossas hipóteses iniciais foram confirmadas somente quanto à ocorrência de marcas da concordância em São Luís, pois já esperávamos que o uso marcado da concordância fosse ser mais favorecido nessa localidade, uma vez que consideramos que os informantes ludovicenses, mesmo os de nível fundamental, por serem da capital maranhense, têm contato com contextos comunicativos mais formais que exigem o uso de formas linguísticas mais prestigiadas.

Quanto às localidades Raposa e Pinheiro, as nossas hipóteses não foram confirmadas. Inicialmente, cremos que para Pinheiro seriam atribuídos os menores valores para o favorecimento do uso marcado da concordância. Pensávamos que, pelo fato de estar relativamente distante da capital maranhense (332 km de distância de São Luís) e por se situar em outra

microrregião[24], os informantes pinheirenses, predominantemente, não marcariam a concordância. No entanto, a situação que era esperada para essa localidade se apresentou em Raposa, localidade situada na região metropolitana da grande ilha de São Luís.

Em razão do município de Raposa se situar próximo à capital maranhense (distante apenas 32 Km), supomos que seus informantes fossem privilegiar mais o uso de marcas da concordância nos verbos em terceira pessoa do plural do que os de Pinheiro. A justificativa para essa hipótese se ancora no fato de acreditarmos que os raposenses recebem muitas influências da capital, influências essas que advêm de aspectos culturais, linguísticos, econômicos, dentre outros. No entanto, as justificativas para esses dois resultados, contrários às nossas hipóteses iniciais, podem ser encontradas em alguns aspectos que julgamos ser relevantes para o entendimento da realidade linguística dessas duas localidades.

Analisando o aspecto sócio-histórico do município de Raposa, vamos perceber que, embora a cidade esteja muito próxima à capital São Luís, sua fundação e desenvolvimento econômico deram-se muito recentemente. Realidade essa contrária à de Pinheiro, cuja fundação e desenvolvimento econômico são bem mais antigos[25].

Outros fatores que julgamos contribuir para esses resultados é o fato de a grande maioria dos raposenses serem descendentes de cearenses e também o fato de essa localidade ter vivido por muito tempo isolada. Segundo Feitosa *et al*. (2000, p. 18), a então denominada comunidade de Raposa manteve-se isolada por cerca de 40 anos. Isso ocorreu, principalmente, devido à falta de acesso rodoviário. A maioria de seus habitantes são descendentes de cearenses e sua emancipação política é bem recente, tendo ocorrido somente em 1994. Dessa forma, esse município, mesmo estando situado próximo à capital maranhense, apresenta aspectos socio-históricos que, talvez, não se encontrem em outras cidades localizadas próximas à São Luís.

Como o povoamento de Raposa ocorreu por moradores advindos da região do município de Acaraú, no Ceará, o contexto linguístico empregado

[24] A microrregião à qual nos referimos é a Baixada Maranhense, já citada no capítulo 4.
[25] Mais detalhes dessa questão podem ser encontrados no capítulo 4, no qual apresentamos algumas informações sobre as localidades investigadas neste estudo.

nessa localidade se difere do contexto linguístico ludovicense e do pinheirense. Marcas linguísticas do falar cearense ainda podem ser percebidas na fala de alguns habitantes de Raposa, como evidenciou um dos informantes oriundo do Ceará: "*Os cearenso cuma eu, que sou cearenso, dá pa ser notado que jeito é que eu falo. Já maranhense ele já fala outro sotaque né, e ai vai mudando [...] eu acho as fala do maranhense mais bonito, mais perfeiçado, mais de qualidade [...] a maioria dos cearenso, as fala deles são assim como eu."* (Informante do sexo masculino, faixa etária II, nível fundamental, Raposa).

Outro aspecto relevante que merece ser evidenciado, por acreditarmos ser um dos fatores favorecedores dos resultados obtidos, está relacionado ao contato que os informantes de Pinheiro e Raposa mantêm com os meios de comunicação de massa[26]. Em Pinheiro, todos os informantes afirmaram assistir à TV todos os dias, apenas 1 informante afirmou não ouvir rádio. Situação essa contrária à encontrada em Raposa, onde somente 2 informantes afirmaram assistir à TV todos os dias e, apenas, 1 informante afirmou ouvir rádio. Assim sendo, é notório que a realidade dos informantes de Raposa se difere, consideravelmente, da realidade dos informantes de Pinheiro que afirmaram ter contato frequente com meios de comunicação de massa.

Assim como em nosso estudo, os trabalhos de Faria (2008) e Monguilhott (2009) também consideraram a variável localidade em suas análises. Nessas duas pesquisas, a variável localidade se mostrou influenciadora da variação da CV3PP, assim como na nossa investigação.

Faria (2009) comprovou que, em Belo Horizonte, a regional que mais favoreceu o uso de marcas da concordância verbal foi a Nordeste, seguida pela Noroeste, Venda Nova e Leste. Elas atingiram pesos relativos, respectivamente, de 0.97, 0.77, 0.70, 0.69. As regionais Oeste, Pampulha, Barreiro e Norte foram as que mais desfavoreceram o uso marcado da CV3PP. Os pesos relativos atribuídos a elas foram de 0.36, 0.25, 0.17, 0.14, respectivamente.

De acordo com o estudo de Monguilhott (2009), em Florianópolis, a Região Central foi a que mais preservou as marcas da CV3PP, as regiões de

[26] Obtivemos essa e outras informações a partir da observação da ficha dos informantes. Nessa ficha é apresentada uma diversidade de dados sobre cada informante da pesquisa: a profissão que exerce, a escolaridade, a naturalidade, o tipo de renda, o programa de TV favorito, o que faz na hora de lazer, etc. Com base nessas informações, obtivemos auxilio para o desenvolvimento da exegese dos resultados relacionados às variáveis extralinguísticas.

Ribeirão da ilha, Ingleses e Costa da Lagoa as desfavoreceram. Os pesos atribuídos a cada uma das localidades foram, respectivamente, 0.83, 0.48, 0.33, 0.32.

5.1.7 Sexo

A variável sexo foi a segunda selecionada dentre as variáveis extralinguísticas. A nossa hipótese inicial para essa variável também foi confirmada, pois na rodada geral dos dados ela se mostrou influenciadora para o uso da marcação da CV3PP na mesorregião norte maranhense.

Assim como hipotetizado, as mulheres foram as que mais preservaram o uso de marcas da concordância verbal. Na Tabela 11, abaixo, estão evidenciados os valores atribuídos a esse grupo de fatores.

Tabela 11 – Frequência e probabilidade de marcas da CV3PP de acordo com o sexo

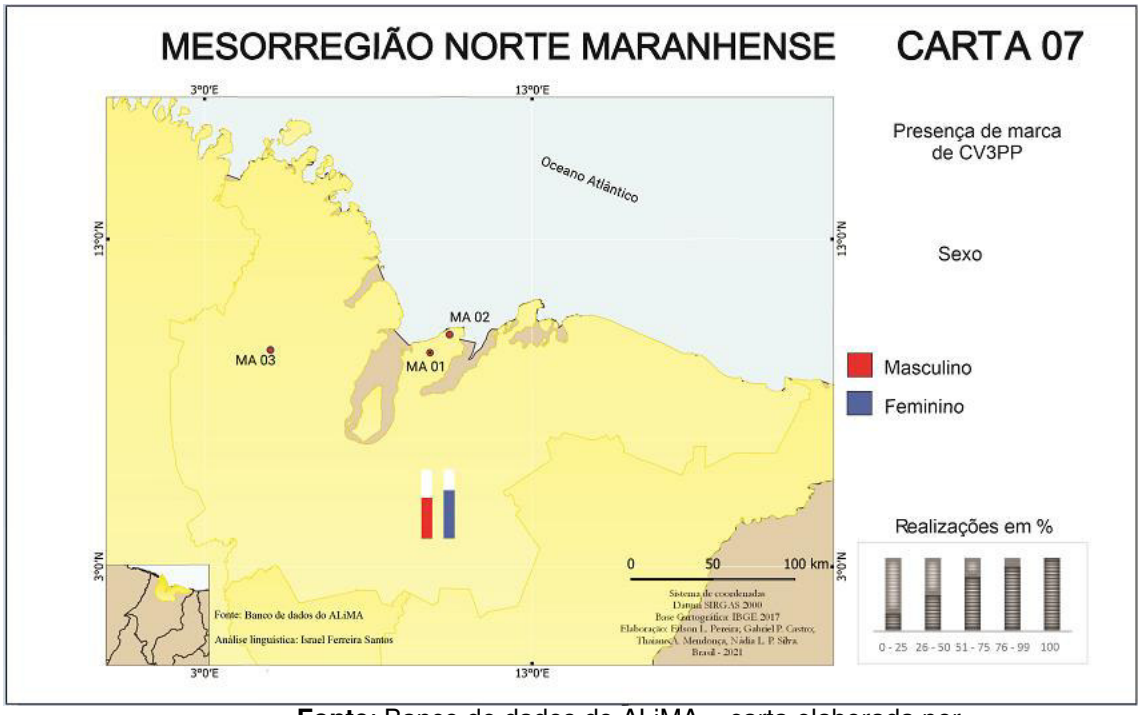
Sexo	Apl/Total	%	PR
Masculino	391/597	65,5%	0.43
Feminino	427/574	74,4%	0.56
Total	818/1.171	69,9%	-
Input: 0.75			Significância 0.00

Fonte: Elaborada pelo autor

Os valores expressos nessa tabela evidenciam que foram as mulheres que mais marcaram a CV3PP. Para elas, o percentual de ocorrência foi de 74,4% e peso relativo de 0.56. Os homens, por sua vez, desfavoreceram a marcação de CV3PP, com um percentual de 65,5% e peso relativo de 0.43.

Esses valores atribuídos a cada um dos fatores analisados revelam que, na mesorregião norte maranhense, há uma tendência no uso de marcas da concordância nos verbos quando consideramos o sexo dos informantes. Por meio da Carta linguística 7, a seguir, visualizamos como a presença de marcas da CV3PP foi distribuída de acordo com o sexo dos informantes.

Carta linguística 7 – Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com o sexo



Fonte: Banco de dados do ALiMA – carta elaborada por Pereira, Castro, Mendonça e Silva, e revisada pelo autor (2021)

Outros estudos que investigaram este mesmo fenômeno, ao considerarem o sexo dos informantes, também evidenciaram o papel feminino na manutenção de marcas da concordância nos verbos em terceira pessoa do plural (SCHERRE e NARO, 1998; SGARBI, 2006). Estudos como o de Sgarbi (2006) demonstraram que as mulheres são as mais favorecedoras da manutenção das formas verbais com marcas da CV3PP porque elas estão mais atentas às regras sociais e linguísticas estabelecidas em uma comunidade. Nesse sentido, as mulheres utilizam de maneira mais consistente as formas de prestígio porque são mais receptivas às normas estabelecidas para os usos linguísticos. Elas também sofrem maior pressão em relação ao comportamento adotado socialmente, ou seja, homens e mulheres desempenham papéis diferentes na sociedade, cabendo à mulher ter um comportamento tido como o mais “correto”.

Abrimos espaço, nesta análise, para destacarmos que outros estudos têm apontado resultados diferentes quanto à escolha linguística entre homens e mulheres. Em Faria (2008), por exemplo, não houve diferença considerável entre os valores atribuídos a esses dois fatores. O percentual de uso marcado da concordância foi de 61% e peso relativo de 0.47 para as mulheres e de 69% e

peso relativo de 0.52 para os homens. Nesse estudo, a variável sexo, devido ao valor alcançado nas rodadas, foi eliminado da análise binominal por apresentar resultados pouco expressivos para o estabelecimento de diferenças de usos entre os informantes dos dois sexos.

Em Monguilhot (2009), essa variável também se mostrou irrelevante nas rodadas. Como não foi selecionada, a autora apresentou os valores obtidos de modo percentual. No estudo, as mulheres favoreceram mais o uso de marcas da concordância, alcançando o valor de 85% para o favorecimento da marcação. Os homens, por sua vez, atingiram o valor de 72% de valor percentual de favorecimento. Esses valores demonstraram que, em Florianópolis, as mulheres estão mais atentas às regras linguísticas estabelecidas socialmente do que os homens.

Ressaltamos que, nesses estudos, apesar de a variável sexo não ter sido selecionada como relevante nas rodadas dos dados, ainda é notória a diferença – em termos percentuais – de uso das formas verbais com marcas da CV3PP entre os dois sexos.

Em síntese, nossa análise estatística demonstrou que, contrariamente ao que foi encontrado nas outras investigações, o fator sexo se mostrou relevante para o uso da marcação da concordância nos verbos em terceira pessoa do plural. As mulheres foram as que mais marcaram essa concordância, haja vista a diferença entre os pesos relativos atribuídos aos dois sexos no nosso estudo.

Os nossos resultados nos levam a crer que a mulher maranhense está mais atenta às regras linguísticas que são impostas socialmente. Rodrigues (1987, p.199, *apud* MONTE, 2007, p. 95) chama a atenção para o papel exercido pelos dois sexos com relação à variação linguística ao afirmar que:

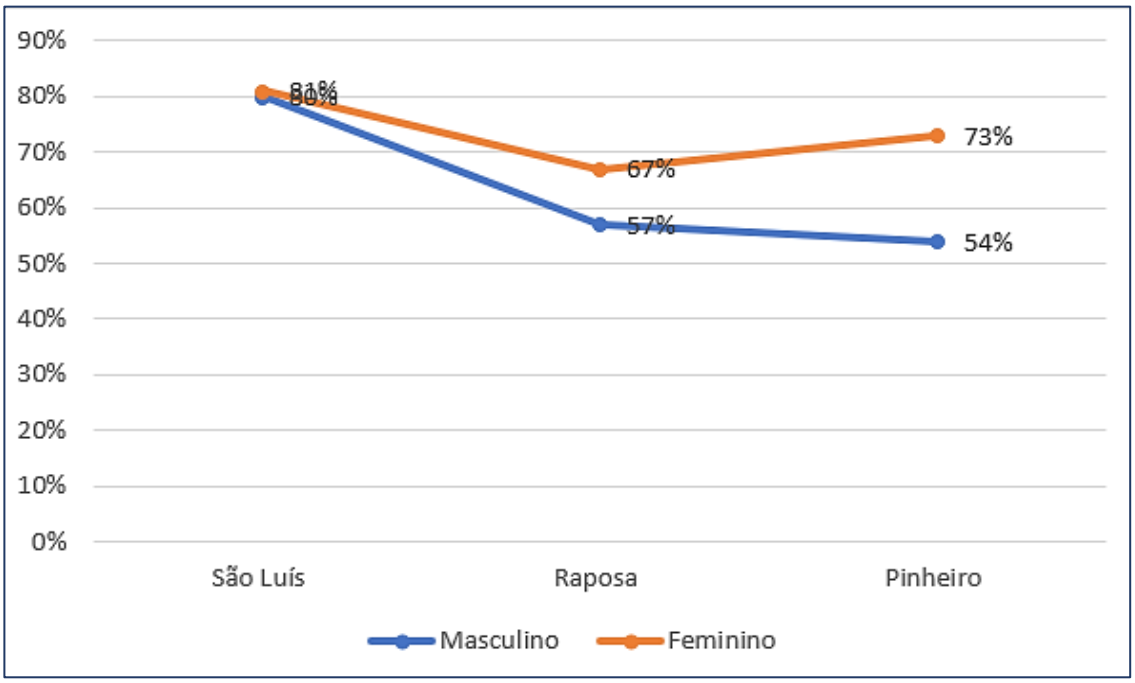
> As variedades linguísticas ligadas ao sexo aparecem como resultado do fato de a língua, enquanto fenômeno social, está intimamente relacionada com atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes, a eles são atribuídos diferentes papéis e, por isso, deles se esperam padrões de comportamento diferenciados.

Outrossim, Vazzata-Dias (2000, p. 214) afirma que a escolha linguística por parte das mulheres também se justifica devido “ao maior formalismo associado aos papeis femininos, por exemplo, a sua responsabilidade na

educação dos filhos". Assim, no seio familiar, ainda cabe mais à mulher a responsabilidade pelo cuidado com a casa, com o esposo e com a educação dos filhos, recaindo sobre ela responsabilidades e posturas que são cobradas socialmente. No atendimento a essa imposição social, a forma como a mulher se expressa é afetada diretamente. Ela tentará utilizar as formas linguísticas mais prestigiadas socialmente a fim de atender a essas imposições. Esse comportamento linguístico das mulheres desempenha um papel muito importante no mecanismo de mudança linguística, uma vez que elas estão mais abertas para receberem e manterem as formas linguísticas mais prestigiadas.

Acreditamos que há usos distintos de marcas de concordância entre homens e mulheres em cada localidade. Nesse sentido, com o propósito de observarmos como cada sexo se comportaria quanto ao uso marcado da concordância nas localidades, decidimos fazer um cruzamento entre esses dois grupos de fatores. O Gráfico 4, a seguir, apresenta os resultados desse cruzamento.

Gráfico 4 – Cruzamento entre os fatores localidade e sexo



Fonte: Elaborado pelo autor

O Gráfico 4 nos mostra que, em São Luís, não houve diferença de uso marcado da concordância entre os dois sexos. Homens e mulheres apresentaram comportamentos semelhantes. Isso nos sugere que pode haver

uma estabilidade de uso de marcas de CV3PP entre os dois sexos nessa localidade. Os valores atribuídos a cada um dos sexos se apresentaram de forma bem expressiva: 80% de uso de marcas para os homens e 81% para as mulheres, com diferença, portanto, de apenas 1 ponto percentual.

Quando observamos os valores atribuídos aos informantes de Raposa, também percebemos que não há uma diferença substancial nos valores atribuídos ao uso da marcação da concordância entre os dois sexos. No entanto, são as mulheres raposenses que mais favorecem a marcação da CV3PP. Elas atingiram o percentual de 67% e os homens 57%.

Em Pinheiro, por sua vez, os valores demonstram haver uma diferença expressiva na marcação da concordância entre homens e mulheres. O valor alcançado pelas mulheres foi de 73% de uso enquanto que, para eles, o valor foi de 54%. Esses valores nos sugerem que, em Pinheiro, as mulheres estão mais atentas ao uso de marca de CV3PP do que os homens.

Com base nesse cruzamento, portanto, mesmo havendo valores próximos quanto ao uso linguístico entre homens e mulheres nas cidades de São Luís e Raposa, ficou demonstrado que são as mulheres as que mais favorecem o uso de marcas da CV3PP na mesorregião norte do Maranhão.

5.1.8 Escolaridade

Em primeiro lugar, essa variável foi selecionada na rodada separada, feita apenas com os dados do município de São Luís[27]. Anteriormente, esclarecemos que, apenas nessa localidade, foram considerados informantes com os níveis de escolaridade fundamental e superior. Assim, decidimos fazer uma rodada separada para evitarmos qualquer tipo de interferência desse fator sobre os valores atribuídos aos demais grupos de fatores. Na Tabela 12, a seguir, estão evidenciados os valores referentes a esse grupo.

[27] Na rodada separada, realizada apenas com os dados do município de São Luís, a ordem de relevância dos fatores selecionados pelo Goldvarb X foi a seguinte: escolaridade, traço semântico do sujeito e saliência fônica, respectivamente. Os grupos de fatores considerados não relevantes pelo Goldvarb X foram, respectivamente, os seguintes: sexo, tipo de verbo, posição do sujeito em relação ao verbo, faixa etária e paralelismo formal.

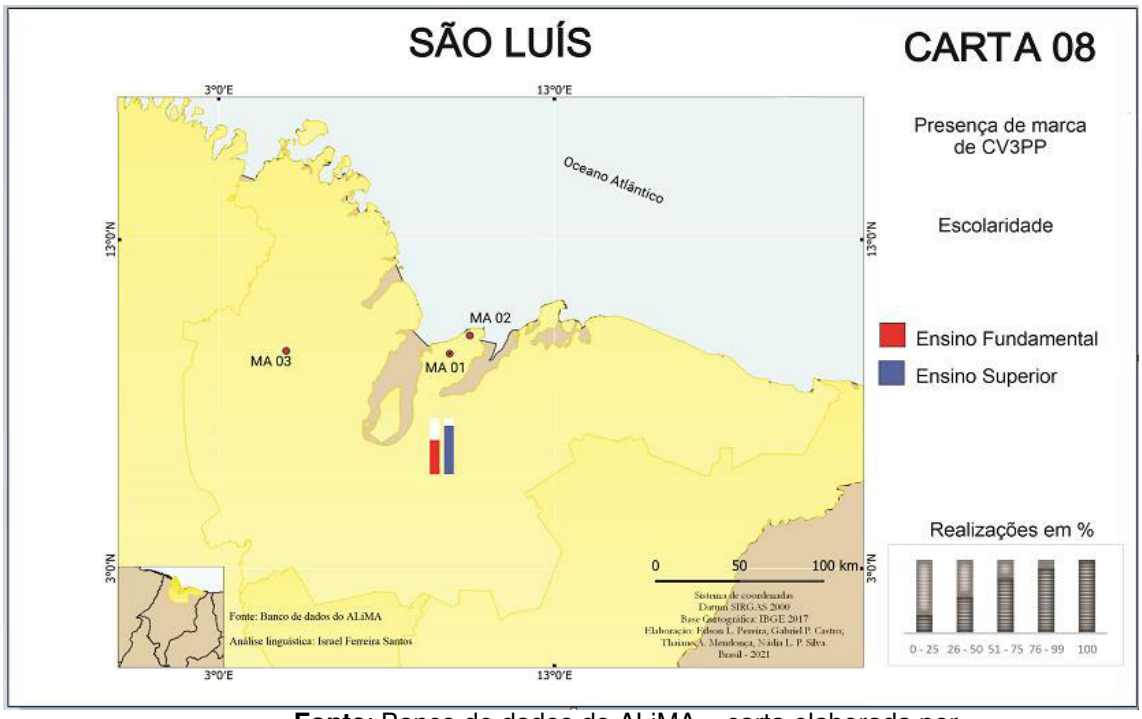
Tabela 12 – Frequência e probabilidade de marcas da CV3PP de acordo com o nível de escolaridade em São Luís

Escolaridade	**Apl/Total**	**%**	**PR**
Fundamental	97/147	66%	0.26
Superior	290/333	87,1%	0.61
Total	387/480	80,6%	
Input: 0.86			Significância 0.00

Fonte: Elaborada pelo autor

De acordo com os valores obtidos nessa rodada, os informantes com nível superior foram os que mais fizeram uso da marcação da concordância nos verbos em terceira pessoa do plural. O percentual atribuído a esses foi de 87,1% e o peso relativo foi de 0.61. Consequentemente, o grupo de informantes com nível fundamental de ensino foram os que menos favoreceram o uso de marcas. Para esses, o percentual de favorecimento foi de 66% com peso relativo de 0.26. Esses valores demonstram que a nossa hipótese para esse grupo de fatores foi confirmada, ou seja, na mesorregião norte maranhense o uso de marcas da concordância é mais evidenciado na fala dos informantes que possuem nível superior de ensino. Na Carta linguística 8, a seguir, evidenciamos a distribuição do uso da marcação da CV3PP de acordo com nível de escolaridade dos informantes na cidade de São Luís.

Carta linguística 8 – Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com a escolaridade



Fonte: Banco de dados do ALiMA – carta elaborada por Pereira, Castro, Mendonça e Silva, e revisada pelo autor (2021)

Estudos têm demonstrado que informantes com maiores níveis de escolaridade tendem a favorecer mais o uso de marcas da concordância verbal, enquanto informantes que possuem os menores, ou nenhum nível escolar, tendem a favorecer menos esse uso. Desse modo, os valores atribuídos aos nossos dados corroboram o que tem sido mostrado em alguns estudos sobre a CV3PP quando a variável escolaridade é testada. Nos estudos, por exemplo, de Oliveira (2005), Sgarbi (2006), Faria (2008), Monguilhot (2009), Monte (2009) e Carvalho (2018), esse fator foi considerado relevante para o uso marcado da CV3PP.

De todas as variáveis sociais consideradas, a escolaridade foi a única, em todos os estudos aqui reportados, a se apresentar como uma das mais relevantes nas rodadas dos dados. Esclarecendo melhor essa ideia, enquanto encontramos resultados divergentes em relação a algumas de nossas variáveis adotadas, apenas o grupo de fatores escolaridade se mostrou relevante em todas as pesquisas que a controlaram na análise de seus dados. Nesse sentido, temos fortes evidências de que essa variável extralinguística é uma das mais relevantes para o uso da marcação da CV3PP no PB.

A título de exemplificação, em Sgarbi (2006), cujo nível de escolaridade foi dividido em três, o uso de marcas da concordância mostrou-se escalar de acordo com o nível de ensino. Os valores atribuídos aos informantes analfabetos chegaram a 22% e peso relativo de 0.24, logo depois, vieram os informantes com ensino fundamental incompleto com 35% e peso relativo de 0.40, e, por fim, aqueles que conseguiram terminar o ensino fundamental realizaram a marcação da concordância em 69% das ocorrências, com peso relativo de 0.70.

Em Faria (2008) os níveis de escolaridade também foram divididos em três. Os informantes com nível superior foram os que mais marcaram a concordância verbal. O percentual de uso foi de 90% e peso relativo de 0.90. Em seguida, vieram os informantes de nível médio e fundamental de ensino que amalgamados atingiram o percentual de 62% de uso de marcas da concordância e peso relativo de 43. Estes dois fatores foram amalgamados nesse estudo devido aos valores quase idênticos dos pesos relativos atribuídos a cada um deles em uma rodada anteriormente feita, 0.43 para o ensino fundamental e 0.42 para o ensino médio.

Um outro estudo que merece ser mencionado é o de Monte (2009). Nessa investigação, foram considerados dois fatores: não-escolarizados e escolarizados (EJA). O estudo indicou que a escolaridade, mesmo a supletiva, influencia o uso marcado e não marcado da CV3PP. Os informantes não-escolarizados foram os que menos marcaram a concordância, com percentual de uso de 19% e peso relativo de 0.40, enquanto os escolarizados (EJA) foram os que mais marcaram, com percentual de 31% e peso relativo de 0.60.

De acordo com os valores alcançados em nosso estudo e nos estudos anteriormente mencionados, fica evidenciado que o uso de marcas da CV3PP é proporcional ao nível de escolarização. Dito de outra forma, quanto maior é o nível de escolaridade dos informantes, maiores são as chances de eles usarem formas verbais com marcas de concordância.

Quanto ao papel da escola na sociedade, é incontestável que ela exerce uma função atuante na preservação das formas linguísticas de prestígio. Essa instituição, segundo Votre (2012, p. 51),

> gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua

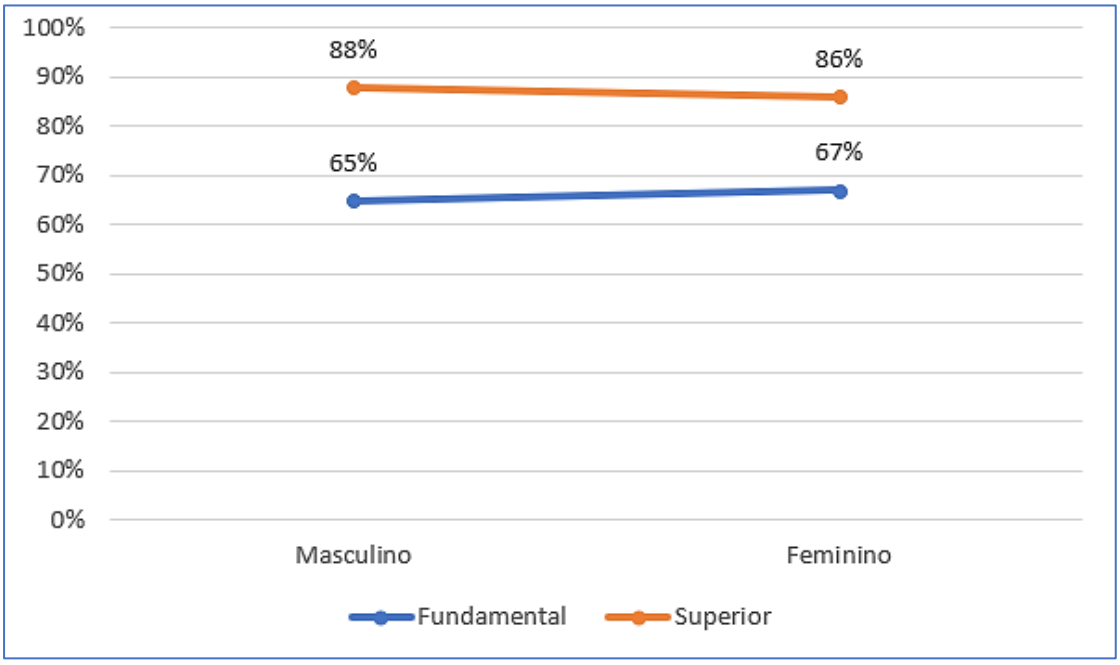
> como preservadora de formas de prestígio, face à tendência de mudanças em curso nessas comunidades.

Levando em conta essas considerações, reafirmamos que há fortes evidências de que indivíduos privados de educação façam menos realizações linguísticas prestigiadas socialmente. Destarte, cabe uma reflexão sobre o fato de que, em uma sociedade como a brasileira, em que a distribuição da renda é fortemente desigual e onde os índices educacionais estão muito aquém do esperado, é fato que marcas linguísticas desprestigiadas socialmente continuarão a ser estigmatizadas porque são realizadas marcadamente por muitos brasileiros que possuem baixos níveis de escolaridade.

A fim de observarmos como o uso marcado da concordância se comporta dentro de cada nível de escolaridade, de acordo com o sexo dos informantes, cruzamos os grupos de fatores escolaridade e sexo. Vale ressaltar que esse cruzamento foi feito considerando, apenas, os informantes da capital São Luís.

O Gráfico 5, abaixo, apresenta o resultado do cruzamento entre o nível de escolaridade e o sexo dos informantes.

Gráfico 5 – Cruzamento entre os fatores escolaridade e sexo



Fonte: Elaborado pelo autor

Analisando os valores desse primeiro cruzamento, percebemos que, em São Luís, a escolaridade se mostrou influenciadora para o uso de marcas da CV3PP nos dois sexos, ou seja, homens e mulheres com ensino superior apresentaram índices altos de favorecimento para o uso marcado da concordância, enquanto homens e mulheres de nível fundamental apresentaram índices baixos para essa marcação. Os valores percentuais obtidos foram os seguintes: 88% de uso para os homens de nível superior e 65% de uso para os homens de ensino fundamental; 86% de uso para as mulheres de nível superior e 67% de uso para as mulheres de nível fundamental.

No entanto, quando observamos os dois sexos em cada nível de escolaridade, notamos que homens e mulheres apresentam comportamentos muito semelhantes para a marcação da concordância, ou seja, homens e mulheres de nível superior apresentam percentuais próximos, 88% de favorecimento da marcação para eles e 86% para elas. Homens e mulheres de nível fundamental também apresentam comportamentos muito próximos para a marcação da concordância, 65% de uso para eles e 67% de uso para elas. Isso nos sugere que não há influência do fator sexo sobre cada nível de escolaridade.

5.2 Variáveis não selecionadas na rodada do Goldvarb X

Como esclarecido anteriormente, após análise das variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas pelo Goldvarb X como relevantes para o uso de marcas da CV3PP, abrimos espaço para a análise das duas variáveis que foram descartadas na rodada dos dados no Goldvarb X.

De todas as variáveis consideradas nesta pesquisa, as identificadas como irrelevantes para a variação da CV3PP foram o tipo de verbo e a faixa etária. A ordem de apresentação de cada uma delas seguirá o mesmo ordenamento utilizado na apresentação dos grupos de fatores selecionados pelo programa, ou seja, apresentaremos inicialmente a variável linguística e, em seguida, a variável extralinguística.

5.2.1 Tipos de verbo

De todas as variáveis linguísticas consideradas neste estudo, apenas o grupo de fatores tipo de verbo foi selecionado pelo programa como não relevante para o uso de marcas da concordância verbal na mesorregião norte maranhense. Na Tabela 13, a seguir, estão apresentados os valores percentuais atribuídos a cada um dos fatores desse grupo.

Tabela 13 – Probabilidade de ocorrência de marcas da CV3PP de acordo com o tipo de verbo

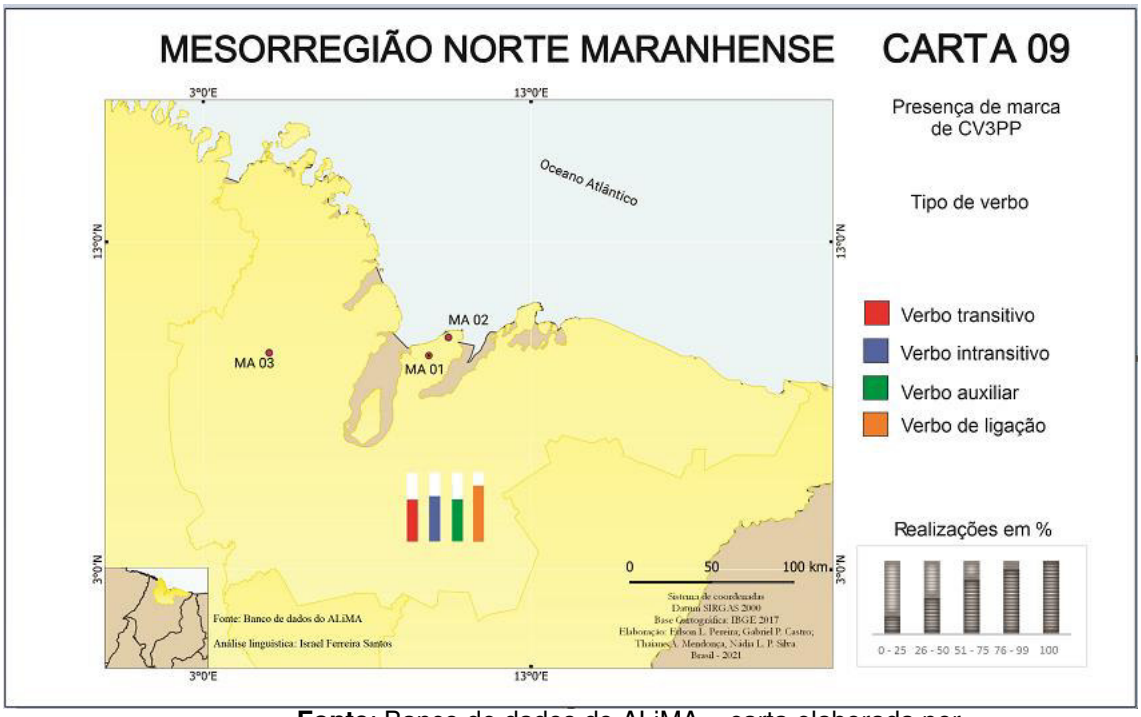
Tipo de verbo	Apl/Total	%
Verbo transitivo	430/646	66,6%
Verbo intransitivo	111/152	73%
Verbo auxiliar	96/144	66,7%
Verbo de ligação	181/229	79%
Total	818/1.171	69,9%
Input: 0.75		Significância 0.00

Fonte: Elaborada pelo autor

Como exposto na Tabela 13, os tipos de verbo que mais favoreceram, percentualmente, o uso marcado da CV3PP foram os verbos de ligação e os verbos intransitivos. Os percentuais atribuídos a eles foram, respectivamente, de 79% e 73%. Os verbos transitivos e auxiliares se mostraram menos favorecedores da marcação da CV3PP: o percentual de favorecimento para os transitivos foi de 66,6% e de 66,7% para os auxiliares. Pelos valores atribuídos a cada tipo de verbo, percebe-se que esse fator não foi considerado relevante pelo fato de os valores percentuais serem próximos, e também por acreditarmos, assim como Silva (2005) e Monguilhot (2009), na existência de uma interação dos fatores desse grupo com os fatores de outros grupos.

A Carta linguística 9, abaixo, evidencia a distribuição do uso de marcas da CV3PP de acordo com o tipo de verbo.

Carta linguística 9 – Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com o tipo de verbo.



Fonte: Banco de dados do ALiMA – carta elaborada por Pereira, Castro, Mendonça e Silva, e revisada pelo autor (2021)

Trabalhos como os de Oliveira (2005) e Silva (2005)[28] também consideraram essa variável em suas análises, e nesses dois estudos ela foi escolhida como relevante para o uso da marca de concordância. Em Oliveira (2005), os tipos de verbo que mais favoreceram a presença de marcas da concordância foram os verbos de ligação e os verbos auxiliares. Em Silva (2005), o maior índice percentual de favorecimento da marcação também foi atribuído ao verbo de ligação. Nesse estudo, o percentual de aplicação foi de 22% para o verbo de ligação, seguido dos transitivos (19%), intransitivos (17%), auxiliar (15%) e, por último, dos inacusativos (2%).

Silva (2005, p. 256) acredita haver uma relação entre o tipo de verbo e a saliência fônica. Ele considera que o destaque dado aos verbos de ligação esteja relacionado ao peso da saliência fônica que age sobre eles. Segundo o autor, isso se explica pelo fato de os falantes do português popular tenderem a usar mais formas do presente do indicativo, do pretérito imperfeito do indicativo e pretérito perfeito. Dentre essas formas verbais, a do presente do indicativo é a

[28] Evidenciamos que os trabalhos aqui reportados utilizaram classificações distintas para os fatores que constituem o grupo de fatores tipo de verbo. Tais classificações seguiram diferentes vertentes na subdivisão desse grupo.

que apresenta um nível mais elevado de diferenciação morfofonológica, o que ligaria o fator tipo de verbo ao fator saliência fônica.

Desse modo, os nossos resultados nos levam a crer que os verbos de ligação tenham favorecido mais o uso de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense devido a essa relação mantida entre eles e a saliência fônica das formas verbais. Assim, cremos que, devido à presença expressiva em nossos dados de verbos de ligação, eles puderam alcançar os maiores valores percentuais para o favorecimento do uso de marcas da CV3PP.

A atuação dessa variável em nossa investigação seguiu o mesmo comportamento encontrado em outros estudos que a indicaram não ser relevante estatisticamente (CARVALHO, 2018), ou seja, não favorecedora do uso marcado da concordância. Scherre, Naro e Cardoso (2007, p. 312), quanto à consideração desse grupo de fatores nos estudos sobre concordância verbal no PB, afirmam que o fator tipo de verbo, em especial, não revela efeito sobre a concordância, seja de acordo com a categorização tradicional, seja de acordo com a nova proposta de orientação gerativa.

Com relação a esses resultados, como mencionado anteriormente, julgamos que possivelmente esse fator não tenha sido selecionado em nossa rodada devido a uma provável interação com os fatores de outros grupos adotados nesta pesquisa. Monguilhott (2009), por exemplo, evidenciou a forte relação existente entre os verbos inacusativos com a posição e o traço semântico do sujeito. Silva (2005) também evidenciou a forte relação, por exemplo, do sujeito transitivo com o traço [+ humano] do sujeito e do verbo de ligação com a saliência fônica das formas verbais.

Nesse sentido, julgamos ser necessária a realização de uma investigação mais apurada sobre esse grupo de fatores que possibilite ampliar mais a análise dessa variável, por exemplo, classificando-a a partir de outras perspectivas além da por nós adotada, a saber, a partir da perspectiva tradicional, a fim de entendermos melhor a sua influência sobre o fenômeno aqui pesquisado. Futuramente, um melhor refinamento dos fatores desse grupo poderá nos dar uma visão mais adequada sobre o comportamento da CV3PP na mesorregião norte quando evidenciado o tipo de verbo.

5.2.3 Faixa etária

Essa variável extralinguística foi a segunda a ser descartada na rodada geral. A Tabela 14, abaixo, apresenta os resultados percentuais atribuídos a esse grupo de fatores.

Tabela 14 – Probabilidade de ocorrências de marcas da CV3PP de acordo com a faixa etária

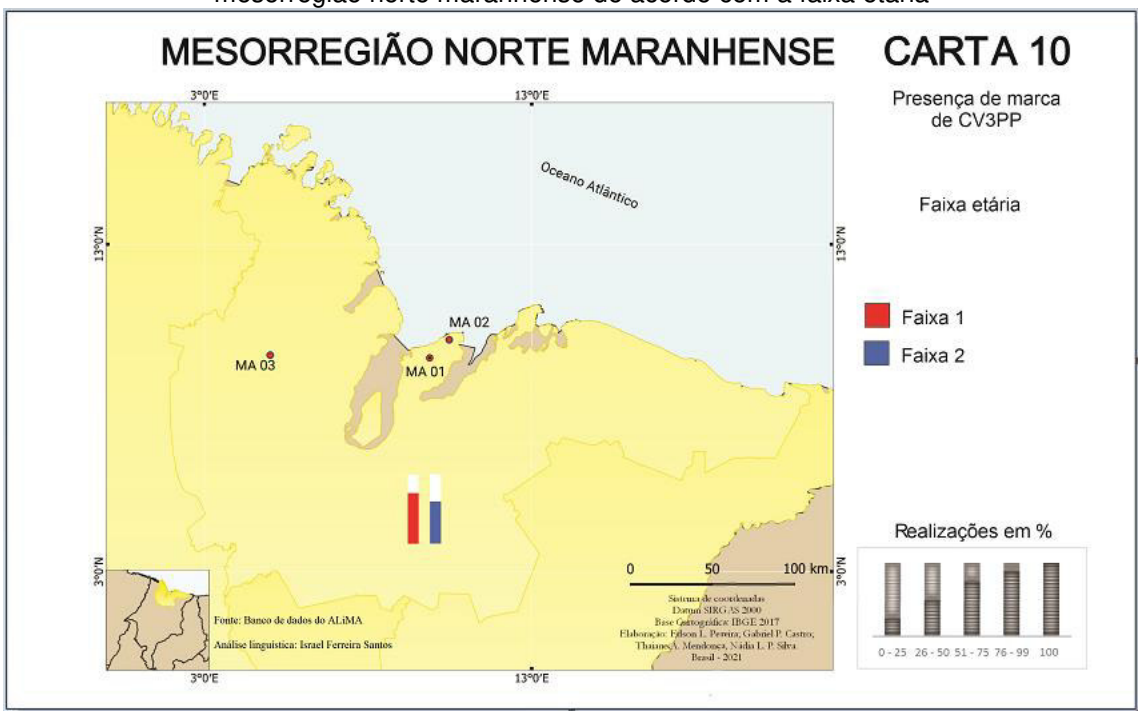
Faixa etária	Apl/Total	%	
Faixa I	298/404	73,8%	
Faixa II	520/767	67,8%	
Total	818/1.171	69,9%	
Input: 0.75			Significância 0.00

Fonte: Elaborada pelo autor

A diferença entre as faixas etárias dos informantes tende a favorecer usos linguísticos distintos. Assim, a tendência é que quanto maior for a diferença entre as faixas, maiores serão as diferenças de uso linguístico entre os informantes.

Observando os percentuais alcançados por essa variável, constatamos que, com relação aos usos linguísticos realizados pelos informantes das duas faixas etárias, percentualmente, a faixa etária I é o grupo que mais favorece o uso de marcas da CV3PP: o valor alcançado por essa faixa foi de 73,8%. Quanto aos informantes da faixa etária II, o valor atribuído para a marcação da concordância foi de 67,8%. A Carta linguística 10, a seguir, evidencia a distribuição do uso de marcas da CV3PP de acordo com a faixa etária dos informantes na mesorregião norte maranhense.

Carta linguística 10 – Distribuição da presença de marcas da CV3PP na mesorregião norte maranhense de acordo com a faixa etária



Fonte: Banco de dados do ALiMA – carta elaborada por Pereira, Castro, Mendonça e Silva, e revisada pelo autor (2021)

A título de comparação com os nossos resultados, apresentamos, a seguir, alguns valores alcançados por essa variável em outras investigações. Em estudos como os de Faria (2008) e Welchen (2009), a variável faixa etária seguiu o mesmo comportamento que em nossa investigação, ou seja, não foi selecionada na rodada estatística como relevante para o fenômeno em investigação.

No estudo de Faria (2008), os resultados alcançados demonstraram que a maior probabilidade de uso marcado da CV3PP foi alcançada pelos informantes de meia idade (40-60 anos), com peso relativo de 0.69, seguidos pelos adultos (25 a 39 anos) com peso relativo de 0.65. Logo em seguida, aparecem os idosos (acima de 60 anos) com peso relativo de 0.55 e, por último, aparecem os jovens (16 a 24 anos) com peso relativo de 0.29.

Em Welchen (2009), foram os informantes mais jovens (16 -25 anos) os que mais marcaram a concordância verbal, o percentual de uso foi de 83%. Em seguida, aparecem os informantes da faixa etária mais velha (50 - +65 anos), com percentual de uso de 82%, e, por último, aparecem os de faixa etária intermediária (26 – 49 anos) com percentual de 80%.

Considerando os valores alcançados em nosso estudo e nos estudos de Faria (2008) e Welchen (2009), percebemos comportamentos distintos para essa variável. Ou seja, em nossa investigação e na de Welchen (2009), foram os informantes mais novos que mais favoreceram o uso de marcas da CV3PP, enquanto em Faria (2008) foram os informantes de meia idade que mais preservaram a marcação. Comparando os resultados de Faria (2008) e Welchen (2009), podemos observar um movimento contrário das faixas etárias quanto ao uso marcado da CV3PP. Essas divergências encontradas em nosso trabalho e nos outros estudos aludidos podem ser explicadas pelo modelo de *fluxos e contrafluxos* proposto por Naro e Scherre (2006) ao postularem que, na comunidade de fala brasileira, há direções diversas com relação ao fenômeno da concordância verbal.

Apesar da variável faixa etária não haver sido selecionada como relevante em nossa investigação, os valores percentuais atribuídos revelam que a nossa hipótese inicial para esse grupo de fatores se confirmou. Assim como havíamos hipotetizado, foram os informantes mais jovens que mais preservaram o uso de marcas da concordância verbal. Nesse sentido, cabe levantarmos algumas considerações em relação a esse resultado que julgamos pertinentes para justificar os valores alcançados, percentualmente, para cada grupo etário.

No nosso estudo, os informantes mais jovens se mostraram mais expostos aos meios digitais de comunicação; em outras palavras, são os mais inseridos em redes de relações sociais intermediadas pelos meios de comunicação de massa, como a televisão, o rádio e a internet. A maioria dos jovens entrevistados revelaram estar mais conectados com os meios de comunicação (TV e o rádio) do que os mais velhos, que disseram ter mais acesso somente à TV. Essa realidade permite aos mais jovens terem contato com outras culturas e outros contextos comunicativos em que formas verbais prestigiadas são utilizadas. Essas interações, intermediadas pelos meios de comunicação digitais, influenciam no modo como os mais jovens se expressam, nesse sentido, e como resultado dessas interações, temos jovens, talvez, assimilando modos de falar que prezem o uso de formas verbais mais prestigiadas.

Os mais velhos, por sua vez, por não estarem tão engajados nesses contextos comunicativos valorizados pelos mais jovens, tendem a preservar

formas linguísticas menos prestigiadas, estando mais propensos a não manter, por exemplo, o uso de marcas da concordância verbal.

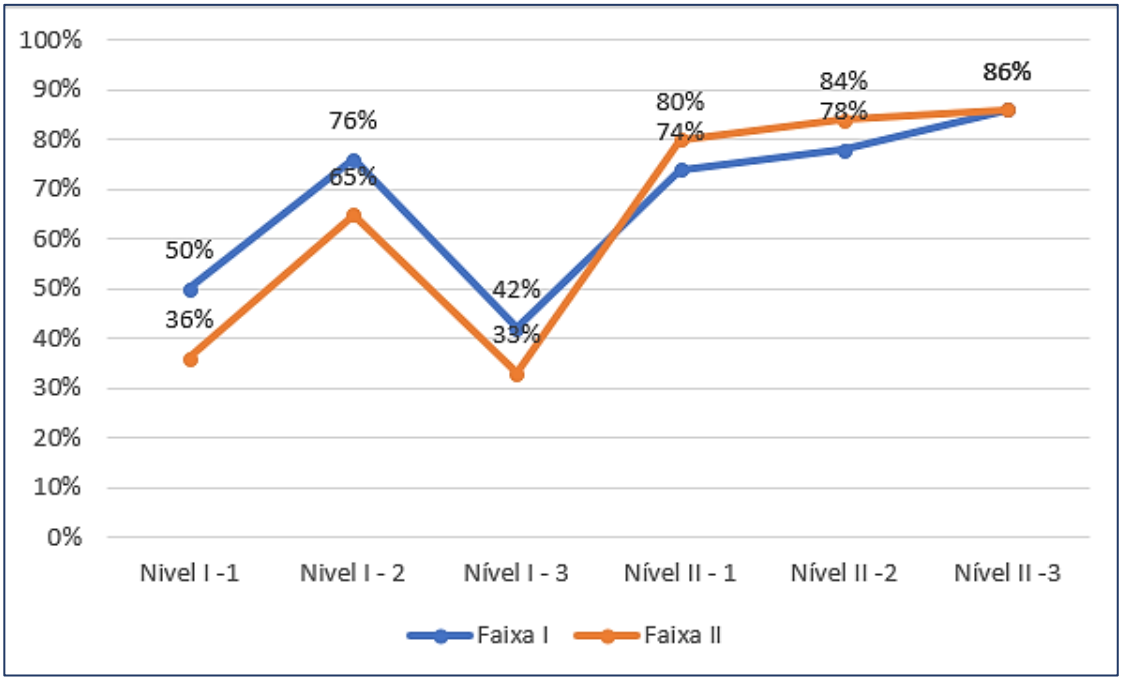
Um outro aspecto que também julgamos pertinente e que pode vir a ser revelador desses resultados é o mercado de trabalho. A maioria dos informantes da faixa etária I afirmou trabalhar em empregos formais de diversas áreas: padaria, restaurante, escolas, etc. Os informantes da faixa etária II, por sua vez, afirmaram exercer profissões não formalizadas, ou seja, trabalhavam por conta própria, apenas 1 informante dessa faixa etária já havia se aposentado.

Nesse sentido, julgamos que as pressões do mercado de trabalho também possam influenciar os mais jovens a marcarem mais a CV3PP, pois eles estão em contato direto com outros indivíduos em uma rede de relacionamento intensa possibilitada pelo mercado de trabalho, o que parece não existir com relação àqueles que estão fora desse mercado, mas, que exercem profissões não formalizadas como agricultura, lavoura, e pequenos comerciantes.

Portanto, os valores atribuídos a cada faixa etária nos sugerem que na mesorregião norte maranhense pode haver uma tendência de que no futuro haja um maior favorecimento da manutenção de marcas da concordância nas formas verbais em terceira pessoa do plural, visto que foram os mais jovens que se mostraram mais mantenedores do uso marcado da CV3PP.

Com o intuito de verificarmos se cada faixa etária favorece um nível específico da saliência fônica no uso marcado da concordância verbal, decidimos cruzar esses dois fatores para observarmos o nível de percepção de cada faixa etária em cada categoria das formas verbais opostas. No Gráfico 6, abaixo, estão os valores percentuais resultantes desse cruzamento.

Gráfico 6 – Cruzamento entre os fatores saliência fônica e faixa etária



Fonte: Elaborado pelo autor

Como demonstrado no Gráfico 6, os maiores percentuais de uso de marcas da concordância se apresentaram no nível II da escala de saliência fônica. No entanto, quando observamos as duas faixas etárias, vemos que há uma oposição de uso marcado da concordância entre as duas faixas etárias que revela o nível de percepção de cada faixa etária quanto à diferença fônica entre os pares verbais no singular e no plural.

No nível I de oposição entre as formas verbais, os maiores valores percentuais para a presença de marcas foram atribuídos aos informantes pertencentes à faixa etária I, ou seja, aos mais jovens. Esses informantes mostraram-se mais sensíveis para a percepção da diferenciação entre as formas verbais opostas nesse nível de saliência fônica. Os valores atribuídos à faixa etária I nos sugerem que é nesse nível de escala da saliência fônica que os mais jovens conseguem diferenciar as formas verbais opostas de número (no singular e no plural) aplicando, dessa forma, as marcas de concordância nos verbos em terceira pessoa do plural.

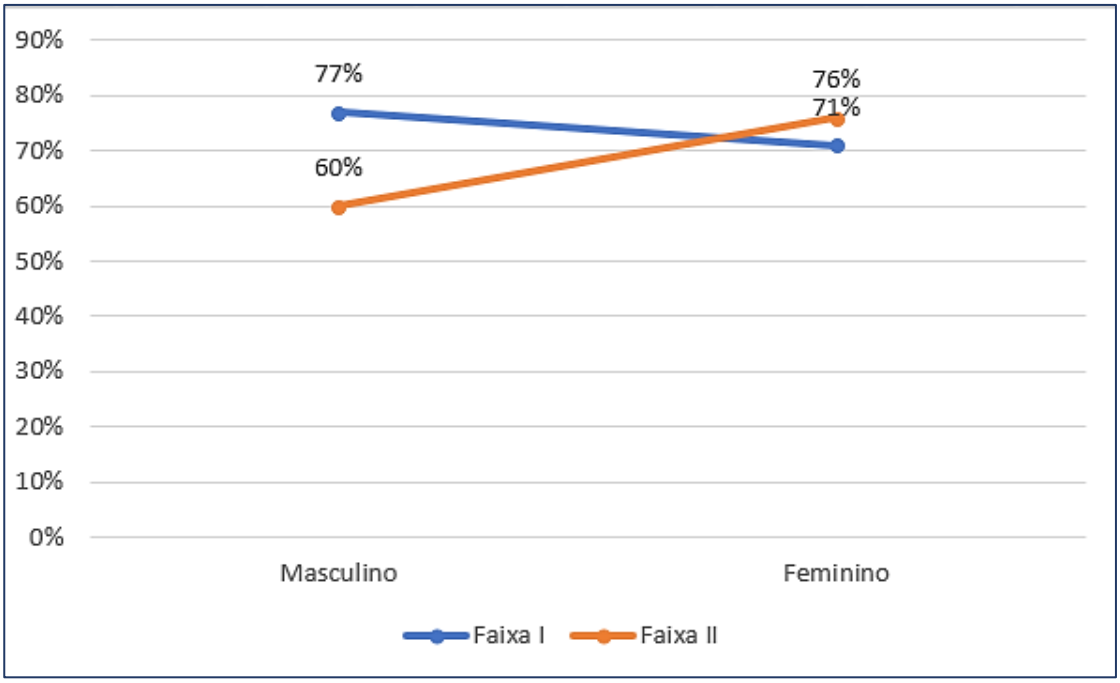
Os informantes mais velhos, aqueles pertencentes à faixa etária II, apresentaram baixos índices de favorecimento de marcas da concordância com os verbos do nível I. Os valores nos indicam que, para esse nível de escala da saliência fônica, há baixa percepção entre as formas verbais opostas para os

informantes dessa faixa de idade cuja percepção dos pares verbais opostos se mostrou mais evidente no nível II da escala de saliência fônica.

Isto posto, os valores nos sugerem que, dependendo da faixa etária, há uma preferência de uso marcado da concordância de acordo com o nível da escala de saliência fônica das formas verbais. Os informantes da faixa etária I favoreceram mais as marcas de concordância nos verbos do nível I, enquanto os informantes da faixa etária II favorecem mais as marcas de concordância nos verbos do nível II. Apenas na categoria 3 do nível II os valores foram iguais para os informantes das duas faixas etárias, o que nos sugere que, independentemente da faixa etária, os verbos da categoria 3 do nível II apresentam os maiores valores percentuais para o uso marcado da concordância devido à alta distinção entre as formas singular e plural de terceira pessoa nesses verbos.

Cruzamos, também, os fatores faixa etária e sexo dos informantes, pois acreditamos haver uma possível preferência de uso marcado da concordância nas faixas etárias tendo em vista o sexo dos informantes. No Gráfico 7, abaixo, estão evidenciados os valores obtidos com esse cruzamento.

Gráfico 7 – Cruzamento entre os fatores sexo e faixa etária



Fonte: Elaborado pelo autor

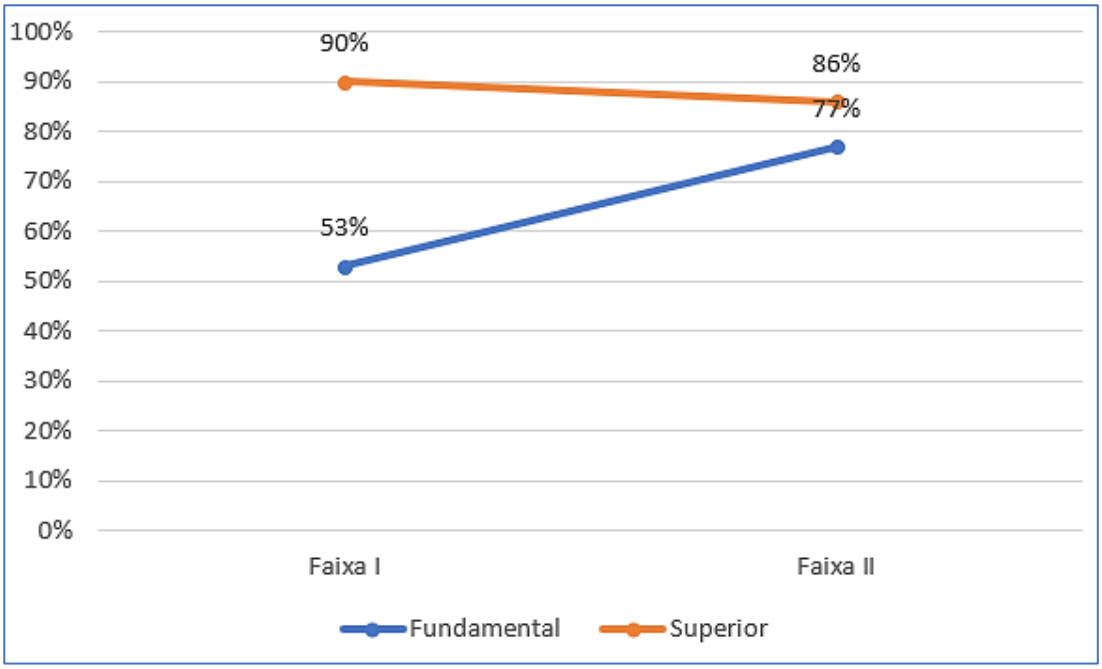
De acordo com os valores apresentados no Gráfico 7, observamos um fato um tanto curioso quanto ao uso de marcas da CV3PP de acordo com a faixa etária e o sexo dos informantes. Os dados revelam que na faixa etária I não há uma diferença expressiva para o uso marcado dessa concordância entre os dois sexos. Homens e mulheres apresentaram quase o mesmo comportamento para o favorecimento do uso da marcação da CV3PP. A diferença foi apenas de 6 pontos percentuais para eles, ou seja, nessa faixa etária, foram os homens que mais marcaram a concordância: o percentual atribuído a eles foi de 77% e o atribuído a elas foi de 71%.

Quanto aos informantes da faixa etária II, houve uma diferença de uso da marca de concordância. As mulheres favoreceram mais o uso marcado da CV3PP do que os homens. O valor percentual atribuído a elas foi de 76% e a eles foi de 60%.

Esses valores também sugerem que, no geral, são as mulheres mais velhas que estão mais atentas à preservação de marcas da concordância, enquanto que os homens mais novos se mostraram mais atentos à preservação da marcação da CV3PP na mesorregião norte maranhense.

Decidimos também cruzar os fatores escolaridade e faixa etária dos informantes com o intuito de observamos como se efetiva a marcação dentro de cada faixa etária de acordo com a escolaridade dos informantes, visto crermos que os informantes de nível superior, em todas as faixas, favorecem mais o uso marcado da concordância. O Gráfico 8, a seguir, apresenta os valores alcançados.

Gráfico 8 – Cruzamento entre os fatores escolaridade e faixa etária



Fonte: Elaborado pelo autor

Podemos observar que, somente na faixa etária I, encontramos diferenças relevantes entre os valores atribuídos aos dois níveis de escolaridade para a marcação da concordância de terceira pessoa do plural nos verbos. Na faixa I, ou seja, entre os mais jovens, os informantes de nível superior favorecem muito mais o uso de marcas de concordância, para eles o percentual foi de 90% de uso. Já os informantes de nível fundamental favorecem menos, alcançando o valor de 53% para o uso marcado da CV3PP.

Para os informantes da faixa etária II, não houve diferença sensível entre os usos, pois os valores atribuídos a eles estão próximos. No entanto, todos eles se mostraram favorecedores do uso marcado da concordância. Os informantes de nível fundamental, dessa faixa etária, alcançaram 77% de favorecimento, enquanto os de nível superior alcançaram 86%.

Esses resultados nos sugerem que o nível de escolaridade exerce mais influência nos informantes da faixa I, ou seja, nos mais jovens, pois a diferença de uso foi bem substancial entre as duas escolaridades desse grupo. Quanto aos informantes mais velhos, o nível de escolaridade parece não exercer muita influência, uma vez que os valores de uso não foram tão diferentes entre os dois níveis nesse grupo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou, a partir de uma perspectiva geossociolinguística, investigar o comportamento da variação da CV3PP na mesorregião norte maranhense. Nesse sentido, pautando-nos principalmente no aparato teórico metodológico da Dialetologia, da Geolinguística, e também da Sociolinguística variacionista, foi possível observar o perfil do comportamento linguístico dos falantes da região geográfica investigada.

Estabelecendo variáveis linguísticas e extralinguísticas para a observação do fenômeno aqui analisado, pudemos constatar que o comportamento da variação da CV3PP na mesorregião norte maranhense é condicionado por fatores de ordem linguística e extralinguística. Com base nos dados analisados, pudemos evidenciar que o comportamento do fenômeno em análise, em terras maranhenses, segue algumas tendências encontradas em estudos que investigaram o mesmo fenômeno em outras regiões do país.

Assim, cabe ressaltarmos que a maioria de nossas hipóteses iniciais formuladas foram confirmadas. A seguir, retomamos essas hipóteses formuladas para os grupos de fatores considerados nesta pesquisa, bem como, os resultados para cada fator de acordo com as rodadas dos dados no programa computacional Goldvarb X.

Dos nove grupos de fatores controlados nesta investigação, apenas dois foram descartados na rodada estatística do Goldvarb X. Os grupos de fatores posição do sujeito em relação ao verbo, traço semântico do sujeito, saliência fônica, paralelismo formal, localidade, sexo e escolaridade foram os grupos selecionados como favorecedores do uso de marcas da CV3PP, enquanto os grupos de fatores tipos de verbo e faixa etária foram excluídos pela rodada.

Para o grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo, hipotetizamos, inicialmente, que o sujeito anteposto ao verbo favoreceria a marcação de CV3PP e que o seu desfavorecimento seria influenciado pela posposição do sujeito. Contudo, os pesos relativos indicaram que o sujeito anteposto influencia apenas levemente o uso de marcas da CV3PP, e o sujeito posposto se mostrou, de fato, inibidor da marcação da CV3PP.

Em relação ao traço semântico do sujeito, baseando-nos em estudos anteriores, hipotetizamos que a marcação da CV3PP seria mais evidenciada

quando o sujeito apresentasse traço [+ humano] e o sujeito com traço [- humano] seria o menos favorecedor do uso marcado dessa concordância. Os resultados apresentados evidenciaram que as nossas hipóteses para esse grupo de fatores são verdadeiras, pois, na mesorregião norte maranhense, o sujeito com traço [+ humano] foi o fator que mais colaborou para o uso de marcas da CV3PP.

Para o grupo de fatores saliência fônica, as nossas hipóteses também foram confirmadas. Tendo em vista o princípio da saliência fônica estabelecido por Naro (1981), acreditamos inicialmente que, na mesorregião norte do Maranhão, o uso de marcas da CV3PP seria proporcional ao nível de diferença fônica entre as formas verbais em terceira pessoa no singular e no plural. Isso se confirmou, uma vez que os dados evidenciaram que os maiores pesos relativos foram atribuídos aos verbos pertencentes ao nível II da escala de saliência fônica. Assim, os pesos relativos atribuídos ao favorecimento do uso de marcas da CV3PP foram proporcionais ao nível de saliência fônica dos verbos desse nível.

Nesse sentido, nossos dados evidenciaram que quanto maior a diferença fônica, maiores são os pesos relativos atribuídos aos verbos das categorias no nível II da escala de saliência fônica. Dessa forma, os verbos pertencentes à última categoria (3) do nível II foram os que mais privilegiaram o uso marcado da CV3PP, visto que a diferença fônica entre eles é mais latente.

Quanto ao paralelismo formal no nível clausal (oracional), levantamos nossas hipóteses a partir do princípio estabelecido por Scherre (1998) de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros. Inicialmente, esse grupo estava divido em quatro fatores. No entanto, no decorrer da pesquisa foram necessários alguns ajustes que fizeram com que fossem mantidos apenas dois fatores nesse grupo.

Mesmo com esses ajustes necessários, nossa hipótese inicial para esse grupo de fatores se confirmou, pois a presença de marca de plural no último ou único elemento do sintagma nominal foi o fator que mais contribuiu para o uso de marcas da CV3PP na mesorregião em análise. Enquanto a ausência de marca de plural no último ou único elemento do sintagma nominal favoreceu menos o uso da marcação da concordância.

No que tange ao fator extralinguístico localidade, hipotetizamos inicialmente que São Luís, por ser a capital do Maranhão e uma das cidades

mais desenvolvidas do estado, apresentaria os maiores valores probabilísticos para o favorecimento do uso de marcas da CV3PP, e, em seguida, viria Raposa, devido à sua proximidade com a capital e às possíveis influências advindas de aspectos culturais, linguísticos, econômicos, dentre outros, recebidas de São Luís. No entanto, as análises estatísticas não confirmaram totalmente nossas hipóteses, já que Raposa foi o município que menos favoreceu o uso de marcas da CV3PP. Nesse sentido, São Luís foi o município que se mostrou o mais favorecedor da marcação, seguido por Pinheiro.

Para o grupo de fatores sexo, seguimos o que muitas pesquisas têm evidenciado quanto ao uso linguístico entre homens e mulheres, ou seja, hipotetizamos que as mulheres da mesorregião norte maranhense seriam as que mais favoreceriam o uso marcado da CV3PP. Tal hipótese se confirmou, uma vez que foram elas que mais favoreceram a marcação dessa concordância.

Tendo em vista que apenas no município de São Luís houve informantes com dois níveis de escolaridade, foi necessário fazermos uma rodada separada para esse município. Para esse grupo de fatores, as nossas hipóteses seguiram o que muitos estudos têm evidenciado quando o nível de escolaridade é testado, isto é, são os informantes com maiores níveis de escolaridade que mais favorecem o uso de marcas da CV3PP. Esse princípio foi confirmado em São Luís, pois nossas hipóteses foram confirmadas. Na capital maranhense, os maiores pesos relativos para o favorecimento da marcação da concordância verbal nos verbos em terceira pessoa do plural foram atribuídos aos informantes com nível superior de ensino.

O grupo de fatores tipos de verbo não foi selecionado na rodada do programa Goldvarb X. No entanto, tendo em vista os valores percentuais atribuídos aos fatores desse grupo, ficou evidenciado que nossas hipóteses iniciais não se confirmaram. Hipotetizamos que, nesse grupo de fatores, os verbos transitivos viriam a ser os mais favorecedores do uso de marcas da CV3PP, enquanto os verbos intransitivos, auxiliares e de ligação desfavoreceriam essa marcação. Porém, os resultados da rodada estatística mostraram que foram os verbos de ligação os que mais contribuíram para o uso da marcação, seguido dos verbos intransitivos. O verbo transitivo e o verbo auxiliar foram os que menos favoreceram o uso marcado da concordância. Os dois apresentaram percentuais semelhantes. Isto posto, acreditamos que os

maiores valores de favorecimento atribuídos ao verbo de ligação para o uso da marcação da CV3PP estejam relacionados ao nível de saliência fônica apresentado por esses verbos em nosso *corpus*.

No que diz respeito à faixa etária – outro grupo de fatores excluído da rodada estatística – hipotetizamos, inicialmente, que os informantes mais jovens seriam os que mais favoreceriam o uso marcado da CV3PP, visto que eles estariam mais inseridos em contextos comunicativos intermediados pelas novas tecnologias digitais. Mesmo não sendo selecionado pelo programa, os valores percentuais atribuídos a cada fator desse grupo demonstraram que as nossas hipóteses eram pertinentes. Ou seja, na mesorregião norte do Maranhão, são os informantes da faixa etária I, os mais jovens, que mais favorecem o uso da marcação da CV3PP. Além da questão do contato com os meios tecnológicos de comunicação, também evidenciamos a influência do mercado de trabalho para os valores alcançados por essa faixa etária.

Baseando-nos nos nossos resultados e análises, identificamos algumas particularidades que indicam questões que merecem investigações mais aprofundadas e detalhadas sobre o comportamento do fenômeno da CV3PP no português falado no Maranhão. Citamos, por exemplo, a influência do fator sexo para o uso marcado da CV3PP: enquanto em alguns estudos aqui abordados esse fator não se revelou relevante para o uso das marcas dessa concordância, em nossa investigação, na rodada geral, ele foi selecionado em segundo lugar como o mais importante. Isso nos levou a refletir que os homens e as mulheres maranhenses possam ter comportamentos linguísticos que se diferenciam daqueles encontrados em outras regiões do país.

Outra questão que também merece destaque, e que julgamos necessitar de uma investigação mais apurada, é a influência do grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo, uma vez que o fator sujeito anteposto obteve um valor de peso relativo muito próximo ao peso neutro.

Tendo como base esses resultados, julgamos, portanto, que se mostra bastante pertinente uma investigação que vise ampliar ainda mais o detalhamento das influências exercidas por esses dois grupos de fatores a partir de um refinamento de seus fatores considerados.

Nesse sentido, ressaltamos a necessidade de um estudo futuro, em nível de doutoramento, que englobe outras regiões do estado para expandirmos mais

a investigação deste fenômeno considerando além dos fatores aqui adotados, outros fatores que possam fornecer-nos um maior entendimento sobre a natureza da CV3PP no português falado no Maranhão.

Apesar de termos passado por uma certa limitação quanto ao estabelecimento de algumas variáveis linguísticas e extralinguísticas, devido aos dados que utilizamos, acreditamos que uma investigação em nível de doutoramento possa nos possibilitar ampliar mais os grupos de fatores (linguísticos, estilísticos, sociais, etc.) que condicionam o uso das marcas de CV3PP no estado.

Portanto, acreditamos que, com este estudo, contribuímos para a ampliação do conhecimento tanto das particularidades linguísticas do português falado no Maranhão quanto do português falado no Brasil, de uma forma geral.

A partir desses resultados, cremos que esta pesquisa se apresenta como uma das pioneiras a investigar a CV3PP no estado do Maranhão a partir de uma perspectiva Dialetológica, Geolinguística e Sociolinguística, visto não termos encontrado em nossas buscas bibliográficas quaisquer trabalhos que tenham se debruçado sobre o fenômeno na perspectiva aqui adotada.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. C. B. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

BARDEN, L. V. **A Concordância Verbal da Terceira Pessoa do Plural na Fala de Porto Alegre**. Anais do IV Congresso Internacional da Abralin. Brasília: [s.n.]. 2005. p.1145-1158. Disponível em: <http:// https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2013/02/anaiscongresso05.pdf> Acesso em: 24 abr. 2021.

BERLINCK, R. de A. **A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia**. Campinas, 1988. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

BECHARA, E. **Moderna Gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELUZO, M. F.; TONIOSSO, J. P. O mobral e a alfabetização de adultos: considerações históricas. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, N. 2, p. 196-209, abr. 2015.

BORTONI-RICARDO, S. M. **A concordância verbal no português: um estudo de sua significação social**. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (orgs.). Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil – uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p.363-380.

BRANDAO, S. F. **A geografia lingüística do Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, C. R. **Variação na concordância verbal no indivíduo: um confronto entre o linguístico e o estilístico**. Brasília, 2005. Dissertação de Mestrado. UnB.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. Dialetologia. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto,2016.

CARVALHO. M. A. A. **Padrões morfossintáticos variáveis na fala de Quirinópolis-GO: a concordância verbal de terceira pessoa do plural - p6**. Uberlândia, 2018. Tese de doutorado. Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia.

CALLOU, D. Quando dialetologia e sociolinguística se encontram. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n.41, p.30-48, jan.-jun. 2010.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P. ***La Dialectología***. Madrid: Visor Libros, 1994.

CEZÁRIO, M.M; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. México. Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

ELIZAINCÍN, A. Socio y Geolinguistica: nueva alianza em los estúdios sobre el uso linguístico. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre, n.40, p. 13-28, jan.-jun. 2017.

FARIA, N. V. M. de. **A concordância verbal no Português de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2008. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

FERREIRA, C; CARDOSO, S.A. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FEITOSA, A. C. et al. O atlas linguístico do Maranhão: um projeto em desenvolvimento. **Caderno de Pesquisa**, v.11, n.2, p. 9-20, jul/dez. 2000.

GAMEIRO. M. B. **A variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio: uma avaliação de fatores linguísticos e sociais**. Araraquara, 2009. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

GONÇALVES, V. F. **A Ausência de Concordância Verbal no Vale do Rio Doce**. Belo Horizonte, 2007. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, UFMG.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa - instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. **II Congresso internacional da Abralin**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001.

HORA, D; ESPÍNOLA, S. O paralelismo Lingüístico e sua atuação no processo variável da concordância verbo-sujeito. **Revista da Abralin**, v. 3, n.1-2, p.217-241, jul/dez. 2004.

IBGE – Instituo Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>. Acesso em: 15 out. 2020.

IMESC**. Enciclopédia dos Municípios Maranhenses: microrregião geográfica da Baixada Maranhense**. São Luís: IMESC, 2013. 593p. v.2. Disponível em: <http://imesc.ma.gov.br/portal/Post/view/territoriais/84>. Acesso em: 19 jan. 2021.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. Rio de Janeiro: Parábola, 2008 [1972].

LEÃO, H. C. R.; JÚNIOR, A. S. V. **Perfil econômico do Maranhão**. Set. 2018. Informe ETENE/BNB. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/80223/1103955/Ano+3_n3_Set_2018.pdf/06d9f1df-e0be-e671-9852-0b9d436be9ea>. Acesso em: 26 nov. 2020.

LEMLE, M.; NARO, A. J. **Competências básicas do português**. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford, 1977.

LUCCHESI, D. Parâmetros sociolinguísticos do Português do Brasil. **Revista da Abralin**, Vol.5, n. 1 e 2, dez. 2006.

MANÉ, D. As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico. **Revista de Linguística e Teoria Literária**, Anápolis, n.1, p.39-51, jan/jun. 2012.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação** (orgs.). 4 ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 9-14.

MONGUILHOTT, I. de O. S.; COELHO, I. L. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa do plural em Florianópolis. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). **Variação e mudança no português falado na região Sul**. Pelotas: Educat, 2002. p. 189 -216.

MONGUILHOTT, I. de O. S. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. Florianópolis, 2001. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE**. Florianópolis, 2009. Tese de doutorado. Curso de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

MONTE, A. **Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolingüística da cidade de São Carlos**. Araraquaea-SP, 2007. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista.

NICOLAU, E. M. D. **A Ausência de Concordância Verbal em Português: Uma Abordagem Sociolingüística**. Belo Horizonte, 1984. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

NARO, A. J; SCHERRE, M. P. Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número. In.: PAIVA, M. C; DUARTE, M. E. L (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003.

NARO, A. J; SCHERRE, M. P. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntatic change. **Language**, 57 (1): 63-98, 1981.

OLIVEIRA, M. dos S. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitoria da Conquista: variação estável ou mudança em progresso?** Salvador, 2005. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

Página da prefeitura municipal de São Luís. Disponível em <https://www.saoluis.ma.gov.br/>. Acesso em: 15 de jun. 2020.

Página da prefeitura municipal de Raposa. Disponível em <https://www.raposa.ma.gov.br/>. Acesso em: 15 de jun. 2020.

Página da prefeitura municipal de Pinheiro. Disponível em <http://pinheiro.ma.gov.br/> Acesso em: 15 de jun. 2020.

PAIM, M. M. T. **Tudo é diverso no universo**. Salvador: Quarteto, 2019.

PONTES, E. S. L. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo: Ática, 1986.

RAMOS, C. de M. A. *et al*. **Estudos Sociodialetais do estado do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2019.

REIS, J.R. S. dos. **Raposa: seu presente, sua gente, seu futuro**. São Luís: LITHOGRAF, 1998.

RIBEIRO, P.R.O; LACERDA, P.F. A da C**.** Variação, mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil. **Revista Linguística**, v.9, n.2, p.91-105, 2013.

RODRIGUES, A. C. de S. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. São Paulo, 1987. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ROMANO, V. P. **Percurso historiográfico e metodológico de Geolinguística**. Revista Papeis, Campo grande, n. 35, p.135-153, 2014.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, E. **Goldvarb X** – A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/ Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em: 18 out. 2020

SCHERRE, M.M.P. Paralelismo linguístico. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p. 29-59, jul./dez. 1998.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. A concordância de número no Português do Brasil: um caso de variação inerente. In: HORA, Dermeval. (org**.) Diversidade lingüística no Brasil.** João Pessoa: Ideia, 1997.

_____. **Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português**. Fórum Lingüístico: Pós-Graduação em Lingüística, UFSC. Florianópolis:1 (45-71), 1998.

_____. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. **DELTA**, v.19, n.1, p. 1-14, 1993.

_____. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: Rufino, G. (Org.) Dialettologia, geolinguística, sociolinguística. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Universitá di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5: 509-523, 1998.

____. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M.C,; BRAGA, M,L(Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2019, p. 147-177.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J; CARDOSO, C. R. O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro. **DELTA**, v. 23, p. 283-317, 2007.

SGARBI, N.M. **A variação da concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul**. Araraquara, 2006. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

SILVA, J. A. A. da. **A concordância verbal no português afrobrasileiro: um estudo sociolingüístico de três comunidades rurais do estado da Bahia**. Salvador, 2003. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

_____. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia.** Salvador, 2005. Tese de Doutorado. Instituo de Letras, Universidade Federal da Bahia.

SILVA, G.M. O. Coleta de dados. In: BRAGA, M L & MOLLICA, M.C. **Introdução à sociolinguística: O Tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 117-133.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEYSSIER, P. **Manual de língua portuguesa**. Tradução de Margarida Chorão Carvalho. Coleção linguística. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.

THUN, H. **O novo e velho na Geolinguística**. Cadernos de tradução, Porto Alegre, n.40, p. 59-81, jan.-jun. 2017.

TRUDGIL, P. ***Dialectology.*** New York: Cambridge University Press, 1980.

VAZZATA-DIAS, J. F. A concordância de número nos predicativos/particípios passivos na fala do Sul do Brasil – motivações extralinguísticas. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: EDIPUCRS. V.35, n.1. p.209-228, março de 2000.

VIEIRA, M. S. M; VIEIRA, S.R. A representação sócio-geolinguística de fenômenos morfossintáticos. In: CUNHA, C. S. (Org.) **Estudos geo-sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras vernáculas, 2006, p.99 -111.

VOTRE, S.J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 51-57.

WELCHEN, D. **Pelotas/RS e a concordância Verbal de 3ª pessoa do plural**. Porto Alegre, 2009. Dissertação de mestrado. Instituo de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.